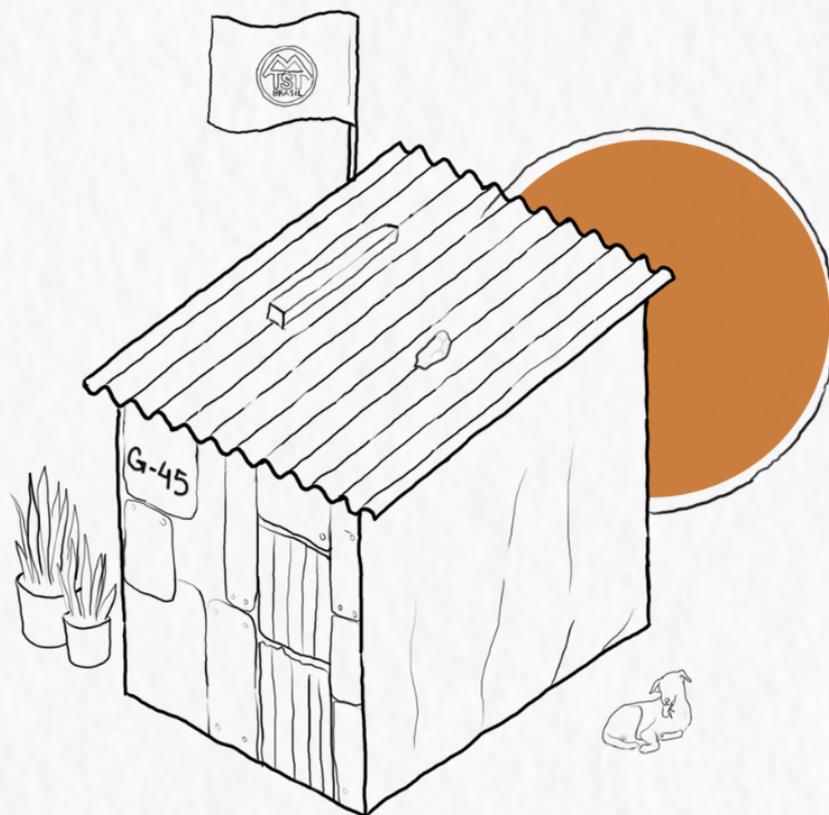




## Ocupar e Resistir: Diretrizes urbanísticas para a Ocupação Tereza de Benguela, Maceió-AL.



Kessy Brenda Silva de Oliveira

Orientação: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diana Helene Ramos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

KESSY BRENDA SILVA DE OLIVEIRA

**Ocupar e Resistir:** Diretrizes urbanísticas para a Ocupação Tereza de Benguela, Maceió-AL.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diana Helene Ramos

MACEIÓ  
2024

KESSY BRENDA SILVA DE OLIVEIRA

**Ocupar e Resistir:** Diretrizes urbanísticas para a Ocupação Tereza de Benguela, Maceió-AL.

Trabalho de Final de Graduação Apresentado ao  
Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade  
Federal de Alagoas, como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharelado em Arquitetura e  
Urbanismo.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diana Helene Ramos

MACEIÓ

2024

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

O48o Oliveira, Kessy Brenda Silva de.

Ocupar e resistir : diretrizes urbanísticas para a Ocupação Tereza de Benguela, Maceió-AL / Kessy Brenda Silva de Oliveira. – 2024.  
111 f. : il. color.

Orientadora: Diana Helene Ramos.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 105-110.

Apêndice: f. 111.

1. Vazios urbanos. 2. Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). 3. Ocupação Tereza de Benguela (Assentamento) – Maceió (AL). 4. Habitação de interesse social. I. Título.

CDU: 711.4 (813.5)

Folha de Aprovação

KESSY BRENDA SILVA DE OLIVEIRA

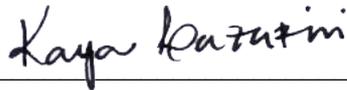
Ocupar e Resistir: Diretrizes urbanísticas para a Ocupação Tereza de Benguela, Maceió-AL.

Trabalho Final de Graduação submetido à banca examinadora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 20 de junho de 2024.

---

(Orientadora - Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Diana Helene Ramos, Universidade Federal de Alagoas)

Banca examinadora:



---

(Examinadora Externa- M.<sup>a</sup> Kaya Lazarini, Universidade de São Paulo)

---

(Examinadora Interna - Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Flávia de Sousa Araújo, Universidade Federal de Alagoas)

---

(Examinadora Interna - Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Débora de Barros Cavalcanti Fonseca, Universidade Federal de Alagoas)

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho que é síntese de uma jornada longa de estudos à minha família, que nunca mediram esforços para que eu me dedicasse aos estudos, em específico, aos meus pais Adriana Silva e Samuel Marinho, por serem meus maiores incentivadores e ao meu irmão Samuel Henrique, por sempre me apoiar e vibrar comigo a cada conquista. Ao meu companheiro de vida, Eduardo, por ser essa fonte de acolhimento e apoio, que nunca me deixou duvidar da minha capacidade, e me deu suporte emocional em toda essa jornada.

Ao EMAU/BECO e meus colegas de gestão por terem fomentado minha paixão pela arquitetura e, principalmente, pelo trabalho coletivo, a vocês Gabriel, Inara, Natalia, Estrela, Marinethe, Gessitiano, Luhan e orientadoras Diana Helene e Flávia Araujo, deixo meus sinceros e carinhosos agradecimentos.

Aos meus colegas de turma e amigos que fizeram essa jornada da faculdade ser mais leve e me mostraram o verdadeiro sentido de não estar só, a vocês Natalia Vieira, Inara, Nathalia Santos e Gabriel, agradeço por todo apoio fornecido, principalmente a Gabriel que colaborou comigo na execução deste trabalho.

À minha orientadora Diana Helene, por ter me guiado nesta jornada e ter acreditado nas minhas ideias, e ao nosso grupo de orientação por ter sido fonte de inspiração, apoio e colaboração, durante nossas orientações coletivas.

À Ocupação Tereza de Benguela e seus moradores/as por me inspirarem e permitirem que eu conhecesse de perto suas realidades, a vocês meus sinceros agradecimentos por todo o acolhimento e ensinamentos.

Ao professor Ricardo Cabús por todo suporte e por me ensinar o valor da pesquisa científica, durante meus anos no Grupo de Pesquisa em Iluminação (GRILU). A Mariama por ser essa amiga e chefe incrível, por todo o incentivo e compreensão nos meus momentos de ausência, para a realização de meus trabalhos acadêmicos.

A todos os meus professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, colegas de turma, técnicos e servidores da FAU, por fazerem eu me sentir em casa, e tornarem esses anos de formação enriquecedores.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente, no meu processo de formação e na realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos pelo suporte e compreensão!

## RESUMO

Dentro do processo de urbanização das cidades e suas dinâmicas de ocupação e desocupação, surgem os vazios urbanos, que se constituem por glebas, terrenos ou edifícios que estão ociosos, abandonados ou subutilizados. Os vazios que não cumprem a função social da propriedade poderão e deverão ser desapropriados, conforme a Constituição Brasileira de 1988. É em meio a esse contexto de áreas em desuso e um déficit habitacional de 6 milhões de domicílios (FJP, 2022) que movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), atuam ocupando glebas vazias nas margens urbanas como forma de protesto, denunciando a falta de reforma urbana e visando garantir um teto. A Ocupação Tereza de Benguela é um dos assentamentos do MTST na cidade de Maceió-AL que luta pela posse de um terreno público subutilizado, com o objetivo de construir habitações e áreas comuns voltadas às necessidades de moradia, cuidado, lazer, alimentação e educação da população local. Diante disto, este Trabalho Final de Graduação tem por objetivo geral a elaboração de diretrizes urbanísticas para esta ocupação, localizada no bairro Cidade Universitária. O produto final e as diretrizes elaboradas visam ser um instrumento de luta para as reivindicações do movimento, bem como um documento de consulta e auxílio para a elaboração de futuros projetos participativos na área.

**Palavras-chave:** Vazios urbanos; Movimento dos Trabalhadores Sem Teto; Habitação de Interesse Social, Ocupação Tereza de Benguela, Maceió-AL.

## ABSTRACT

Within the process of urbanization of cities and their dynamics of occupation and vacating, urban voids arise, which consist of plots, lands, or buildings that are idle, abandoned, or underutilized. Voids that do not fulfill the social function of property may and should be expropriated, according to the Brazilian Constitution of 1988. It is in this context of unused areas and a housing deficit of 6 million homes (FJP, 2022) that social movements like the Homeless Workers Movement (MTST) act, occupying vacant plots on urban fringes as a form of protest, denouncing the lack of urban reform and aiming to secure a roof over their heads. The Tereza de Benguela Occupation is one of the MTST settlements in the city of Maceió-AL, fighting for the possession of an underutilized public land, with the objective of building housing and common areas aimed at meeting the needs of housing, care, leisure, food, and education for the local population. Therefore, this Graduation Final Project has the general objective of developing urban planning guidelines for this occupation, located in the Cidade Universitária neighborhood. The final product and the elaborated guidelines aim to be an instrument of struggle for the movement's demands, as well as a consultation and assistance document for the development of future participatory projects in the area.

**Keywords:** urban voids; Homeless Workers Movement; social housing; Tereza de Benguela Occupation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Localização do objeto de intervenção.	16
<b>Figura 2</b> – Objetivos e metodologias adotadas.	18
<b>Figura 3</b> – Escala de avaliação de participação.	20
<b>Figura 4</b> – Pintura a óleo, associada a imagem de Tereza de Benguela.	24
<b>Figura 5</b> – Bandeira do MTST.	24
<b>Figura 6</b> – Postagem em rede social anunciando a inauguração da cozinha solidária em Alagoas.	26
<b>Figura 7</b> – Postagem em rede social informando sobre a Escolinha Formigueiro.	27
<b>Figura 8</b> – Expansão da malha urbana a partir dos conjuntos e condomínios.	30
<b>Figura 9</b> - Localização da ocupação no mapa de macrozoneamento urbano.	32
<b>Figura 10</b> – Localização da Ocupação Tereza de Benguela no mapa de Zoneamento Urbano.	33
<b>Figura 11</b> – Terreno da UFAL, com a delimitação da área de estudo.	35
<b>Figura 12</b> – Ocupação do MNLM na Av. Alice Carolina e ocupação do FNL na Av. Frei Damião de Bozano, respectivamente.	36
<b>Figura 13</b> – IDHM do bairro cidade universitária.	38
<b>Figura 14</b> – Marcação da bacia endorréica e lagoas de drenagem.	42
<b>Figura 15</b> – Recuo frontal da ocupação em relação a via e localização da suposta lagoa de drenagem, respectivamente.	43
<b>Figura 16</b> – Topografia do terreno.	44
<b>Figura 17</b> – Mapa uso e ocupação do solo da bacia endorreica.	45
<b>Figura 18</b> , <b>Figura 19</b> e <b>Figura 20</b> – Terminais de ônibus do conjunto Village Campestre, Denisson Menezes e UFAL, respectivamente.	48
<b>Figura 21</b> e <b>Figura 22</b> – População da ocupação em reunião com gestores na UDA, médicos da UDA atendendo a população na ocupação, respectivamente.	50
<b>Figura 23</b> e <b>Figura 24</b> – Pontos comerciais na Av. Dr. André Papini Góis e feira gastronômica do Conjunto Graciliano Ramos, respectivamente.	51
<b>Figura 25</b> – Campo de futebol em terra batida na Av. Frei Damião Bozano.	52
<b>Figura 26</b> – Quadra Poliesportiva Denisson Menezes e Praça Principal do Graciliano Ramos, respectivamente.	52

<b>Figura 27</b> – Praça local na Av. Frei Damião Bozano, conhecida como Praça do Borracheiro.	53
<b>Figura 28</b> – Ponto de ônibus na Rua Senador Teotônio Vilela (em frente à casa rosa) e na Av. Frei Damião Bozano, de dia, respectivamente.	56
<b>Figura 29</b> – Ponto de ônibus na Rua Senador Teotônio Vilela; ponto de ônibus na Av. Frei Damião Bozano e Av. Alice Carolina durante a noite, respectivamente.	56
<b>Figura 30</b> – Vegetação encontrada na área.	57
<b>Figura 31</b> – Descarte irregular de lixo próximo as vias.	58
<b>Figura 32</b> – Quadro síntese do diagnóstico urbano.	60
<b>Figura 33</b> – Mapa de Levantamento 1 da Ocupação Tereza de Benguela.	64
<b>Figura 34</b> – Perfis viários da ocupação Tereza de Benguela.	65
<b>Figura 35</b> – Entrada principal da Ocupação Tereza de Benguela.	66
<b>Figura 36</b> – Mapa de Levantamento 2 da Ocupação Tereza de Benguela.	68
<b>Figura 37</b> – Assembleia geral e evento acontecendo na Plenária, respectivamente.	69
<b>Figura 38</b> – Praça em dia de evento na ocupação.	69
<b>Figura 39</b> – Biblioteca Paulo Freire, sediando eventos.	70
<b>Figura 40</b> – Cozinha Tia Marcelina.	71
<b>Figura 41</b> – Horta Chico Mendes.	71
<b>Figura 42</b> – Lavanderia comunitária.	72
<b>Figura 43</b> – Mapa de Cotidiano da Ocupação Tereza de Benguela.	73
<b>Figura 44</b> – Esboço do barraco simples, mediano e dos sonhos, respectivamente.	76
<b>Figura 45</b> – Rede improvisada de iluminação nas ruas da ocupação.	77
<b>Figura 46</b> – Infográfico das diretrizes urbanísticas elaboradas.	80
<b>Figura 47</b> – Mapa de zoneamento das diretrizes.	81
<b>Figura 48</b> – Linhas de ação para a diretriz Garantir a Habitabilidade.	82
<b>Figura 49</b> – Implantação do reassentamento comunidade Pequiá de baixo.	83
<b>Figura 50</b> – Tipologias desenvolvidas.	84
<b>Figura 51</b> – Desenho das habitações e habitações em construção, respectivamente.	84
<b>Figura 52</b> – Esquema de calçada com largura menor ou igual a 2m.	86
<b>Figura 53</b> – Esquema de jardim de chuva e sua aplicação em calçada, respectivamente.	86
<b>Figura 54</b> – Avenida Agamenon, com os postes de pedestres deligados e ligados, respectivamente.	87
<b>Figura 55</b> – Perfil viário 1, proposto para a Ocupação Tereza de Benguela.	87

<b>Figura 56</b> – Perfil viário 2, proposto para a Ocupação Tereza de Benguela.	88
<b>Figura 57</b> – Exemplo de vala verde em Eddington.	88
<b>Figura 58</b> – Exemplo de lago seco.	89
<b>Figura 59</b> – Ilustração de proposta da bacia de retenção vegetada com área de lazer, para a Ocupação Tereza de Benguela.	90
<b>Figura 60</b> – Linhas de ação para a diretriz Visibilizar e Democratizar.	91
<b>Figura 61</b> – Horta comunitária do Condomínio Dandara.	92
<b>Figura 62</b> – Horta comunitária de Manguinhos.	92
<b>Figura 63</b> – Sumário da cartilha Hortas Urbanas: moradia urbana com tecnologia social.	93
<b>Figura 64</b> – Implantação do Centro Comunitário de Camburi.	95
<b>Figura 65</b> – Perspectiva, centro comunitário, padaria, pátio, respectivamente.	95
<b>Figura 66</b> – Linhas de ação para a diretriz Diversificar o Caminhar.	96
<b>Figura 67</b> – Cidades de 15 minutos: como atender às necessidades de bebês, crianças pequenas e cuidadores.	97
<b>Figura 68</b> – Antes e proposta do depois para a The Underline.	98
<b>Figura 69</b> – Espaços de serviço, lazer, exercício e descanso, na via peatonal, proposto para a Ocupação Tereza de Benguela.	99
<b>Figura 70</b> – Detalhe aproximado da via peatonal, proposto para a Ocupação Tereza de Benguela.	99

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
CREN	Centro de Recuperação e Educação Nutricional
EMAU-BECO	Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FAMED	Faculdade de Medicina
FLM	Frente Nacional de Luta no campo e cidade
HUPPA	Hospital Universitário Professor Alberto Antunes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Iniciação Científica
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
MNLM	Movimento Nacional de Luta pela Moradia
MST	Movimento Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores sem Teto
NEST	Núcleo de Estudos do Estatuto da Cidade
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
SEMURB	Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo
SPU	Secretaria do Patrimônio da União
SUS	Sistema Único de Saúde
TFG	Trabalho Final de Graduação
UBS	Unidades Básicas de Saúde
UDA	Unidade Docente Assistencial
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

## SUMÁRIO

<b>IMERSÃO</b>	<b>13</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2 A LUTA: O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST)</b>	<b>22</b>
<b>2.1 MST E MTST (como a luta por terra no campo influenciou na luta por moradia nas periferias)</b>	<b>22</b>
2.1.1 O MST	22
2.1.2 O MTST	23
<b>2.2 ATUAÇÃO EM MACEIÓ</b>	<b>25</b>
<b>3 OCUPAR: ONDE ESTÃO OS SEM-TETOS URBANOS?</b>	<b>29</b>
<b>3.1 LOCALIZAÇÃO</b>	<b>29</b>
<b>3.2 LEGISLAÇÃO</b>	<b>31</b>
<b>3.3 TERRENO</b>	<b>34</b>
<b>3.4 POPULAÇÃO</b>	<b>36</b>
<b>3.5 CONDICIONANTES AMBIENTAIS</b>	<b>41</b>
<b>3.6 É SÓ SEGUIR POR AQUI: ANÁLISE URBANA NO ENTORNO IMEDIATO (RAIO DE 1,5km)</b>	<b>45</b>
3.6.1 MOBILIDADE	47
3.6.2 EQUIPAMENTOS INSTITUCIONAIS	48
3.6.3 INDUSTRIAL E COMÉRCIO	50
3.6.4 ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER	51
<b>3.7 OLHANDO AO REDOR: ANÁLISE URBANA NO ENTORNO IMEDIATO (RAIO DE 600m)</b>	<b>54</b>
3.7.1 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	56
3.7.2 QUADRO SÍNTESE	59

<b>4</b>	<b>RESISTIR: A OCUPAÇÃO TEREZA DE BENGUELA</b>	<b>62</b>
<b>4.1</b>	<b>LEVANTAMENTO</b>	<b>62</b>
<b>4.2</b>	<b>MALHA URBANA E ÁREAS COMUNS</b>	<b>63</b>
<b>4.3</b>	<b>INFRAESTRUTURA DAS HABITAÇÕES</b>	<b>74</b>
<b>4.4</b>	<b>INFRAESTRUTURA URBANA</b>	<b>76</b>
<b>5</b>	<b>PROPOSIÇÕES</b>	<b>80</b>
<b>5.1</b>	<b>GARANTIR A HABITABILIDADE:</b>	<b>82</b>
<b>5.2</b>	<b>VISIBILIZAR E DEMOCRATIZAR:</b>	<b>90</b>
<b>5.3</b>	<b>DIVERSIFICAR O CAMINHAR:</b>	<b>96</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>103</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>105</b>
	<b>APÊNDICE</b>	<b>111</b>

# IMERSÃO



## IMERSÃO

A fim de contextualizar e explicar a tomada de decisão acerca deste tema para o meu Trabalho Final de Graduação, irei expor os caminhos que me levaram até ele. Fui membro efetivo do EMAU-BECO (escritório modelo de arquitetura e urbanismo da FAU-UFAL) por volta de quatro anos e nesse período, em meio a muitas vivências coletivas e projetos participativos, me envolvi no grupo de trabalho (GT) - Jardim Tropical, no qual fomos chamados para realizarmos uma ação coletiva junto ao condomínio de casas Jardim Tropical, que se localiza na Av. Frei Damião de Bozano, no bairro periférico Cidade Universitária.

A proposta do GT era ocupar uma faixa do grande vazio urbano pertencente à UFAL, que fica em frente ao condomínio. Tentamos junto aos/as moradores/as, no ano de 2019, desenvolver um projeto colaborativo para sanar as demandas de lazer e segurança que os preocupavam. Assim em uma dessas visitas ao local me deparei com o terreno que hoje é ocupado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e outros dois movimentos sociais a Frente Nacional de Luta no campo e cidade (FNL) e o Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN). Na época utilizei o terreno para cortar caminho e chegar ao terminal do Village II. Era um grande descampado, com um atalho cortando seu formato retangular em diagonal, uma rota comum e muito utilizada. Um morador do condomínio me indicou que era só seguir pelo caminho da diagonal, para chegar ao terminal mais rápido e assim eu fiz sem medo, pois sou moradora do bairro e já tinha visto o terreno, outras vezes, pela janela do ônibus a caminho da faculdade. Ao redor era possível observar algumas manilhas em concreto, descarte irregular de resíduos sólidos em alguns pontos, e em outros, havia acúmulo de entulho, junto a isto uma vegetação rasteira e espaçada.

Encerramos as atividades do GT no fim de 2019 e parei de frequentar o local. Em 2020 veio a pandemia e, junto a ela, um longo período dentro de casa. No final deste mesmo ano, comecei a passar de forma frequente pela Av. Alice Carolina, e assim, pude observar que naquele descampado que servia apenas como um encurtador de caminho e descarte de lixo, havia agora barracos de lona e uma população crescente de ocupantes. Foi em meio às percepções que obtive ao longo dos anos, vendo a ocupação crescendo, a área habitada, e pensando no potencial habitacional e de vitalidade que a área pode ter, que surgiu o desejo de produzir um projeto para aquelas pessoas, que as incluísse no contexto urbano em que se inserem, de forma que reforce a singularidade do movimento, que já está sendo expressa com a Ocupação Tereza de Benguela, nascida no dia 19 de dezembro de 2019.

# INTRODUÇÃO



## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Santos (2006), a cidade é o resultado dos processos de globalização, urbanização e polarização das condições socioeconômicas humanas, sua construção é influenciada pela especulação imobiliária (os altos preços imobiliários em regiões centrais e os baixos salários), que gera uma dinâmica de ocupação e desocupação de áreas, de acordo com sua valorização ou desvalorização. Dentro desse processo surgem os vazios urbanos que, em suas diversas funções e escalas, se constituem por essas glebas, terrenos ou edifícios que estão ociosos, abandonados ou subutilizados.

Os vazios que não cumprem a função social da propriedade - a função social consiste na utilização da propriedade, urbana ou rural, em consonância com os objetivos sociais de uma determinada cidade, isto é, uma propriedade não deve atender, apenas, aos interesses do proprietário, mas também ao interesse da sociedade Crawford (2017) - poderão e deverão ser desapropriados e redistribuídos, conforme os artigos 182 e 183 da Constituição Brasileira de 1988. É em meio a esse contexto de áreas em desuso, e um apelo populacional por regularização fundiária, que surgiram os movimentos sociais que lutam por reforma urbana, e ocupam esses espaços como forma de protesto denunciando a falta de reforma urbana e a fim de garantir um teto.

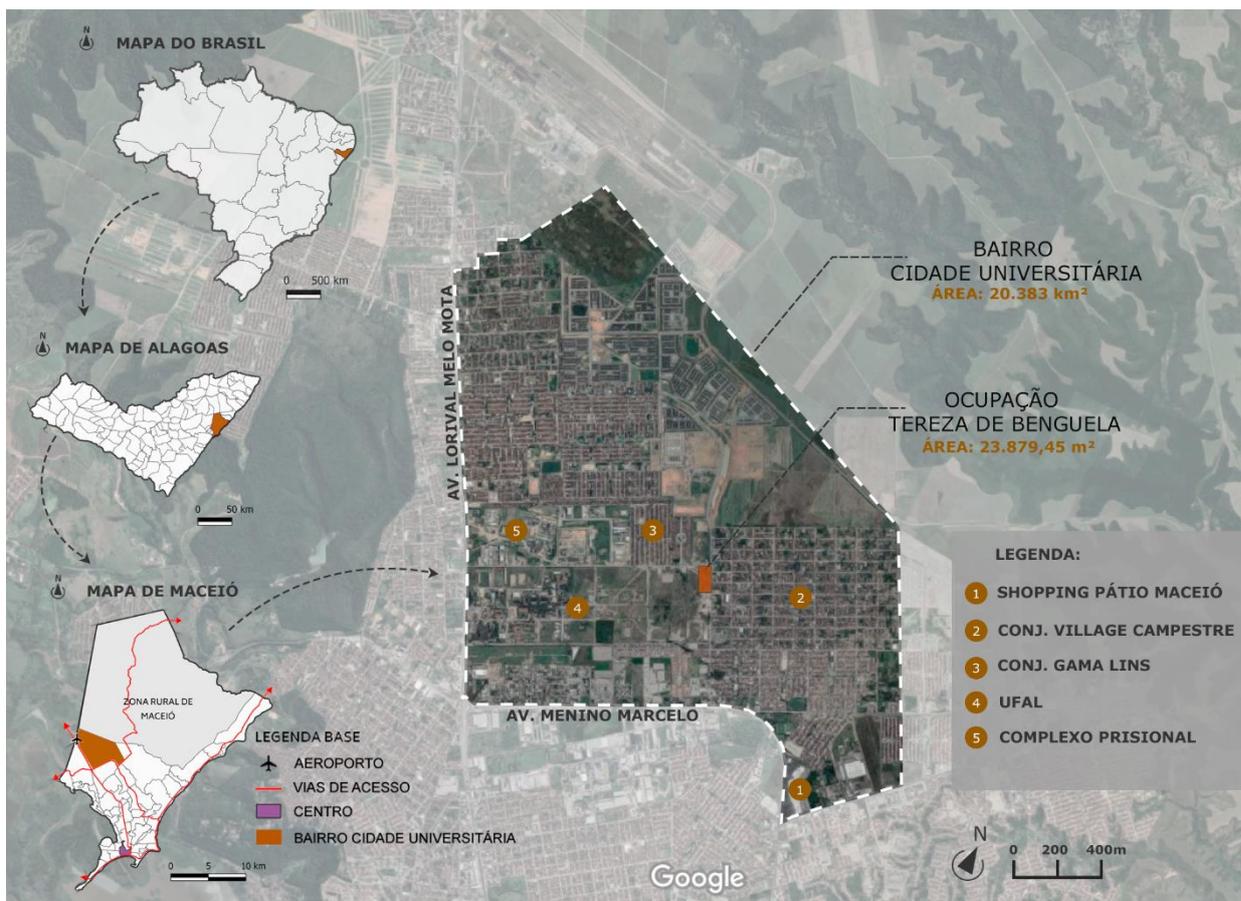
A luta desses movimentos no Brasil teve sua ascensão na década de 1970, onde acontecem as primeiras ocupações organizadas de terra e os primeiros movimentos de luta pela urbanização e regularização fundiária nas favelas (Gohn, 1991), assim nasce o movimento dos sem-terras urbanos. Com o passar do tempo, esses grupos começam a tratar de pautas para além da moradia e incluem questões como localização urbana, reivindicando terrenos próximos a áreas com infraestrutura urbana, equipamentos públicos e aos locais de trabalho, o que demonstra que a luta por moradia, é também uma luta por direito à cidade (Helene, 2019). No Brasil, o déficit habitacional - pessoas sem moradia ou que vivem em situações precárias - chegou a 6 milhões em 2022, segundo a Fundação João Pinheiro, evidenciando que a luta contínua, e a necessidade de morar, leva essas pessoas a reivindicarem esses espaços subutilizados.

Para além dos centros urbanos dotados de infraestruturas e comodidades, as regiões periféricas também são alvos dessas organizações, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) é um desses grupos que atuam ocupando glebas vazias nas margens urbanas, afirmando que a ocupação organizada pode reivindicar a correta distribuição de infraestrutura urbana nas periferias (Helene, 2009). O MTST foi fundado em 1997 e tem por objetivo central a luta pelo

respeito ao direito constitucional de moradia, e para isto organiza a população periférica que sofre com o enorme déficit habitacional, atuando em diversos estados desde então (MTST.ORG, 2024).

Na cidade de Maceió-AL, atualmente o movimento possui duas ocupações: a Dandara, no Conjunto João Sampaio, no bairro Benedito Bentes e a Tereza de Benguela, no Conjunto Village II, no bairro Cidade Universitária, ambas estando em terrenos públicos em áreas periféricas (Santos et al. 2021). A Ocupação Tereza de Benguela fica em um terreno público às margens da Avenida Alice Carolina (Figura 1), uma via que vem ganhando destaque e movimento, por ligar diretamente os Conjuntos Grand Jardim -um grande empreendimento privado, com habitação para classe média-baixa- à Avenida Menino Marcelo. De acordo com Santos et al. (2021) no ano de 2021 a ocupação completou um ano, abrigando cerca de 300 famílias. Tendo em vista que ela ainda permanece no local, no presente ano completa quatro anos de resistência.

**Figura 1** – Localização do objeto de intervenção.



**Fonte:** Imagem via Google Earth e modificada pela autora, 2023.

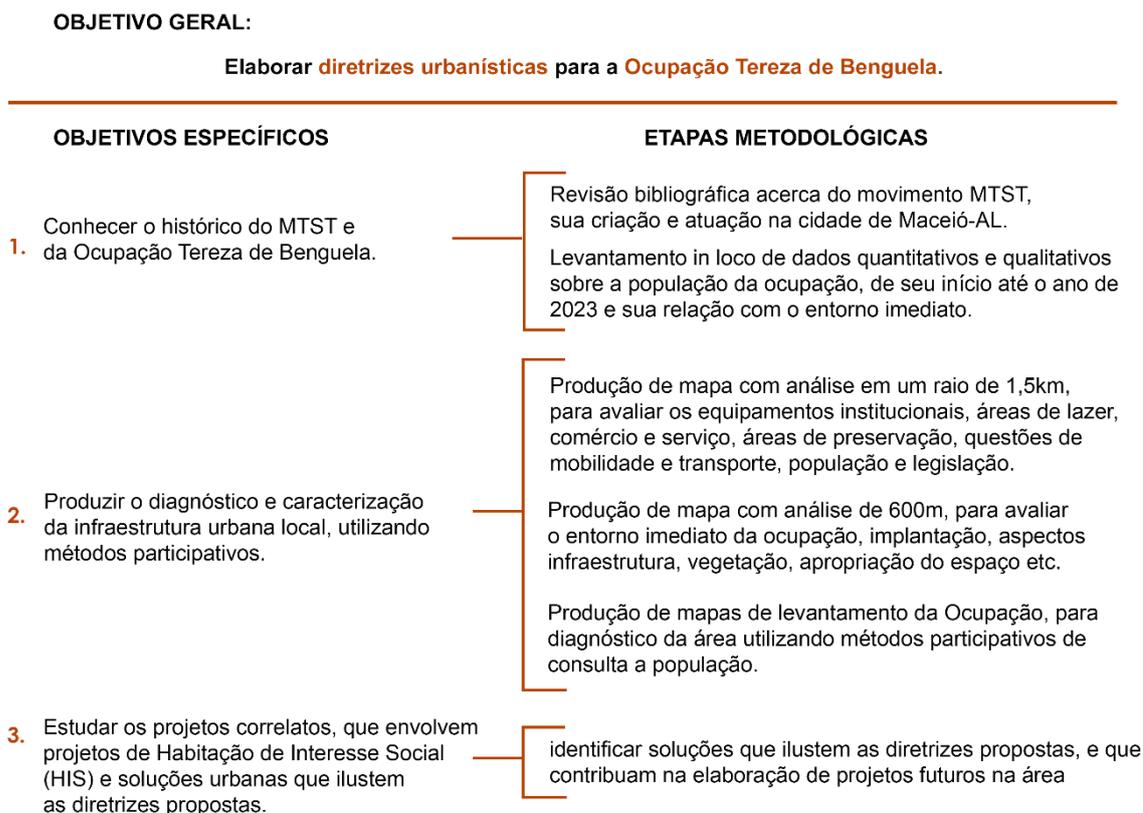
As famílias residem no local em moradia improvisada, as paredes são compostas geralmente por lonas pretas, tábuas de madeira e materiais plásticos. Na cobertura do barraco é utilizado lonas, telhas metálicas e de fibrocimento. Além dos barracos de lona, a ocupação se organiza de maneira a valorizar o trabalho coletivo, ao criar espaços como cozinha solidária, biblioteca, plenária (local para reuniões), horta comunitária e lavanderias coletivas, geografando assim um novo significado para o local. O que antes era usado para descarte irregular de lixo e entulho, hoje é uma comunidade organizada que luta por seus direitos (Silva et al., 2021). A ocupação, como existe hoje, não detém infraestrutura urbana como iluminação pública, saneamento básico e acesso a todos equipamentos de saúde, apesar destes serem equipamentos que a localidade possui e oferta para os/as moradores/as do entorno que possuem habitação e endereço fixo.

A reforma urbana, pelos qual esses movimentos sociais lutam objetiva, democratizar o território da cidade, a exemplo da garantia ao acesso à infraestrutura, para além das áreas nobres da cidade. A infraestrutura é entendida aqui como acesso ao saneamento ambiental - tratamento e distribuição de água potável, coleta e tratamento de esgoto, drenagem urbana das águas pluviais, coleta e destinação correta dos resíduos sólidos -, áreas de lazer, cuidado e moradia, sendo esses os objetivos que o presente trabalho pretende atingir ao destinar diretrizes para a Ocupação Tereza de Benguela a partir da sua implantação urbana, considerando nesse processo, o modo de ocupar existente e as demandas específicas que serão diagnosticadas, durante o processo metodológico.

Tendo em vista o objetivo do MTST de ter uma ocupação organizada que pode reivindicar a correta distribuição de infraestrutura urbana, o presente trabalho visa produzir um instrumento de luta, que contribua nesse processo de resistência e busca de efetivação do direito a cidade e cumprimento da função social da terra urbana, com a elaboração de diretrizes urbanísticas que propende atender uma demanda habitacional dos integrantes do movimento MTST, alocados na Ocupação Tereza de Benguela no bairro Cidade Universitária em Maceió-AL.

Deste modo a Figura 2 exemplifica o objetivo geral e os específicos deste trabalho, junto à metodologia que foi utilizada para alcançá-los:

**Figura 2** – Objetivos e metodologias adotadas.



**Fonte:** Autora, 2024.

Para alcançar os objetivos desse trabalho foi utilizada a metodologia interescalar de análise desenvolvida pelo grupo de estudos "A cidade como extensão da casa: sistema de espaços livres e vida cotidiana"<sup>1</sup>, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diana Helene e sediado no Núcleo de Estudos do Estatuto da Cidade (NEST), na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a partir de quatro pesquisas de Iniciação Científica (IC), constituintes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Ciclo 2020/2021): Eduarda Leite, Vanessa Bernardes, Italo da Silva e Vicência Estrela da Silva. A metodologia interescalar utilizada se baseia na análise da implantação urbana e arquitetônica de conjuntos de Habitação de Interesse Social (HIS) na cidade de Maceió, onde são traçados raios de distâncias que determinam áreas de influência e de referência baseadas, no tempo médio em que a população se desloca a pé, para acessar os espaços comuns e equipamentos urbanos do entorno. Assim, a fim de avaliar a inserção urbana da ocupação foi traçado um raio de 1,5 Km, que corresponde a uma caminhada de até 20 minutos e foram marcados alguns

<sup>1</sup> O grupo de iniciação científica segue se reunindo como um grupo de estudos que leva o mesmo nome da pesquisa.

aspectos do entorno de interesse dessa população. Posteriormente, foi feita uma ampliação neste mapa, delimitando um raio de 600 m, que representa um percurso de até 5 minutos para acesso dos equipamentos urbanos, nele foram acrescentados elementos de análise que seriam melhor visualizados nesta escala. Por fim, para a elaboração da setorização e melhor entendimento da ocupação, foi realizado um levantamento via Google Earth, base CAD e in loco, em que foram analisadas sua infraestrutura, malha urbana, posição de equipamentos, entre outros aspectos.

Durante a elaboração deste trabalho, foi estabelecida uma dinâmica de conversas com a população da ocupação, onde eu ia sanando as dúvidas e questionamentos que surgiram durante as pesquisas, em conversas informais, que aconteciam durante as visitas in loco. Percebi que assim as pessoas se sentiam mais confortáveis em compartilhar sobre seu cotidiano, sua vivência na ocupação e papéis que desempenhavam naquele lugar. Assim foram coletadas informações que basearam as análises urbanas e as conclusões que delas surgiram.

Afim de não criar expectativas na população foi tomado cuidado no processo de comunicação. Na primeira conversa que tive com a liderança da ocupação, onde revelei minhas intenções e pedi permissão pra realizar meu trabalho, perguntei no que eu poderia ser útil e a mesma me informou que seria interessante ter o levantamento do local em mãos e foi esse o pretexto utilizado para conversar com a população durante a pesquisa. Assim nenhuma especulação foi criada e nenhum desconforto foi gerado aos/as moradores/as.

Durante todo o processo a comunicação com a liderança do movimento foi fundamental, para criar uma conexão com os ocupantes e assim tornar possível esse diálogo, porém foram encontradas durante o processo dificuldades para a realização de oficinas, que exigissem um grupo de pessoas dispostas a participar, Matos (2021) em seu estudo alerta para tal dificuldade:

Ademais, deve-se ressaltar as dificuldades da participação por parte dos atores políticos, acadêmicos e comunitários no alcance da plena autonomia para planejamento e construção de propostas de desenvolvimento coletivo dentro de espaços de segregação socioespacial. Para um processo participativo efetivo, é necessária uma imersão nos territórios por parte dos agentes envolvidos, a fim de romper estereótipos, através do reconhecimento da realidade cotidiana, necessidades e aspirações dos indivíduos. (Matos, 2021 p. 36)

De acordo com a escala de avaliação de participação (Figura 3) que de Menezes e Lins. (2008), utilizou para avaliar os níveis de participação no Plano Diretor de Maceió, o trabalho que realizei atingiu o nível de “consulta” (inclusa em pseudoparticipação) pelo contato que tive com os moradores que envolviam a troca de informações sobre aspectos do local e suas vivências. Atingindo em alguns momentos o nível de “parceria” (incluso em participação

autêntica) no trato com a liderança, onde discutimos os desejos e anseios que a população tinha para a área e foi sob estas informações que foram elaboradas as diretrizes.

**Figura 3** – Escala de avaliação de participação.

Não-participação	Coerção	Situações de clara coerção são encontradas em regimes ditatoriais ou totalitários nos quais a própria democracia representativa não existe ou deixou de existir.
	Manipulação	A população envolvida é induzida a aceitar uma intervenção estatal mediante o uso de mecanismos que viabilizem tal intervenção, como a propaganda.
Pseudoparticipação	Informação	As informações sobre as intervenções planejadas são disponibilizadas pelo Estado podendo ser mais ou menos completas ou mais ou menos "ideologizadas".
	Consulta	A população é consultada pelo Estado e algumas vezes o processo de consulta pode ser útil ao planejamento estatal, entretanto não há garantia de que as opiniões da população serão realmente incorporadas.
	Cooptação	Associação de líderes populares ou segmentos ativistas a instâncias participativas permanentes criadas e integradas à administração pública.
Participação autêntica	Parceria	Estado e sociedade civil organizada colaboram, através do diálogo e da transparência de ações, para a implementação de uma política pública ou viabilização de uma intervenção.
	Delegação de poder	O Estado abdica de atribuições (antes exclusivamente suas) em favor da sociedade civil.
	Autogestão	Implementação de políticas e intervenções de modo autogestionário que implicaria a ausência do Estado; a sociedade decide quanto, quando e como o poder poderá ser transferido.

**Fonte:** Souza 2002, Apud Menezes e Lins, 2008.

Por ser um trabalho acadêmico as atividades que envolvam um trabalho em campo que se relacione com pessoas deverão passar pelo Comitê de ética, porém as metodologias desempenhadas nesse estudo que dizem respeito à convivência, levantamento de dados, fotografias, discursões e conversas informais estão de acordo com as atividades do projeto de extensão Laboratório de Intervenção em Bairros e Ocupações de Alagoas (LABiboca), incluso no NEST, ao qual possuo vínculo para a realização de pesquisa, portanto, obedece às exigências do Comitê de Ética.

# CAP 1: A LUTA

## O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO



## **2 A LUTA: O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST)**

Em primeiro momento é importante entender os movimentos sociais que lutam por moradia, em específico o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) o qual coordena a Ocupação Tereza de Benguela, que será aqui o objeto de estudo. Assim, neste primeiro capítulo será apresentado em resumo como se deu sua formação e atuação na cidade de Maceió-AL.

### **2.1 MST E MTST (como a luta por terra no campo influenciou na luta por moradia nas periferias)**

Os movimentos sociais são ações coletivas com um caráter contestador de grupos organizados que objetivam manter ou modificar a ordem das relações de poder estabelecidas (Leão et al. 2016, Apud Ammann,1991, p.22). Em geral, são pautados em reivindicações que beneficiam o coletivo, como a busca melhorias sociais - serviços, equipamentos, bens de consumo - ou conquistas de direitos, a exemplo da moradia. Na década de 1970 houve uma ascensão desses movimentos em busca do fim da repressão da Ditadura Militar, dos direitos democráticos e da liberdade individual. Foi nesse contexto que aconteceram as primeiras ocupações organizadas de terra e os primeiros movimentos de luta pela urbanização e regularização fundiária no campo e nas favelas (Gohn, 1991). Aqui irei focar em dois grandes movimentos sociais do Brasil que surgiram nas décadas seguintes a 1970, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), e discorrer sobre como a luta por terras no campo influenciou na criação de um movimento para a luta por moradia nas periferias.

#### **2.1.1 O MST**

O Brasil é um país com grande concentração fundiária - reflexo do período colonial em que foram cedidas grandes glebas de terra a um só proprietário, empresa ou família - onde as camadas sociais menos favorecidas não têm acesso à posse da terra. A fim de lutar pela reforma agrária e redistribuição de terras, surge em 1984 o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra em um encontro na cidade de Cascavel-PR, organizado pelos trabalhadores rurais sob o apoio da Pastoral da Terra - representando os movimentos sociais -, Sindicatos de Trabalhadores

Rurais e outras organizações, que tinham o objetivo de discutir e mobilizar a população a favor da luta (Leão et al. 2016).

As mobilizações desse movimento ganharam notoriedade com o passar do tempo e seguem até hoje. Um dos primeiros atos que trouxe essa luta para a cidade foi a Marcha Nacional da Reforma Agrária, Emprego e Justiça no ano de 1997, organizada pelo MST e apoiada por movimentos urbanos que lutam por moradia. Foi a partir dos campos gravitacionais (assim foi chamado o movimento de liberar militantes para atuar nas cidades) criados pelo MST, com o intuito de aglutinar apoio dos movimentos urbanos na marcha. A partir dessa atuação, os militantes do MST perceberam e informaram ao Diretório Nacional do movimento sobre a necessidade de uma organização urbana para além dos grandes centros. Após uma série de discussões, um dos instrumentos de luta criados por esses militantes do MST como resposta a esse déficit foi o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) (Dos Santos, 2021).

### 2.1.2 O MTST

Surgido em meados de 1997 em São Paulo após a Marcha Nacional, o movimento atua em regiões periféricas, ao qual denominam de latifúndios urbanos<sup>2</sup>, ocupando geralmente terrenos próximos a avenidas movimentadas para que assim sejam vistas suas denúncias ao déficit habitacional e lutar para uma melhor infraestrutura nas periferias. São utilizadas estratégias de ocupação semelhantes às usadas pelo MST ao estabelecerem acampamento com barracos de lona preta (entre outros materiais) onde são arqueadas bandeiras do movimento, também articulam marchas, greves, piquetes e fechamento de rodovias, táticas usadas também no movimento de luta no campo (Dos Santos, 2021).

Uma de seus métodos é denominar os acampamentos e espaços coletivos com os nomes de pessoas que morreram na luta ou mulheres que são símbolo de resistência (Dos Santos, 2021), por este motivo a ocupação em estudo leva o nome de “Tereza de Benguela”, conhecida também pelo título de rainha; Tereza assumiu a chefia do quilombo Quariterê (o maior do centro-oeste) após a morte do seu cônjuge José Piolho, lá era cultivado milho, algodão e mandioca, os produtos excedentes eram comercializados. Tudo era feito sob seu gerenciamento seguindo assim até sua morte, após ser capturada por bandeirantes, em sua homenagem o dia 25 de julho

---

<sup>2</sup> Entendido pelo movimento como uma grande propriedade de terra ociosas, que não cumpre sua função social e está localizada em áreas urbanas.

foi decretado como Dia Nacional de Tereza de Benguela e da mulher negra, sancionado no Governo Dilma Rousseff, através da Lei 12.987 (Folha de São Paulo, 2023).

**Figura 4** – Pintura a óleo, associada a imagem de Tereza de Benguela.



Fonte: Félix Vallotton, et. al folha de São Paulo, 2023.

Na sua Cartilha<sup>3</sup> de Princípios é explicado o significado da logo estampada em sua bandeira (Figura 5), o “M” significa a conquista pela moradia, o “S” é a defesa por um país socialista, o “T” simboliza a luta por igualdade de gênero e por um mundo sem opressões, e o “BRASIL” anuncia que a luta é em todo o país, um movimento nacional.

**Figura 5** – Bandeira do MTST.



Fonte: Loja virtual do MTST-RS, 2023.

O MTST se denomina um movimento popular, urbano e de luta por moradia, por tratar de questões que vão além da habitação, como a melhoria das condições da vida dos/as

---

<sup>3</sup> Cartilha do movimento foi recebida de Eliane Silva, não contendo fontes nem referências em seu conteúdo.

moradores das periferias e promoção de educação cultural e política. É por estas questões que ocupam terrenos às margens de avenidas, a fim de denunciar e fazer com que a luta seja compreendida e visibilizada. Segundo Eliane, quando se estabelece uma ocupação nasce junto a ela uma sequência de espaços para que ela se mantenha e promova suas ações coletivas. O primeiro é a cozinha solidária, abastecida por doações dos moradores e simpatizantes, ela é o coração da ocupação, pois provém alimento para todos, é a base da vida cotidiana e coletiva. Junto a ela é criado o espaço de autodefesa (segurança) composto por um grupo de pessoas que irão revezar a vigia noturna do acampamento. Em seguida é estabelecida a horta, que abastece a cozinha e garante a segurança alimentar dos ocupantes. Surge logo após a biblioteca, que vai nutrir o conhecimento e vai prover educação política. Em paralelo à construção dos setores, é fundada a plenária, local onde serão realizadas as assembleias gerais e discussões em conjunto acerca das próximas ações, todas as decisões são deliberadas e definidas por voto da maioria, tem poder de voto aqueles que atuam no movimento, ao assumir alguma tarefa dentro do coletivo.

## 2.2 ATUAÇÃO EM MACEIÓ

Sobre a atuação do MTST em Alagoas foram consultadas materiais postadas no site oficial do movimento, que registram ações pontuais ocorridas no Estado, a primeira é datada de 2017 e relata a reintegração de posse da Ocupação Dandara, além disso foram usadas materiais de jornais locais que noticiaram eventos envolvendo o movimento, artigos que citam as ocupações, a produção de TFG de Matos (2021) que trata da Ocupação Dandara e uma entrevista<sup>4</sup> semiestruturada com a Eliane Silva (liderança do movimento em Alagoas) de uma única pergunta “como o MTST chegou em Alagoas e como foi sua atuação até os dias de hoje?” e assim colhi alguns relatos que descreverei a seguir.

Através de uma ação para expansão da atuação do movimento no Nordeste, em 2015, Guilherme Boulos veio a Maceió e realizou algumas reuniões com movimentos de moradias vigentes na capital, para reunir um grupo que tivesse interesse em aderir ao movimento e ser capacitado para atuar em Alagoas. O grupo que se formou recebeu capacitação aqui no estado por militantes de Pernambuco e posteriormente foram a Recife para finalizar a formação. Eliane participou desse grupo e foi escolhida como coordenadora por ter sido integrante da Frente de

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada durante visita de campo em 01/12/2023, iniciada com uma pergunta e seguida por meio de uma conversa informal.

Luta por Moradia (FLM) e possuir experiência; de volta a Maceió começaram as ações para fundar a primeira ocupação, intitulada de Dandara, em setembro de 2017, montando acampamento em um terreno subutilizado no bairro do Benedito Bentes.

O assentamento sofreu reintegração de posse e o movimento ocupou a Praça dos Martírios a fim de denunciar o caso, após alguns dias foi realizada uma reunião com o Governo de Alagoas (na época Renan Filho do partido MDB) e firmado um acordo que previa a posse definitiva e construção de habitações em um terreno localizado na Zona Rural de Maceió nas proximidades do bairro Benedito Bentes, as famílias se estabeleceram no local e lá formaram um assentamento precário que segue assim até hoje. Nos anos seguintes o movimento fundou na capital a Ocupações a Tereza de Benguela em dezembro de 2019 no bairro Cidade Universitária. Para além das ocupações o movimento administra uma cozinha solidária inaugurada em março de 2021 (Figura 6), situada no Conj. Paulo Bandeira. O projeto distribui de modo gratuito marmitas para a população em vulnerabilidade social e foi iniciado em 2021 em São Paulo, contando atualmente com mais de 30 cozinhas distribuídas em diversos estados (Cozinha Solidária, 2024). Além de distribuir os alimentos recebidos por doações em financiamento coletivo, a cozinha também promove o cultivo em hortas urbanas comunitárias. O movimento atua ainda nos chamados “territórios”, comunidades que conquistaram o direito à moradia, mas que ainda lutam por direito à educação, infraestrutura urbana e lazer, em Maceió existem dois desses territórios o Conj. Paulo Bandeira e o Alameda.

**Figura 6** – Postagem em rede social anunciando a inauguração da cozinha solidária em Alagoas.



Fonte: Captura de tela do site Instagram, na página de Guilherme Boulos, 2023.

Nas redes sociais do setor de educação do movimento vêm sendo publicadas informações sobre a Escolinha Formigueiro (Figura 7), um projeto de educação popular que surge no pós-pandemia para acolher as crianças das ocupações a fim de construir uma pedagogia sem

teto, que dialogue com as periferias e reconheça os sem-tetinhos (denominam assim as crianças presentes na ocupação) como sujeitos da história (@educação.MTST, 2023), inicialmente este espaço é atrelado às cozinhas solidárias, porém, na Biblioteca Paulo Freire, presente na ocupação Tereza de Benguela, são ministradas aulas e encontros para discutir a educação popular e política com jovens e adultos; para as crianças são aplicadas as metodologias da Escolinha Formigueiro em encontros semanais que visam colaborar com sua construção social, além de servir como um reforço escolar.

**Figura 7** – Postagem em rede social informando sobre a Escolinha Formigueiro.



Fonte: Captura de tela do site Instagram, na página de educação MTST, 2023.

# CAP 2: OCUPAR ONDE ESTÃO OS SEM-TETOS URBANOS?



### 3 OCUPAR: ONDE ESTÃO OS SEM-TETOS URBANOS?

Neste capítulo irei discorrer sobre o bairro em que a ocupação se insere no intuito de entender em que local estão os sem-tetos urbanos. Do tópico 3.1 ao 3.5, será contextualizada e exposta a escolha da área por parte do movimento. Em seguida é apresentada a caracterização e o diagnóstico da área de estudo em um recorte mais amplo, no raio de 1,5km (no tópico 3.6) e um recorte aproximado, no raio 600m (no tópico 3.7).

#### 3.1 LOCALIZAÇÃO

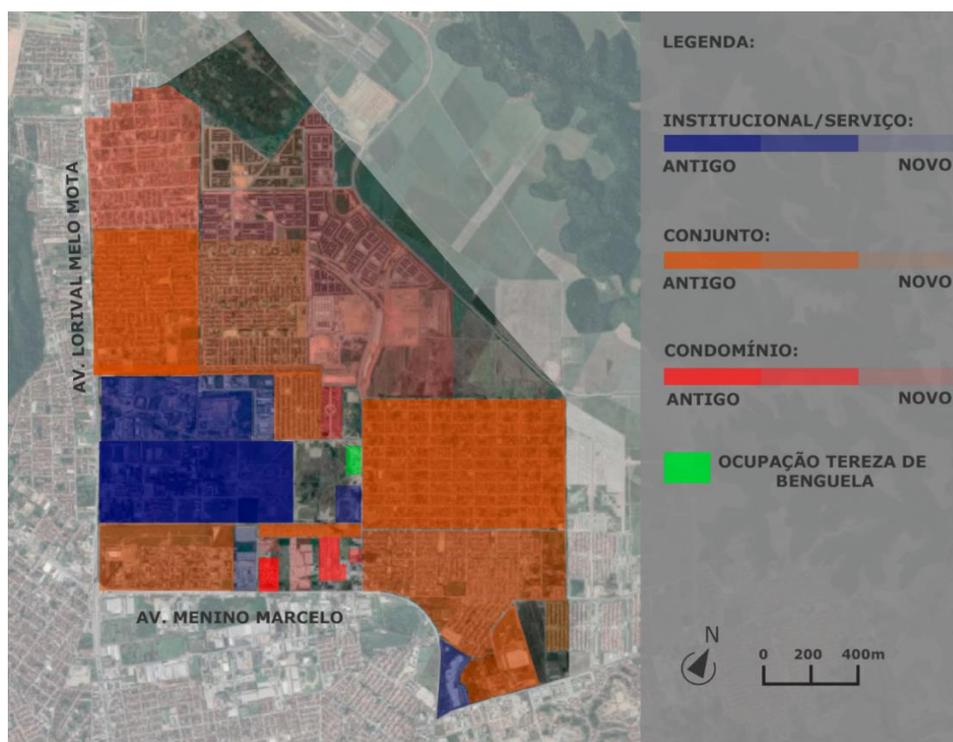
##### DIÁRIO DE CAMPO\_VISITA 01

Passando de carro pela ocupação, percebi que os barracos estavam em uma aglomeração que impede a visualização para o que há no centro do terreno. Dessa forma, antes de ir ao local, entrei em contato com a liderança do movimento em Alagoas, Eliane, a fim de apresentar minha proposta de pesquisa e ser guiada a conhecer de perto a ocupação. Assim, no dia 01 de agosto, fui ao encontro da Eliane. Desci do ônibus e fiquei aguardando sua chegada. Durante esse período comecei a esboçar (apêndice 1) no papel a configuração da ocupação que observava de fora e na extremidade do terreno. Além do posicionamento dos barracos, marquei algumas percepções das apropriações e usos das pessoas no local, por onde passavam e quem passava. Em meio a um contexto de ataques políticos que a ocupação sofreu, decidi não fotografar e nem adentrar o terreno sem alguém do movimento. Não gostaria de parecer invasiva e não me senti no direito de caminhar sozinha entre os barracos, sendo uma pessoa ainda desconhecida, dentro daquele espaço. Por não receber notícias de Eliane por um certo tempo, decidi observar a ocupação do lado de fora e depois fui embora.

O bairro se localiza na extremidade noroeste da cidade de Maceió, possuindo uma extensão territorial de 20,38 Km<sup>2</sup>, é considerado um bairro periférico por estar no contorno da capital e em divisa com a zona rural, distando 14 km do centro da cidade. Surge a partir da construção do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA) e da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) que iniciou na década de 1960. Tendo em vista a importância desses equipamentos o bairro ganha o nome de Cidade Universitária em sua homenagem. O crescimento populacional do bairro se intensificou da década de 1980 devido aos conjuntos habitacionais destinados à população de menor poder aquisitivo, construídos com financiamento federal aliados à esfera estadual, foi a partir desses empreendimentos e do parcelamento de glebas, que a ocupação do bairro se consolidou (Carvalho et al, 2010). O bairro possui três padrões de ocupação, o loteamento devido aos parcelamentos do solo, conjuntos

habitacionais entregues por programas de moradia e condomínios fechados (de iniciativa pública ou privada) que vêm sendo implantados em maior quantidade nos últimos anos, ambos formatos contribuem para uma malha urbana bem delimitada. Na Figura 8 está exemplificada a expansão da malha urbana no bairro classificada pelo padrão de ocupação do solo, em uma escala de degradê que indica a ocupação mais antiga para as mais novas. A imagem foi elaborada a partir da tese de doutorado de Melo (2017), com o auxílio de artigos e materiais que citam a inauguração de alguns conjuntos, também foi utilizada a ferramenta “linha do tempo” disponível no aplicativo do Google Earth. A partir desta Figura é possível ver a predominância dos conjuntos habitacionais que sua maioria foram destinados a faixa 1 e 2 das habitações de interesse social (Melo, 2017), o que faz com que a população de baixa renda seja maioria no bairro. A figura 8 ainda destaca a grande área ocupada pelo empreendimento Grand Jardim que vem sendo desenvolvido desde 2017 pela empresa de engenharia Engenharq.

**Figura 8** – Expansão da malha urbana a partir dos conjuntos e condomínios.



**Fonte:** Imagem via Google Earth e modificada pela autora, 2023.

É por conta destes novos empreendimentos habitacionais, entre outros, que o bairro vem recebendo investimentos na sua infraestrutura nos últimos anos, por parte da Prefeitura e do Programa Maceió Tem Pressa, que a partir de um capital de 70 milhões de dólares da Andina de Fomento (CAF) tem realizado obras com o intuito de ampliar os serviços de saneamento

básico, tratamento de águas residuais, melhorar a mobilidade e drenagem urbana. Deste empréstimo, 61 milhões foram destinados aos bairros localizados no grande tabuleiro norte (onde o bairro Cidade Universitária se insere) e Santa Lúcia (Maceió, 2021). O processo de valorização e expansão pode ser exemplificado a partir das ações da empresa Engenharq que além da construção de vários conjuntos habitacionais está à frente da construção de um shopping de 10ha que promete gerar mais de 1.500 empregos, em entrevista o Prefeito de Maceió e o empresário à frente da construtora reforçam que estas obras só estão sendo realizadas pelo investimento que vem sendo feito na infraestrutura do bairro (Rodrigues et. al. 2022). Tais ações voltam o olhar de empresários e da população para o bairro de modo que incentiva e reforça a procura por habitações na região, principalmente daqueles que já habitavam ali, antes de qualquer previsão de investimento em sua infraestrutura.

## 3.2 LEGISLAÇÃO

### 3.2.1 PLANO DIRETOR

O Plano Diretor, estabelecido pela Lei 5.486/2005, define dentro da Cidade Universitária áreas de Macrozona de Restrição. A ocupação Tereza de Benguela está na Macrozona de Expansão Intensiva (Figura 9), caracterizada por áreas de baixa densidade de ocupação ou áreas subutilizadas. As áreas já ocupadas são elencadas como em potencial para serem atendidas pelas redes de saneamento básico e pelo Sistema Municipal de Mobilidade. Para esta macrozona são definidas tais objetivos e diretrizes:

§ 1o. A instituição da **Macrozona de Expansão Intensiva tem por finalidades:**

[...]

II– Favorecer a integração entre as áreas já ocupadas;

III– evitar grandes deslocamentos para a população residente na periferia.

(MACEIÓ, 2005, p. 56).

§ 3o. **São diretrizes** para a Macrozona de Expansão Intensiva:

I– Incentivo ao uso residencial e às atividades complementares à moradia; [...]

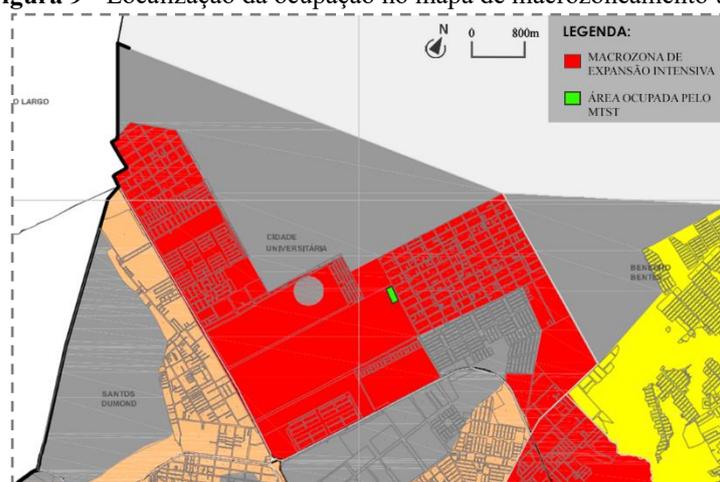
III– Melhoria da acessibilidade e mobilidade urbana; [...]

V– Estímulo aos empreendimentos e atividades econômicas de comércio e serviços que incentivem a ocupação urbana;

VI – Qualificação dos espaços públicos;

VII– Adoção de parâmetros urbanísticos para uso e ocupação urbana diferenciados nos lotes situados nas vias arteriais, especialmente na Avenida Menino Marcelo, e nos lotes situados em vias coletoras e locais (MACEIÓ, 2005, p. 56).

**Figura 9** - Localização da ocupação no mapa de macrozoneamento urbano.



**Fonte:** recorte em mapa anexo 08, do plano diretor e modificada pela autora, 2023.

Apesar de tais diretrizes terem sido elaboradas em 2005, desde então a mais aplicada foi a de incentivo ao uso residencial, que teve um crescimento destaque a partir de 2010, mas poucas medidas foram tomadas em relação à infraestrutura, mobilidade urbana e qualificação dos espaços públicos. Algumas obras de drenagem e pavimentação começaram a ser feitas somente a partir de 2020 e muitas delas como incentivo à implantação de mais condomínios residenciais. Terminais de ônibus estão sendo reformados (obras iniciadas em 2022), como a do Conj. Eustáquio Gomes e Conj. Village II, mas poucas foram as mudanças com relação à quantidade e qualidade das frotas de ônibus, além de nenhum incentivo à diversificação dos meios de transporte. As diretrizes para o bairro Cidade Universitária citadas acima são reforçadas pela sessão 4º descritas a seguir, e corroboram com as medidas que estão sendo tomadas nos últimos anos.

§ 4o. Sem prejuízo da aplicação de outros instrumentos, para implementação das diretrizes para a Macrozona Expansão Intensiva serão aplicados:

[...]

IV – Operação urbana consorciada para promoção de habitação de interesse social e implantação de polos de comércio e serviços, associados à instalação de terminais rodoviários, especialmente junto à área de instalação da CEASA e do Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, na Cidade Universitária. (MACEIÓ, 2005, p. 57).



dos anexos, no mapa de mobilidade realizado em 2005, é previsto um terminal de transbordo, que seria implantado próximo à ocupação, porém é um modelo que não considera os conjuntos e condomínios habitacionais implantados nos últimos anos, portanto, apresenta informações ultrapassadas que serão desconsideradas.

### 3.3 TERRENO

No site oficial da UFAL, é indicado que o Campus A. C. Simões compreende uma área de 2.100.000m<sup>2</sup>, formada por uma grande gleba dividida em duas partes, uma construída margeando a Av. Lorival Melo Mota, onde está situada a entrada principal do Campus e abriga os blocos das Faculdades e áreas comuns. A outra área é aos fundos do Campus e se configura por um grande descampado subutilizado, limitado pela Av. Alice Carolina, porém, há um muro recuado nesse fundo que divide a UFAL de alguns equipamentos públicos instalados nessa faixa, é em meio a essa área dividida que se situa a ocupação do MTST e é sobre sua posse que irei discorrer.

Em 2007, por meio de um Termo de Compromisso, foi cedido para a Prefeitura uma área de 200 mil m<sup>2</sup> do terreno da UFAL para a implementação de uma Vila Olímpica, um SESC Leitura e uma escola de ensino fundamental, o acordo previa o fornecimento de infraestrutura para os equipamentos que seriam construídos, além da instalação de iluminação pública, terminal de ônibus e posto policial; em contraponto a prefeitura pavimentou 15.000m<sup>2</sup> de paralelepípedo nas vias internas do Campus (Alagoas 24 horas, 2006).

A Vila Olímpica Lauthenay Perdigão foi inaugurada em 2010 (UFAL, 2010) seu uso caiu em declínio nos anos seguintes por falta de manutenção em sua infraestrutura. Há um projeto de reforma em andamento, porém o local tem sido utilizado a alguns anos como ponto de apoio da Guarda Municipal. Posteriormente, em 2015, foi inaugurado o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Fúlvia Maria de Barros Mott Rosemberg e o Terminal de Ônibus do Conjunto Village Campestre II. Em 2019 foi inaugurada entre o CMEI e o terminal de ônibus a Unidade Docente Assistencial (UDA) Professor Gilberto de Macedo, financiada pelo Programa Mais Médico que doou os recursos para a Faculdade de Medicina da UFAL. Todos os equipamentos instalados não ocuparam os 200.000 m<sup>2</sup> cedidos, assim, sem previsão de outros empreendimentos para a área, a posse do restante do terreno voltou para a universidade e assim segue até hoje.

Em 2019, ocupando 1,5 hectares da área subutilizada, na faixa anteriormente cedida à Prefeitura, é estabelecida a Ocupação Tereza de Benguela. Durante visitas in loco, a liderança do movimento me informou que estão em tramite com a UFAL que prevê a concessão de uma área de aproximadamente 8 ha para a Secretaria de Patrimônio da União (SPU), pois só ela poderá passar a posse da terra ao MTST para que assim consigam construir suas habitações por meio do Programa Minha Casa Minha Vida Entidades. O programa é uma linha de atendimento do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), estabelecido pela Lei nº 14.620, que tem por finalidade o apoio à produção social de moradia e à participação da população nas soluções dos problemas habitacionais, estimulando a organização popular e a produção habitacional por auto gestão (Governo Federal, 2023), que é justamente o que o movimento pretende realizar. Assim, fica definido pela intenção do movimento ocupar uma faixa de 8 hectares, recorte da área de estudo que esse trabalho visa intervir (Figura 11).

**Figura 11** – Terreno da UFAL, com a delimitação da área de estudo.



**Fonte:** Google Earth (2020) e modificada pela autora, 2023.

Nos arredores da ocupação tem mais dois assentamentos (Figura 12) organizados por outros movimentos sociais, um ocupa a parte lateral e traseira da UDA sob a gestão do Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN) iniciada em meados de 2022, de modo autônomo e sem ligação com a Ocupação Tereza de Benguela, firmaram barracos na área e seguem em expansão desde então. A outra é organizada pela Frente Nacional de Luta no campo e cidade (FNL) e ocupa de modo temporário uma faixa de terra dentro da área de intervenção, cedida após assembleia interna do MTST que, em acordo, decidiram por abrigar o movimento após terem sofrido uma reintegração de posse. Em visita in loco, me foi informado que o FNL estaria

se organizando para deixar a área, mas até o presente momento os barracos ainda permanecem no local.

**Figura 12** – Ocupação do MNLM na Av. Alice Carolina e ocupação do FNL na Av. Frei Damião de Bozano, respectivamente.



**Fonte:** Google Maps na função Street View em 2022.

### 3.4 POPULAÇÃO

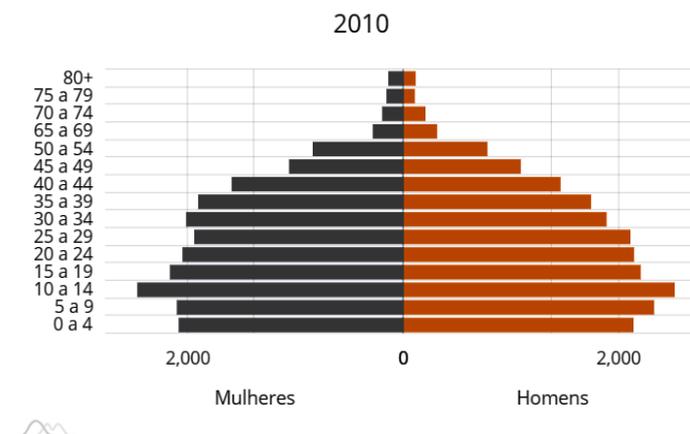
O último Censo realizado foi no ano de 2022, porém seus dados ainda estão sendo processados e liberados. Considerando a caracterização do bairro, será utilizado neste trabalho o Censo de 2010, que dispõe de informações por bairro e mesmo desatualizadas servirá para exemplificar a população residente.

Conforme o Censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população do bairro é de aproximadamente 71.441 habitantes, composta em sua maioria por mulheres que representam 51.29% (34.801 hab.) dos habitantes, tendo em vista a quantidade de conjuntos construídos inaugurados no ano de 2010 e posteriormente como o Residencial Maceió 1 (3.900 unidades) e Grand Jardim (8.000 unidades), estima-se que esse número hoje seja superior ao exposto na base de dados.

A população do bairro é composta em sua maioria por jovens na faixa etária de 10-14 anos, como exposto no Gráfico 1, o que denota em uma necessidade de áreas lazer, tendo em vista que o bairro hoje carece desses espaços. Ainda é apontado uma taxa de envelhecimento de 5,54% que cresceu em comparação ao Censo 2000, representando um aumento da população economicamente dependente – pessoas menores de 14 anos de idade ou maiores de 65 -. Em relação à renda dessa população, é apontado que a renda per capita mensal é de R\$325,70, o que é equivalente a R\$574,32 (de acordo com o cálculo de correção de inflação do IPCA para

o ano de 2020), assim pode-se dizer que a população do bairro em sua maioria é considerada baixa renda por não possuir renda per capita de até 3 salários mínimos (equivalente a R\$1.039,00 para o ano de 2020).

**Gráfico 1-** Faixa etária da população da Cidade Universitária.

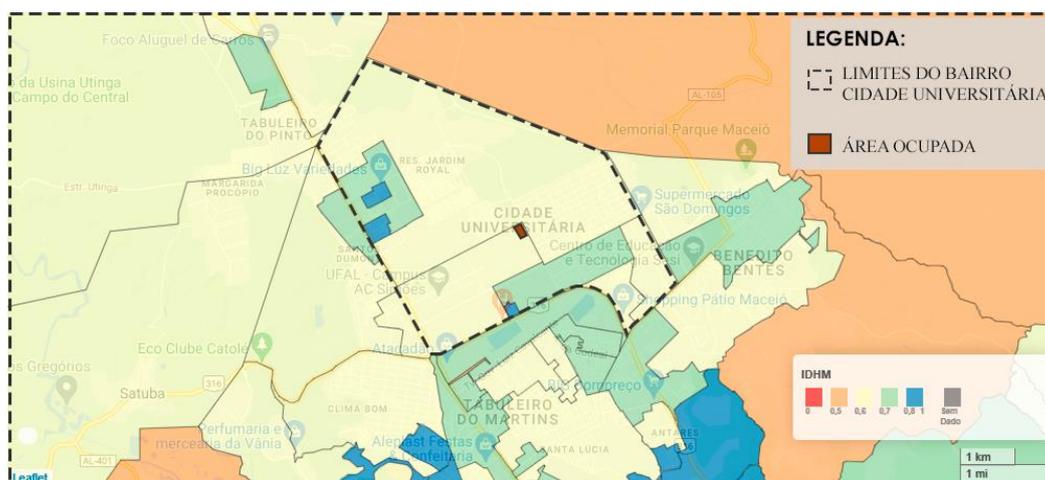


Elaboração: PNUD, Ipea e FJP. Fonte: Censos Demográficos (2000 e 2010).

**Fonte:** Captura de tela do site Atlas Brasil e modificada pela autora, 2023.

O IDHM é o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, uma média calculada com base na longevidade, educação e renda de uma determinada área, o cálculo resulta em um valor que varia de 0 a 1. A Cidade Universitária está dividida em nove repartições, como exemplificado na Figura 13, em que cada uma apresenta um valor no índice. De modo geral, o IDHM 0,6 considerado um valor médio (na cor amarela) é predominante e vai ser considerado para caracterizar a população do bairro. Em comparação com a capital de Maceió, classificada com o índice de 0,72 (alto), a Cidade Universitária fica acima de bairros como Jacintinho e Bebedouro que ocupam o índice de 0,5 caracterizado como baixo.

**Figura 13 – IDHM do bairro cidade universitária.**



Fonte: Captura de tela do site Atlas Brasil e modificada pela autora, 2023.

É importante ressaltar que esses dados são baseados no IBGE de 2010, e tendo em vista a expansão posterior do bairro, estão desatualizados, porém a população que será trabalhada aqui não consta no IBGE por não possuir endereço fixo. Em conversas durante visitas in loco, me foi informado que os residentes da ocupação são da região e residiam nos conjuntos próximos como Village II e Gama Lins, estima-se que boa parte da população esteve dentro desse índice médio, podendo ter atingido o índice mais baixo com o passar dos anos e isso ter acarretado na sua entrada no movimento urbano que luta por moradia.

Dentro da ocupação tem um setor identificado como “G” (considerado a administração), nele são registrados os grupos familiares que são identificados pela letra G, acrescido de um número de agrupamento e o número da família (G0-00), esse controle é feito para que saibam quem são e quantas pessoas fazem parte de um determinado grupo familiar, após o registro o número definido é marcado na frente do barraco ocupado por esse grupo. Esse registro serve também para serem cadastrados nas listas de habilitados a receberem as habitações de interesse popular que são produzidas na capital, assim que selecionado o grupo familiar deixa a ocupação e vai residir na sonhada casa própria. Em geral no estado, as habitações ofertadas são apartamentos que não agradam à maioria das pessoas residentes na ocupação, pela disposição do espaço e pela falta de varanda e quintal, opiniões que me foram relatadas em visitas de campo.

Os números cadastrados são cumulativos, no final de 2023 o registro chegou a G-553, significando que já passaram na ocupação 553 famílias, porém é recorrente a mudança de famílias dentro da ocupação, gerada pela dinâmica de ocuparem, conseguirem a habitação, saírem da ocupação e posteriormente chegarem novos ocupantes. Assim, até novembro de 2023,

150 famílias conquistaram suas habitações de modo que permanecem na ocupação 403 famílias. Para um cálculo rápido da quantidade de pessoas residentes é multiplicado o número de famílias por três, considerando uma média de três pessoas por família, assim, até dezembro de 2023 residiam 1.209 pessoas, entre adultos e crianças. A configuração familiar é diversa, algumas possuem oito integrantes, enquanto outras tem duas ou apenas um, então o número de pessoas é apenas uma estimativa.

O movimento tem algumas regras quanto à organização da ocupação e os comportamentos permitidos em seu interior, a exemplo de não permitir consumo de bebidas e drogas, brigas e agressões (especialmente contra mulheres, nem por isso agressões deixam de acontecer), controle na entrada de pessoas externas, entre outras medidas tomadas para a preservação da integridade dos moradores e do movimento. Assim através de relatos, descobri que há um rigor quanto às pessoas que vão se abrigar na ocupação, elas são previamente selecionadas em uma análise, onde é verificado se alguém de dentro conhece ou possui alguma recomendação positiva acerca da família-pessoa. Após essa avaliação no “G” são registradas as pessoas junto à certidão de antecedentes criminais. Como já citado, os ocupantes eram residentes do bairro, nos conjuntos próximos ao terreno, assim só aceitam pessoas da região que possuem boas recomendações para garantir a segurança dos demais.

Durante as visitas, observei muitas mulheres acompanhadas de crianças nas ruas e dentro de seus barracos, realizando tarefas cotidianas como lavar roupas na lavanderia coletiva ou exercendo um serviço comunitário no preparo de comida na cozinha solidária, visivelmente são a maioria da população residente e este trabalho propende voltar um olhar mais direcionado a elas.

Em seu estudo sobre a Ocupação Tereza de Benguela, Santos et. al (2021) afirma essa predominância feminina, principalmente daquelas que são chefes e provedoras econômicas da família. Oliveira (2013) cita a maternidade como um dos motivos que fazem as mulheres aderirem a luta na busca de uma moradia digna para si e seus filhos:

É comum encontrarmos a presença de inúmeras mulheres grávidas ou com bebês, que participam das ocupações, inclusive, algumas delas entram em trabalho de parto durante os momentos críticos das ações de reintegrações de posse. (Oliveira, 2013)

Um outro fator que justifica essa maioria nos movimentos é a violência doméstica, onde muitas, em um momento de coragem, saem de casa com seus filhos e são acolhidas nas ocupações dos sem-teto (Oliveira, 2013), é por este e outros motivos que uma das regras da ocupação proíbe agressões físicas no seu interior, principalmente contra a mulher. São nessas

condições que muitas se tornam chefes de família. Assim, programas habitacionais como o PMCMV colocam as mulheres como beneficiárias para lhe assegurar a habitação em caso de abandono ou violência doméstica.

Helene (2018), destaca essa predominância feminina nos movimentos por moradia como a chamada “feminização da pobreza”, onde mulheres em funções iguais as desempenhadas por homens ganham 30% a menos e os números de mulheres desempregadas ou que trabalham sem remuneração é consideravelmente maior que os dos homens. No caso das mulheres negras esse fato é ainda mais grave por receberem menos da metade do valor do salário dos homens brancos, são as mais suscetíveis ao desemprego e são o maior contingente de empregadas sem carteira assinada. Isto somado às dificuldades de acesso à moradia, a precariedade das habitações informais, as constantes remoções sofridas, dificuldades em “se virar” ou “morar de favor” reforçam que, para elas, a moradia significa muito mais que um abrigo, é um espaço essencial de proteção para si e daqueles que dependem de seus cuidados, como crianças, idosos e outros.

Esses dependentes fazem com que mulheres tenham jornadas duplas de trabalho, uma em seus empregos e outra em casa cuidando da limpeza, alimentação, compra de insumos e das crianças. Helene (2018) afirma que as desigualdades urbanas, os problemas relacionados à infraestrutura e aos equipamentos públicos afetam muito mais as mulheres do que os homens, pois seus trajetos na cidade são compostos por diversas viagens realizadas para cumprir seus objetivos de manutenção do lar e da família (a exemplo da função de levar seus filhos na escola), tendo em vista que os homens se deslocam em um trajeto pendular que vai de casa para o trabalho e vice-versa.

Santos et al. (2021) afirma que crianças residentes na ocupação são matriculadas nas escolas próximas e as mães acompanham as mesmas todos os dias nos trajetos, isso reforça a necessidade de equipamentos urbanos de saúde, educação e lazer nos arredores da ocupação para que estas mulheres possam dar continuidade nos seus afazeres diários de modo menos cansativo, o que não ocorre na maioria das cidades que segregam os espaços de trabalho e atividades produtivas das zonas de habitações.

Esta é uma das críticas que o movimento faz sobre a produção de HIS, onde entregam a casa, mas não atuam no entorno, trazendo a infraestrutura necessária para o andamento da vida cotidiana, Rolnik em 2004 já alertava sobre esse modo de construir habitação:

[...] a política habitacional não pode ser compreendida simplesmente como política de construção de conjuntos habitacionais, reurbanização e requalificação de edificações.

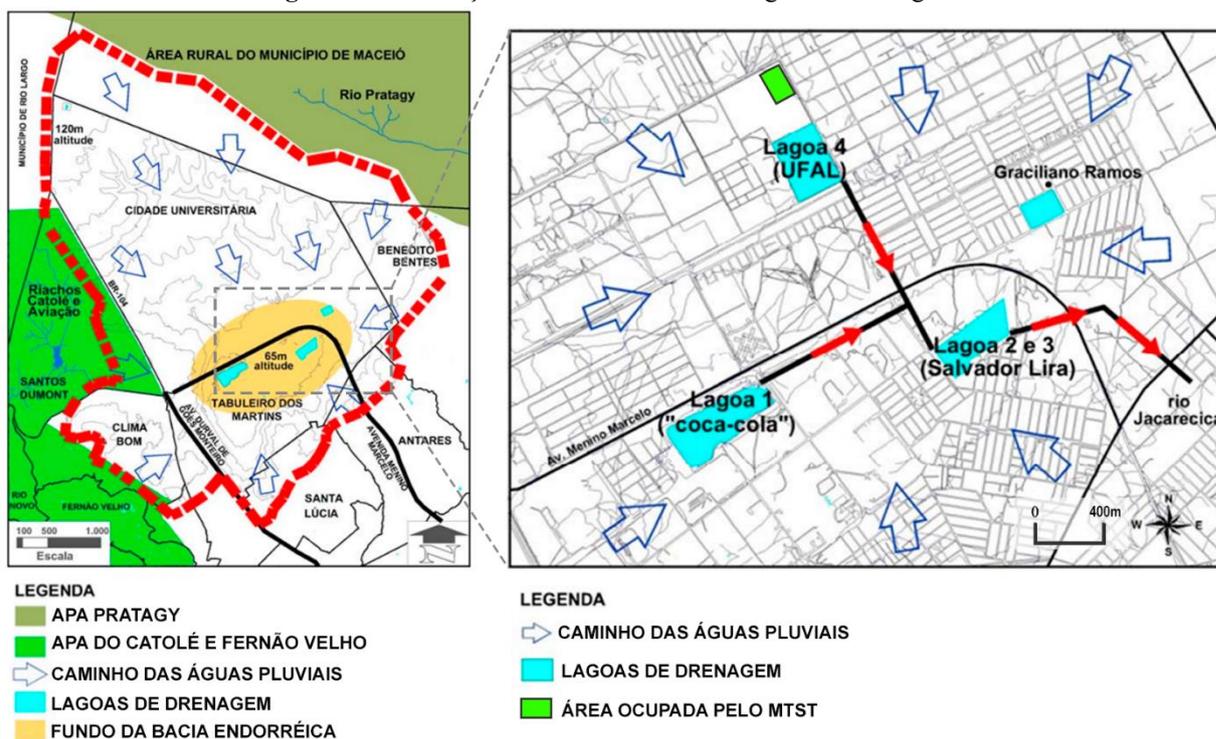
Seu objetivo deve ser satisfazer uma das necessidades básicas da população – um povo com carências habitacionais sérias é um povo amputado na sua capacidade de desenvolvimento e progresso. (Rolnik, 2004, p.73)

As áreas de convivência produzidas dentro da ocupação podem ser vistas como uma tentativa do movimento em dar suporte para o seguimento da vida cotidiana de seus ocupantes, construindo áreas que forneçam alimentação, que promovam a saúde, a formação educacional de suas crianças, que traga suporte no acesso à água, esgoto e energia, que tenha um vislumbre de uma área segura para suas crianças brincarem, mesmo que tudo isso seja de um modo improvisado. Percebe-se nessas ações uma busca pela mitigação dessas distâncias, na tentativa de fornecer o acesso a esses equipamentos que lhes é negado, além da habitação. No caso específico da Ocupação Tereza de Benguela, o entorno oferece muitos equipamentos que satisfazem as necessidades básicas da população e que reforça a escolha da área e serão discutidos mais à frente.

### **3.5 CONDICIONANTES AMBIENTAIS**

O bairro Cidade Universitária fica situado numa área de bacia endorréica (bacia que desagua em um lago ou mar fechado), com uma extensão de 50km<sup>2</sup>, que abrange outros bairros da cidade (Figura 14). Por não possuir corpos hídricos a bacia direciona as águas de precipitação através da declividade do terreno para os pontos de menor altitude, formando áreas naturalmente alagáveis onde estas águas se acumulam, tendendo a evaporar ou se infiltrarem no solo (Carvalho, 2012), o que pode causar constantes alagamentos e prejuízos à população local. O tipo de solo da região e suas características fomentam a bacia, é do tipo latossolo amarelo (Parahyba, 2008), descrito como argiloso, pouco fértil, com retenção de umidade e de boa permeabilidade (Embrapa, 2021).

**Figura 14** – Marcação da bacia endorréica e lagoas de drenagem.



**Fonte:** Base cartográfica de Maceió, 2000, apud Carvalho, 2012 e modificada pela autora, 2024.

Uma das coisas que me chamaram a atenção nas visitas de campo foi o fato de a ocupação instalar e montar os barracos com um grande recuo frontal (Figura 15), posteriormente fui informada que naquela faixa rente à via passa a tubulação de macrodrenagem do tabuleiro, o que explica o recuo da ocupação e as manilhas de concreto que vi em 2019. Com esta informação busquei por projetos de macrodrenagem na região, mas o único encontrado foi o realizado em 2010. Na região do tabuleiro estavam previstas a construção de 4 lagoas de contenção para a drenagem do bairro (Figura 14), a 4ª lagoa seria alocada no terreno da UFAL sob a atual Vila Olímpica, esta foi realocada para o Conjunto Graciliano Ramos, porém durante as visitas observei alguns maquinários da empresa Engenharq escavando ao fundo da ocupação e retirando as gramíneas do local; fui informada pelos moradores que era a lagoa para a macrodrenagem do tabuleiro, o feito estava sendo comemorado pelos ocupantes que se queixam do criadouro de mosquitos que a área alagada se torna, e da propagação de doenças que isto estava causando. Em pesquisas por projetos na área, não foram encontradas mais informações e nem a confirmação de que ali seria produzida uma lagoa de macrodrenagem.

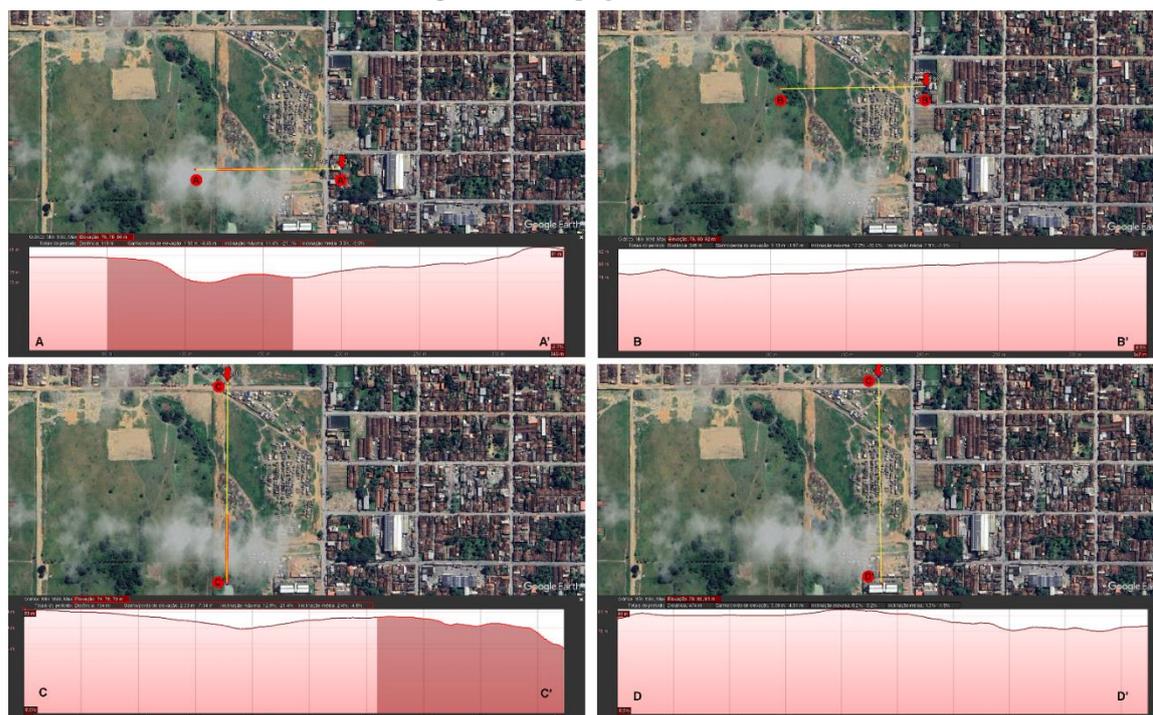
**Figura 15** – Recuo frontal da ocupação em relação a via e localização da suposta lagoa de drenagem, respectivamente.



**Fonte:** Autora, 2024; Google Earth 2023.

Em recortes feito via Google Earth (Figura 16) na área de estudo é possível identificar a topografia local e confirmar um leve declive na parte posterior do terreno ocupado, o que contribui para o acúmulo de água apontado pelos moradores, e corrobora com a suposta obra de drenagem que estaria em andamento, os demais pontos do terreno ocupado não possuem um desnível significativo, assim como o restante do bairro.

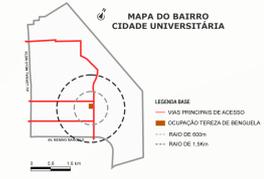
**Figura 16** – Topografia do terreno.



**Fonte:** Cortes realizados via Google Earth e modificado pela autora, 2023.

Como dito acima, o solo da região é caracterizado por ser pouco fértil, porém a Embrapa alerta que é um solo propício à plantação de cana de açúcar se corrigida a questão da fertilidade, por muitos anos grande parte do bairro possuía plantações do tipo, como aponta o mapa de uso e ocupação do solo elaborado pela Prefeitura 2010 (Figura 17), os demais territórios se dividem em área urbana e solo exposto. Com o passar do tempo, o solo exposto e as plantações foram dando espaço às habitações, a última parte do plantio de cana-de-açúcar foi retirada há menos de dois anos para dar lugar a à expansão do empreendimento Grand Jardim. Nas áreas de solo exposto que restam no bairro é encontrada uma vegetação de baixa densidade, com uma forração de gramíneas e aglomerados pontuais de árvores de médio-grande porte, principalmente na área não ocupada do terreno da UFAL, sendo o arboreto da universidade a parte mais expressiva de cobertura vegetal, em sua maioria composta por vegetações nativas da Mata Atlântica.





**LEGENDA BÁSICA:**

- Lotes e edificações
- Concentração de cobertura vegetal
- Área ocupada MTST
- Empreendimentos da Engenharq
- Limite do raio de 1,5km
- Limite do raio de 600m
- Casa da autora

**LEGENDA TEMÁTICA:**

**INSTITUCIONAL:**

- |   |   |
|---|---|
| <p><b>EDUCAÇÃO:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 Universidade Federal de Alagoas - Campus A. C. Simões.</li> <li>2 Escola Municipal Cicero Dué da Silva</li> <li>3 CMEI Graciliano Ramos</li> <li>4 Escola Municipal Professora Hévia Valéria Maia Amorim</li> <li>5 CMEI Professora Fúlvia Maria De Barros Mott Rosenberg</li> <li>6 Escola Municipal Maria de Lourdes de Melo Pimentel</li> <li>7 Escola Municipal Doutor Denisson Luiz Cerqueira Menezes</li> <li>8 Escola Municipal Luiz Pedro da Silva IV</li> </ol> | <p><b>SAÚDE:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>9 Hospital Metropolitan de Alagoas</li> <li>10 Unidade Docente Assistencial Prof. Gilberto de Macedo (UDA)- UFAL</li> <li>11 UFS Village Campestre I</li> <li>12 UFS Graciliano Ramos</li> <li>13 UFS Denisson Menezes</li> <li>14 CREN - Posto de Saúde Comunitário</li> </ol> |
|---|---|

**MOBILIDADE:**

- |  |  |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>15 Terminal do Village Campestre II</li> <li>16 Terminal Gama Lins</li> <li>17 Terminal UFAL</li> </ol> | <ul style="list-style-type: none"> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #ff0000; border: 1px solid #000; margin-right: 5px;"></span> Via arterial Av. Menino Marcelo</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #ffa500; border: 1px solid #000; margin-right: 5px;"></span> Via coletora de ligação com a Av. Menino Marcelo</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #ffa500; border: 1px solid #000; margin-right: 5px;"></span> Via coletora de ligação com a Av. Lorival Melo Mota</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #ff00ff; border: 1px solid #000; margin-right: 5px;"></span> Ligação da via expressa com o conj estuário</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #800080; border: 1px solid #000; margin-right: 5px;"></span> Vias locais do Conjunto Village I</li> <li><span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #800000; border: 1px solid #000; margin-right: 5px;"></span> Vias locais do Conjunto Graciliano Ramos</li> </ul> |
|--|--|

**INDUSTRIAL e COMERCIAL:**

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>18 BMH Distribuição e Logística</li> <li>19 Log Macedó</li> <li>20 Newplast</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>21 Alagoas vidros Temperados</li> <li>22 Distribuidora Itagy Eireli</li> <li>23 Reciclaç</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>24 Água Mineral Resfresh</li> <li>25 Solara Água Mineral</li> </ol> |
|---|--|--|
- Via de uso misto (comercial-residencial)

**ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER:**

- Praça
- Campo de terra batida
- Praça comunitária



### 3.6.1 MOBILIDADE

Uma das estratégias do movimento MTST é a ocupação de áreas próximas às vias movimentadas que possam dar visibilidade às questões que propendem denunciar como as questões habitacionais, de infraestrutura e serviços, entre outras. A área em questão preenche tal requisito e vem ganhando notoriedade após trecho ser pavimentado pela empresa Engenharq em 2022, chamado de Av. Marília Mendonça (ainda em expansão) que se liga a Av. Alice Carolina (locada na lateral maior do terreno), juntas formam uma via coletora que conecta os conjuntos Grand Jardins e Eustáquio Gomes (entre outros) a Av. Menino Marcelo uma via arterial que liga a parte alta com a parte baixa de Maceió. Após as construções dos Grand Jardins e pavimentação da Av. Marília Mendonça, o fluxo de carros e ônibus na Av. Alice Carolina ficou mais intenso e tende a aumentar com a inauguração dos empreendimentos de lazer e serviços que estão em construção e de novas unidades habitacionais que se encontram em fase de finalização.

Por se tratar de um terreno de esquina, sua outra face é margeada pela Av. Frei Damião de Bozano, uma via coletora com ligação para a Av. Lorival Melo Mota (outro eixo viário que conecta a parte baixa a parte alta de Maceió), que por sua vez ainda se encontra em finalização de alguns trechos, recebe um fluxo moderado de carros e ônibus que dão acesso ao Conjunto Denisson Menezes, Gama Lins entre outros. Outra via que compõe as marcações do mapa e se liga à Av. Lorival Melo Mota é a Av. Paulo Holanda que margeia todo o terreno da UFAL dando acesso à universidade e ao Hospital Universitário. Algumas vias locais têm sua importância marcada no Mapa Síntese no 1,5km, são as conhecidas popularmente como vias principais dos Conjuntos Graciliano Ramos e Village II, ambas possuem uma concentração de comércio local em diversos ramos, que podem ser acessadas a pé, por ônibus que passam nos pontos de parada próximas à ocupação, entre outros modais.

Além de vias o Mapa Síntese no 1,5km, traz marcações de terminais de ônibus nas proximidades. Foram encontrados 3 nas informações fornecidas pelo Google Maps, o do Village II (Figura 18) possuindo quatro linhas, duas com destino à Ponta Verde, uma Trapiche e uma via Centro, fica localizado na Av. Alice Carolina (vizinho à ocupação) e encontra-se em reforma desde 2022. São previstos para o espaço seis quiosques, banheiros, mobiliário urbano moderno, câmeras, praça de alimentação, entre outros equipamentos (SECOM Maceió, 2023). O segundo é o Terminal do Gama Lins localizado na Rua Padre Cicero, possuindo apenas uma linha com destino a Ponta Verde, é uma área descampada onde os ônibus estacionam (Figura

19). Por último temos o terminal da UFAL (Figura 20), marcado assim no Google Maps pelo fluxo de ônibus que ali passam e se conectam com toda Maceió, porém não há linhas que partem de lá, apenas as que entram e saem da universidade, moradores da região se deslocam para o ponto da UFAL em busca de mais opções de transporte.

**Figura 18 , Figura 19 e Figura 20** – Terminais de ônibus do conjunto Village Campestre, Denisson Menezes e UFAL, respectivamente.



**Fonte:** Google Maps na função Street View em 2022, 2019 e 2019, respectivamente.

Devido à construção da Av. Marília Mendonça foi colocada uma linha de ônibus que sai do terminal do Conjunto Eustáquio Gomes passa pelo conjunto Village II e tem destino à Ponta Verde, sendo mais uma opção de transporte para os moradores locais. É notório que a maioria das linhas do bairro se conecta a Ponta Verde e por consequência à parte baixa da cidade<sup>5</sup>, sendo este um reflexo da oferta de trabalho nessa localidade e da necessidade da população de se deslocar diariamente para lá. Como uma pessoa que usa este transporte diariamente, posso afirmar que as linhas existentes não suprem a necessidade local, estando sempre cheias nos horários de pico (6h às 8h e de 17h as 20h), o que torna esse deslocamento cansativo e demorado, tendendo a piorar por ter mais habitações em construção e nenhuma previsão de melhoria na mobilidade urbana.

### 3.6.2 EQUIPAMENTOS INSTITUCIONAIS

Em um levantamento via Google Maps foram identificadas oito instituições educacionais, entre elas duas são Centro Municipais de Educação Infantil (CMEI), que atendem crianças na faixa etária de 0 a 5 anos de idade, cinco são escolas municipais atendendo a faixa etária de 5 a 14 anos e as demandas de ensino fundamental e a última é a UFAL, ofertando

<sup>5</sup> A cidade de Maceió se divide em parte baixa, correspondendo às planícies litorânea e lagunar (faixas costeiras), e a parte alta, formada por baixos planaltos sedimentares, localmente denominados “tabuleiros” (Faria; Cavalcante, 2009).

ensino superior. No raio analisado não constam escolas que ofertam ensino médio, mas o bairro possui escolas com esse ensino e a Prefeitura dispõe de transporte escolar, além de passagens gratuitas no cartão VAMU, que possibilitam este deslocamento e acesso a tais equipamentos.

Quanto a equipamentos de saúde foram encontradas seis unidades, três são Unidades Básicas de Saúde da Família (UBS), são elas dos conjuntos Village II, Graciliano Ramos e Denisson Menezes que atendem residentes dos conjuntos em questão; foi identificado um Posto de Saúde Comunitário do Centro de Recuperação e Educação Nutricional (CREN), uma organização não governamental que tem por missão potencializar a transformação e resgatar a vida de crianças entre 0 e 6 anos de vida, enfrentando a subnutrição e a obesidade nutrindo corpo, mente e relações para o desenvolvimento integral da pessoa e da família (CREN-AL, 2024); também há o Hospital Metropolitano de Alagoas que atende casos de média e alta complexidade em diversas áreas, mediante encaminhamento após o atendimento em Unidades Básicas de Saúde (Alagoas Digital, 2023).

Compondo as seis unidades de saúde, identificou-se a Unidade Docente Assistencial Prof. Gilberto de Macedo (UDA) administrada pela UFAL, ela atende residentes do bairro Cidade Universitária e circunvizinhos, ofertando especialidades que englobam docentes e os discentes dos cursos de medicina, enfermagem, odontologia, nutrição, farmácia, serviço social, educação física e de psicologia (FAMED UFAL, 2020). Todas as unidades de saúde exigem para o atendimento alguns dados como cartão do Sistema Único de Saúde (SUS), Registro Geral (RG), Comprovante de Pessoa Física (CPF) e comprovante de residência. Por não possuir endereço fixo, os residentes da ocupação não poderiam ter acesso à assistência médica, porém em articulações com o Fórum SUS de Alagoas (um fórum criado em defesa do órgão e está presente em diversos estados) as famílias conquistaram o acesso à UDA em 2021 (Figura 21 e 22), com um atendimento uma vez na semana na unidade e uma vez no mês dentro da ocupação por uma equipe que se desloca para esse atendimento externo, assim foi dito por Eliane em vídeo na plataforma de Youtube do Fórum SUS; sendo esta provavelmente a primeira vez que uma ocupação consegue o atendimento médico em uma unidade de saúde mesmo sem comprovar endereço fixo, só foi possível pela participação precedente ao feito, da coordenadora do movimento em Alagoas, que levou a questão aos coordenadores da unidade e saúde de em acordo liberaram o acesso aos ocupantes.

**Figura 21 e Figura 22** – População da ocupação em reunião com gestores na UDA, médicos da UDA atendendo a população na ocupação, respectivamente.



**Fonte:** Imagens capturadas do vídeo “A conquista do acesso da ocupação Tereza de Benguela (MTST) ao SUS”, disponível na plataforma Youtube, 2022.

### 3.6.3 INDUSTRIAL E COMÉRCIO

No quesito industrial foram marcados no Mapa Síntese no 1,5km os estabelecimentos de médio-grande porte que possam ofertar oportunidades de emprego aos ocupantes, entre eles estão três estabelecimentos de envasamento de água mineral, dois de logística, uma empresa no ramo de reciclagem de metais, outra que atua na produção de artigos plásticos e por fim uma que atua no ramo de vidraçaria. Estes estabelecimentos podem servir de incentivo à permanência na área pelo vislumbre de renda fixa e curto deslocamento até o local de trabalho, além da oferta de serviços que não necessitem de qualificações técnicas.

Quanto aos pontos comerciais foram identificadas uma concentração de serviços e comércios (marcados no Mapa Síntese no 1,5km) nas avenidas ditas popularmente como “principais” do Conjunto Village II e Graciliano Ramos, marcadas pela presença de pontos comerciais de pequeno e médio porte (Figura 23), em ramos diversos como alimentícios, vestuários, serviços de saúde, construção civil entre outros que podem ser acessados de modo rápido, evitando o deslocamento para outros bairros em busca de tais serviços. O Conjunto Graciliano Ramos em específico possui uma vida noturna ativa alimentada pelos comércios locais e eventos organizados pela Associação dos Moradores, que proporciona lazer para os seus moradores e dos arredores, podendo ser um dos atrativos de lazer para os ocupantes (Figura 24). Nos fins de semana na Av. Tancredo Neves é realizada a feira local, atraindo os moradores dos conjuntos próximos para a venda e compra de alimentos, entre outros produtos, sendo um bom local para os ocupantes obterem uma renda extra.

**Figura 23 e Figura 24** – Pontos comerciais na Av. Dr. André Papini Góis e feira gastronômica do Conjunto Graciliano Ramos, respectivamente.



**Fonte:** Google Earthh,2019 e Portal G1-AL, 2023.

### 3.6.4 ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER

Durante o mapeamento não foram identificados muitos equipamentos públicos que propiciem lazer no recorte em questão, sendo está uma queixa antiga da população, reforçada pelo apelo popular dos residentes do Conjunto Jardim Tropical ao BECO em 2019, visando a criação de um espaço de lazer que pudesse propiciar também mais segurança, como citei no tópico Imersão. Não conseguimos efetivar a ação como planejado, mas o levante popular resultou em um campo de futebol (produzido pelos moradores posteriormente) em terra batida (Figura 25) utilizado pelos moradores e professores locais de esportes que reúnem turmas e usam o espaço para realizar suas aulas. Estes campos estão presentes em todo o bairro, no recorte em questão encontram-se três áreas com tal função.

Além dos campos foram identificadas cinco praças, a do Conjunto Denisson Menezes (chamada de Quadra Poliesportiva Denisson Menezes e situada na Rua Denisson Menezes) que conta com um parquinho infantil, uma área de permanência com alguns bancos e uma quadra poliesportiva, usada também para realização de eventos e ações governamentais, como campanhas de vacinação; sua infraestrutura é visivelmente precária, com mobiliários quebrados e pintura desgastada (Figura 26). As outras estão localizadas no Conjunto Graciliano Ramos e ambas possuem estrutura parecidas, dispondo de parque infantil, campos para realização de esportes (gradeados ou abertos) e áreas de permanência com bancos e mesas. A conhecida como Praça Principal do Graciliano Ramos (situada na Av. Empresário Nelson Oliveira Menezes) dispõe também de gazebo e palco para apresentações, é comum a realização de eventos como feira gastronômica, shows de fim de ano, apresentações em datas festivas e afins,

a infraestrutura e a manutenção destas é um pouco melhor com pinturas novas e mobiliários sem depredações (Figura 26).

**Figura 25** – Campo de futebol em terra batida na Av. Frei Damião Bozano.



**Fonte:** Google Maps na função Street View no ano de 2022.

**Figura 26** – Quadra Poliesportiva Denisson Menezes e Praça Principal do Graciliano Ramos, respectivamente.



**Fonte:** Google Maps na função Street View no ano de 2022.

Os espaços encontrados não são suficientes para atender as demandas da população local que se desloca para conjuntos vizinhos para acessar tais equipamentos. Na tentativa de ampliar as opções de lazer, um morador (dono de uma borracharia) do Conjunto Denisson Menezes ocupou em meados de 2018 uma faixa do terreno da UFAL pra o plantio de algumas arvores e a instalação de mobiliários urbanos produzidos com pneus reciclados, este espaço ficou conhecido como Praça do Borracheiro, na Figura 27 é possível visualizar a praça em 2019

com as árvores em crescimento e a visualização em 2022 com elas já maiores. Esta ação mostra a carência da população por espaços como este e o resultado de uma ação coletiva que visa a melhoria local.

**Figura 27** – Praça local na Av. Frei Damião Bozano, conhecida como Praça do Borracheiro.



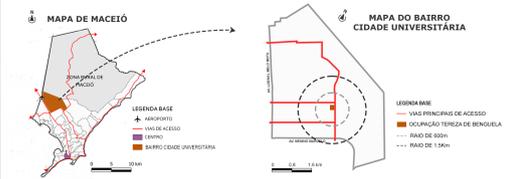
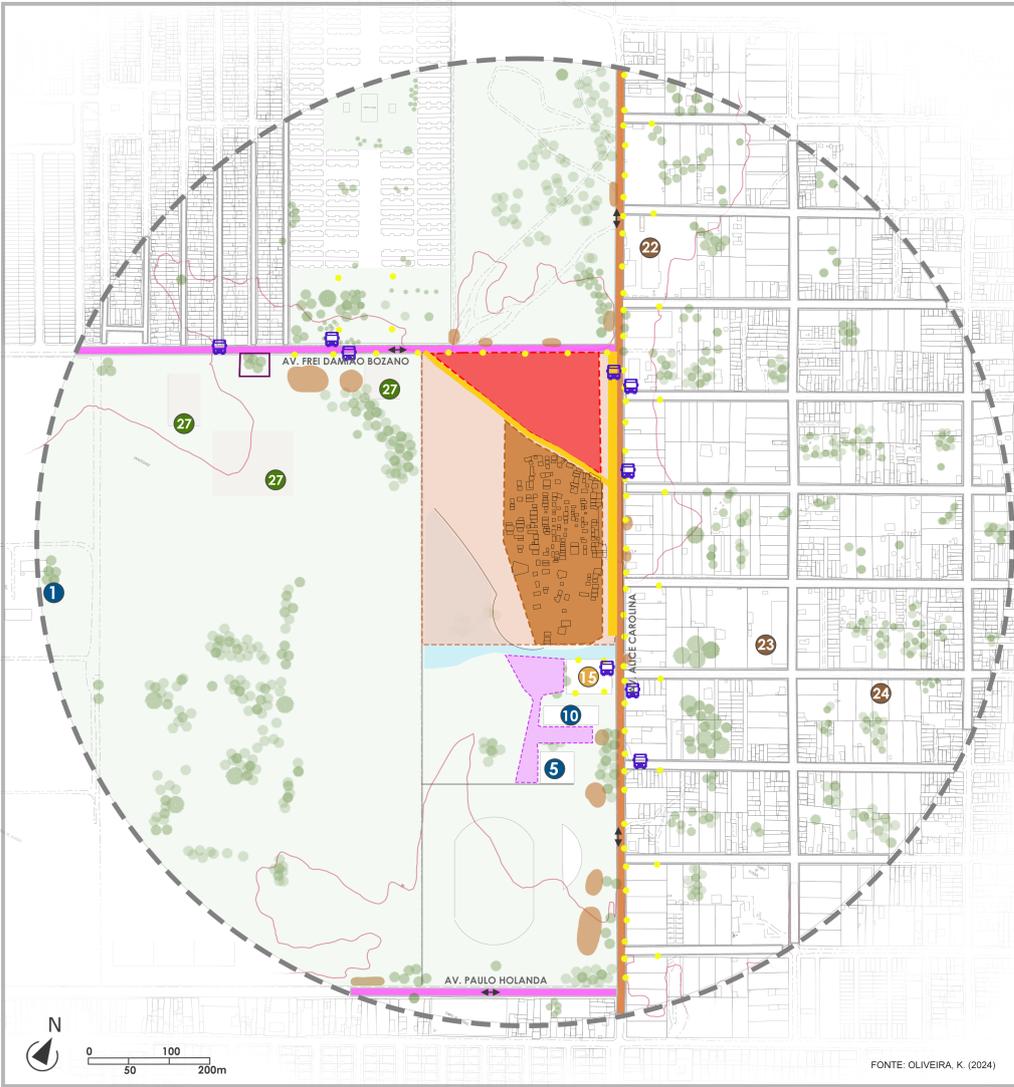
**Fonte:** Google Maps na função Street View em 2019 e 2022, respectivamente.

### 3.7 OLHANDO AO REDOR: ANÁLISE URBANA NO ENTORNO IMEDIÁTO (RAIO DE 600m)

No mapa do raio de 1,5 km de análise do entorno foi traçado um raio de 600m do mesmo ponto central; sendo este o limite para uma pessoa acessar os equipamentos de interesse em até 5 minutos de caminhada. Assim, foi feita uma aproximação do Mapa Síntese no 1,5km e marcações nos mesmos aspectos urbanos analisados anteriormente, porém olhando ao redor e observando detalhes que circundam o terreno e que são melhor visualizados nesta escala, abaixo segue o Mapa Síntese no raio de 600m e as considerações parciais obtidas após sua elaboração.

#### DIÁRIO DE CAMPO\_VISITA 02

No dia 13 de setembro, consegui adentrar a ocupação, agora chamada de “Condomínio Tereza de Benguela” como me foi dito por Eliane. Em meio a ataques e a pessoas estranhas rondando a ocupação, os habitantes decidiram fechar a entrada com um portão em ripas de madeira na parte frontal ladeada à Avenida Alice Carolina. Era uma manhã de quarta-feira quando cheguei no local e me deparei com esse portão, que não havia na minha visita anterior. Aproveitei a brecha de uma moradora que estava de saída e entrei. Ela apontou a localização da cozinha solidária onde estava a Eliane e me direcionei até lá. Conversamos por um bom tempo e ela me deu muitas informações sobre a posse do terreno, o movimento, a ocupação e como ela se organiza, informações estas que expus durante o texto. Após a conversa, andamos pelo local, conheci as áreas comuns e alguns barracos, do mais simples ao “barraco dos sonhos” como me foi dito, ao qual os moradores almejam morar. Fiquei bem à vontade e empolgada por me sentir útil como uma futura arquiteta e urbanista para aquela população, que ainda não possui nenhum tipo de assistência técnica. Durante a andança vi crianças brincando, cachorros e gatos correndo, o plantio de alimentos e pessoas utilizando o espaço, vivendo a vida cotidiana, coisa que não havia naquele terreno antes desocupado e ocioso. Fiquei de voltar novamente, com ajuda, para fazer o levantamento da ocupação.



**LEGENDA BÁSICA:**

- Lotes e edificações
- Limite do raio de 600m
- Curvas de níveis
- Barracos da Ocupação Tereza de Benguela

**LEGENDA TEMÁTICA:**

- Área ocupada MTST
- Área ocupada MNML
- Área ocupada FNL
- Poligonal de intervenção
- Iluminação pública

**INSTITUCIONAL:**

- EDUCAÇÃO:**
  - 1 Universidade Federal de Alagoas- Campus A. C. Simões.
  - 5 CMEI Professora Fúlvia Maria De Barros Mott Rosenberg
- SAÚDE:**
  - 10 Unidade Docente Assistencial Prof. Gilberto de Macedo (UDA)- UFAL

**MOBILIDADE:**

- 15 Terminal do Village Campestre II
- 16 Ponto de ônibus
- Via coletora de ligação com a Av. Menino Marcelo
- Via coletora de ligação com a Av. Lorival Melo Mota
- Caminho informal de terra

**INDUSTRIAL e COMERCIAL:**

- 22 Distribuidora Itagy Eireli
- 23 Recicla
- 24 Água Mineral Refresq

**ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER:**

- Praça comunitária
- 27 Campo de terra batida

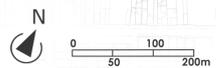
**COBERTURA VEGETAL:**

- Solo exposto com vegetação de porte e densidade baixa
- Massa vegetal de médio/alto porte com densidade média

**QUADRO SÍNTESE:**

- Área alagável
- Acumulo de lixo

Na delimitação foram identificados pontos com acumulo de lixo através das visitas in loco e da visualização de Street View do Google Maps. O mapa traz a marcação de uma área que apresenta alagamentos constantes e se localiza dentro da poligonal de intervenção.



### 3.7.1 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

No entorno imediato acessado em até 5 minutos de caminhada foram identificados nove pontos de ônibus além do terminal do Conjunto Village II, dentre eles só um possui uma estrutura cimentícia com banco e coberta, os demais são de conhecimento popular ou podem ser verificados via aplicativos de transportes, pois não há placas nem estrutura que indiquem o ponto de parada (Figura 28). Todos podem ser acessados em poucos passos, mas em queixas antigas da população a questão de segurança desses pontos é sempre citada por não serem áreas bem iluminadas causando insegurança na espera do transporte.

**Figura 28** – Ponto de ônibus na Rua Senador Teotônio Vilela (em frente à casa rosa) e na Av. Frei Damião Bozano, de dia, respectivamente.



**Fonte:** Google Maps na função Street View em 2022.

A fim de avaliar a infraestrutura urbana da área foi marcada no Mapa Síntese no raio de 600m, os postes de iluminação que circundam a ocupação, eles ficam posicionados no lado oposto ao terreno, aparecem no mapa uma grande quantidade de bolas amarelas que demarcam sua posição, mas na prática não são o suficiente para iluminar a área, deixando muitos pontos mal iluminados, o que gera insegurança no caminhar (Figura 29).

**Figura 29** – Ponto de ônibus na Rua Senador Teotônio Vilela; ponto de ônibus na Av. Frei Damião Bozano e Av. Alice Carolina durante a noite, respectivamente.

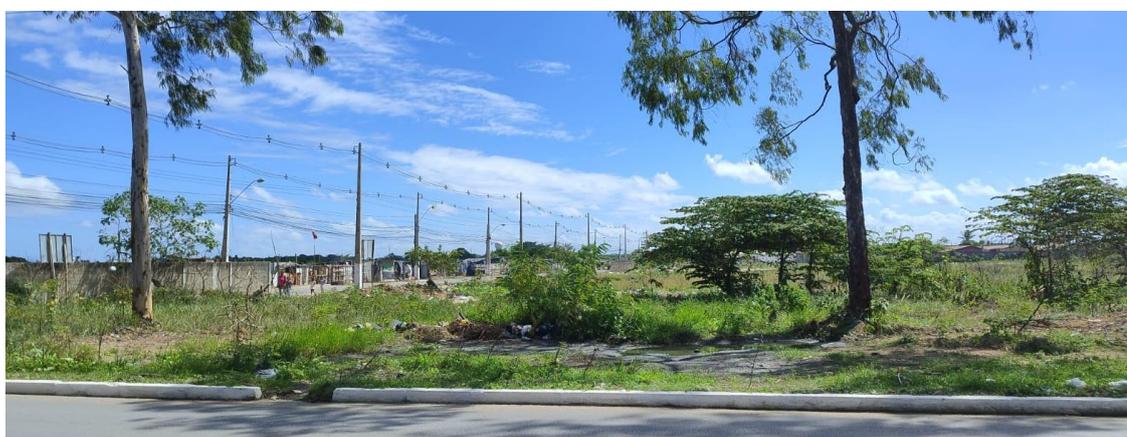




**Fonte:** Autora, 2024.

A questão da segurança pública também é citada quando se fala na cobertura vegetal do recorte, em alguns pontos mal iluminados e com arbustos e árvores mais altas, são citadas a falta de segurança em permanecer ou caminhar perto, um cenário que muda pelo dia onde se vê pessoas caminhando e circulando no bairro de modo mais tranquilo. No Mapa Síntese no raio de 600m, está marcada a cobertura vegetal encontrada no raio de 600m, de modo geral há pontos em que se encontram um aglomerado mais denso de árvores e arbustos composto por espécies de Eucalipto (*Eucalyptus tereticornis*) nativa da Oceania, Aroeira (*Schinus terebinthifolius*) nativa do Brasil, Coqueiro (*Cocos nucifera*) nativo da Ásia e disseminado nos trópicos, Jamelão (*Syzygium cumini*) conhecido aqui como Brinco de Viúva e nativo da Índia, também são encontrados em grande quantidade arbustos Mamona (*Syzygium cumini*) de médio e grande porte, a espécie é originária da Ásia. Como dito pela Embrapa, o solo da região não é muito fértil e, portanto, há uma grande predominância de gramíneas como capim em baixa e alta densidade, por serem uma espécie de rápido desenvolvimento, fácil adaptação a diversos tipos de solo e baixa exigência nutricional (Santa Fé, 2024).

**Figura 30** – Vegetação encontrada na área.





Fonte: Autora, 2024.

Em meio à vegetação são encontradas áreas de descarte irregular de lixo (Figura 31), em maioria são as margens das vias trazendo mal cheiro e roedores. Entre os materiais descartados encontram-se plásticos, restos de construções e lixo doméstico, assim como eram encontradas no terreno hoje ocupado pelo movimento. Além do lixo na área, há um trecho que sofre com constantes alagamentos (marcado por uma mancha azul no Mapa Síntese no raio de 600m), em que anteriormente empresas no ramo da construção civil despejavam metralhas no terreno e recolhiam de lá caçambas de areia para comercialização. Após a chegada da ocupação e embates com o movimento, a extração foi interrompida. Santos et al. (2021) relatam o processo. Desta atividade restaram pequenas depressões no solo que hoje em dia tendem a alagar, o local já foi citado como uma possível lagoa de drenagem do tabuleiro.

O Movimento luta também contra a retirada de sedimentos da área ocupada, efetuada por comerciantes locais, que por muitas vezes extraem estes na área próxima ao acampamento com a utilização de um trator, prejudicando o nivelamento do terreno, os conflitos diretos são estabelecidos com o motorista do trator, a fim de que essa atividade extrativa seja encerrada (Santos et al. 2021).

Figura 31 – Descarte irregular de lixo próximo as vias.



Fonte: Autora, 2024.

Diante do que foi exposto, fica clara a escolha do movimento por instalar uma ocupação na região, o bairro possui as características que coincidem com as intenções de luta que o MTST se propõe. O primeiro ponto considerado foi a localização, é um bairro periférico e o terreno em questão é considerado um grande latifúndio urbano que fica à margem de uma avenida movimentada. Em segundo lugar, os equipamentos que circundam o terreno, possibilitam o acesso à educação, saúde e transporte. Por último, é um bairro que está em crescente expansão, recebendo investimentos em sua infraestrutura, habitação e comércio. Assim, a posse da terra e posteriormente a construção das habitações podem corroborar para que a justiça social seja feita e por fim que essa população tenha qualidade de vida.

Souza (2002) explica que a justiça social é um conceito que se relaciona com a esfera pública, ela pode ser expressa nos níveis de segregação residencial, na desigualdade socioeconômica e no grau de participação cidadã direta nos processos de decisão, a exemplo da produção de HIS em Maceió feitas sem a participação da população de interesse e implantadas em áreas periféricas segregadas. Os parâmetros associados à qualidade de vida estão relacionados à satisfação do indivíduo quanto à educação, saúde e a moradia.

As questões avaliadas neste capítulo reforçam a intenção de que a justiça social seja cumprida ao dar a posse da terra ao movimento em uma área periférica que faz parte da cidade, de modo que esta população não seja realocada para conjuntos habitacionais em áreas remotas, mas que permaneça em uma localidade que permita usufruir da qualidade de vida requerida com o cumprimento da moradia própria e o acesso facilitado à saúde e educação.

### **3.7.2 QUADRO SÍNTESE**

O diagnóstico da área foi de suma importância para entender a inserção urbana da ocupação e os problemas e potencialidades de sua estadia no terreno em questão. A fim de sintetizar os resultados dessa análise foi produzido o quadro síntese (Figura 32).

Figura 32 – Quadro síntese do diagnóstico urbano.

<b>QUADRO SÍNTESE DO DIAGNÓSTICO URBANO NO ENTORNO IMEDIATO DA OCUPAÇÃO TEREZA DE BENGUELA.</b>		
<b>TEMA</b>	<b>POTÊNCIAS</b>	<b>PROBLEMATICA</b>
<b>TERRENO</b>	<p>O terreno é de um órgão público que pode conceder a posse da terra para o movimento.</p> <p>Antes de ocuparem a área, o movimento se reuniu com a Prefeitura para verificar a possibilidade de remoção, mas essa hipótese foi descartada.</p>	<p>A ocupação reside no local de maneira irregular, na tentativa de reivindicar a posse do terreno para assim construir suas habitações.</p>
<b>CONDICIONANTES AMBIENTAIS</b>	<p>O terreno ocupado é plano e de fácil acesso.</p> <p>A área que a Ocupação se insere não está dentro de nenhuma zona de proteção ambiental.</p> <p>O solo com a devida correção pode se tornar fértil e beneficiar o plantio na horta.</p>	<p>Ao fundo da ocupação tem uma área que sofre com constantes alagamentos.</p> <p>Uma faixa de aproximadamente 15m na frente do terreno não poderá ser edificada, pois ali passam tubulações de macro drenagem.</p> <p>O solo da região segundo a Embrapa é o Latossolo Amarelo e umas de suas características é ser pouco fértil.</p>
<b>MOBILIDADE</b>	<p>A localidade oferta acesso a três terminais de ônibus que ficam a curtas distâncias da ocupação.</p> <p>Muitas paradas de ônibus estão dispostas em frente à ocupação.</p> <p>O deslocamento no bairro por modais como bicicleta são favorecidos pelas vias largas e pavimentadas. Sendo esse modal muito utilizado pelos moradores da ocupação e entorno.</p>	<p>A maioria das linhas de ônibus da região se destina ao mesmo bairro (Ponta Verde) e, mesmo assim, estão sempre lotadas.</p> <p>Os pontos de ônibus não possuem sinalização nem espaço coberto para a espera. Além disso, a iluminação noturna é insuficiente para garantir segurança durante a espera.</p>
<b>EQUIPAMENTOS INSTITUCIONAIS</b>	<p>O bairro detém equipamentos de saúde lazer, a poucos metros de distância.</p>	<p>A população da ocupação só pode acessar a Unidade Docente Assistencial Prof. Gilberto de Macedo (UDA), por meio de um acordo que foi feito com a unidade devido ao Fórum SUS.</p> <p>Os demais equipamentos de saúde e ensino tem acesso comprometido devido à falta de endereço fixo.</p>
<b>INDUSTRIAL E COMÉRCIO</b>	<p>Nas proximidades estão alocadas indústrias que podem empregar a população que não detém de qualificação técnica.</p> <p>O conjunto em que a ocupação se insere e os conjuntos vizinhos ofertam uma concentração de comércios locais e de serviços.</p>	<p>As indústrias do entorno não são suficientes para empregar toda a população local, tornando necessário buscar emprego em outras partes da cidade. A maior oferta de empregos está na parte baixa da cidade, o que resulta em longos trajetos entre casa e trabalho.</p>
<b>ESPAÇOS DE LAZER</b>	<p>Os Conjunto vizinhos Denisson Menezes e Graciliano Ramos são dotados de praças com equipamentos de lazer infantil e adulto.</p> <p>A população do bairro, em uma tentativa de ampliar os espaços de lazer disponíveis, improvisou campos de terra batida e uma praça próxima à via. Essa iniciativa tem potencial para receber investimento por parte dos órgãos governamentais.</p>	<p>Para acessar equipamentos de lazer a população tem que se deslocar para os conjuntos vizinhos. Principalmente mães que buscam lazer para seus filhos.</p> <p>A Praça do Denisson Menezes, que pode ser acessada em um trajeto curto, está com sua estrutura comprometida devido à falta de manutenção em seus equipamentos.</p>
<b>INFRAESTRUTURA URBANA</b>	<p>O bairro é dotado de drenagem de águas pluviais, energia elétrica, água e esgotamento sanitário, ofertados pelas concessionárias privadas e públicas.</p> <p>Todas as vias próximas à ocupação são pavimentadas.</p>	<p>A ocupação não dispõe dessa infraestrutura, a necessidade de acesso acarreta em ligações clandestinas e improvisadas.</p>
<b>COBERTURA VEGETAL</b>	<p>O terreno em que a ocupação se insere faz parte de uma grande área livre composta por uma vegetação de gramíneas de baixa-média densidade; com aglomerados pontuais de árvores de médio-grande porte.</p>	<p>Essas áreas livres são alvo de descarte irregular de lixo; as gramíneas altas atrelada a pouca iluminação trazem insegurança para a população local.</p>

Fonte: Autora, 2024.

**CAP 3: RESISTIR**  
**A OCUPAÇÃO TEREZA DE BENGUELA**



## 4 RESISTIR: A OCUPAÇÃO TEREZA DE BENGUELA

Após a análise do bairro e entorno imediato em que a ocupação se insere, é necessário compreender de que maneira e em que condições essa população reside e resiste no local, deste modo, será apresentado a seguir o levantamento da ocupação e as condições de habitabilidade que os moradores detêm.

### 4.1 LEVANTAMENTO

Um dos motivos pelo qual o tema deste TFG surgiu foi da curiosidade de entender a ocupação e a forma como essas pessoas se apropriam de um espaço antes subutilizado. Desta forma, entendendo pelo modo de construção dos barracos e de como estão dispostos no espaço, presumi que não se assemelha ao modo em que as habitações do bairro em que se estabelecem, assim é de suma importância para as proposições que este trabalho visa atingir, entender como os barracos se organizam no espaço, como foram feitas as ruas, as conexões, os acessos etc. Esse entendimento só é possível com o levantamento do local e uma análise de implantação, que serviu como base para as diretrizes que serão elaboradas, de modo que estas respeitem a maneira de ocupar já existentes, produzida de modo autônomo pelos moradores.

Entendendo que se tratava de uma grande área, tentei inicialmente fazer o levantamento baseada nas imagens aéreas disponíveis via Google Earth e Maps, porém estas não se encontravam atualizadas, sendo as mais recentes datadas do mês 07 de 2023, e pela dinâmica de ocupação e desocupação o local já se encontrava de outra forma. Assim, decidi ir à campo e iniciar o levantamento in loco no dia 15 de dezembro, para isto chamei um amigo e juntos iniciamos as medições. Durante o processo, obtive ajuda também de um morador atuante no setor de autodefesa e outros que se mostraram dispostos a colaborar, fomos medindo as quadras com uma fita métrica de 50 metros e depois dividindo o espaço pela quantidade de barracos que haviam ali, no intuito de fazer uma estimativa de quantidade sem a intenção de ser preciso nas medidas das habitações. No fim da manhã conseguimos medir cinco ruas e fazer um levantamento visual de toda a ocupação, com esse material em mãos utilizei as imagens aéreas do Google Earth e a base CAD da área e atualizei conforme observei e medi in loco. A intenção de produzir o levantamento foi também para disponibilizá-lo para a ocupação posteriormente.

## 4.2 MALHA URBANA E ÁREAS COMUNS

Com o levantamento em mãos e o auxílio das imagens aéreas foram feitas algumas marcações a fim de entender a posição das vias, habitações e áreas comuns, entre outros aspectos do entorno. Em vermelho, foram marcadas as vias e entre elas duas se destacam, a principal 1 e 2 (Figura 33). A principal 1 é por onde se dá o acesso central da ocupação, e liga diretamente o início e o fim da área ocupada. A principal 2 fica mais acima e corta a ocupação na vertical se conectando com a principal 1, juntas formam um caminho para a saída principal, podem ser entendidas como vias coletoras que direcionam aos caminhos de entrada e saída principais.

As demais vias que surgem são numeradas conforme foram acrescentadas as fileiras de barracos, ao todo são consideradas seis ruas. Essa composição entre vias e barracos formam quadras retangulares longas e estreitas compostas por duas fileiras de barracos. Nas visitas in loco, José me indicou a presença de algumas travessas, seis ao todo, que repartem essas quadras e servem de atalho no deslocamento interno, a identificação só foi possível pelo apontamento do morador, pois aos olhos desatentos não conseguimos distinguir o que é travessa ou terreno livre. A malha de ocupação seguida é definida por fileiras horizontais de barracos que vão avançando para o fundo do terreno; conforme a chegada de mais pessoas mais vias vão surgindo, junto as quadras e travessas verticais que fragmentam estas quadras.

Figura 33 – Mapa de Levantamento 1 da Ocupação Tereza de Benguela.



FONTE: OLIVEIRA, K. (2024)



LEGENDA BÁSICA

- AEROPORTO
- VIAS DE ACESSO
- CENTRO
- BAIRO CIDADE UNIVERSITÁRIA
- OCUPAÇÃO TEREZA DE BENGUELA

MAPA DE LEVANTAMENTO 1 :

IDENTIFICAÇÃO DE VIAS, FLUXOS E BAREIRAS DE EXPANSÃO.

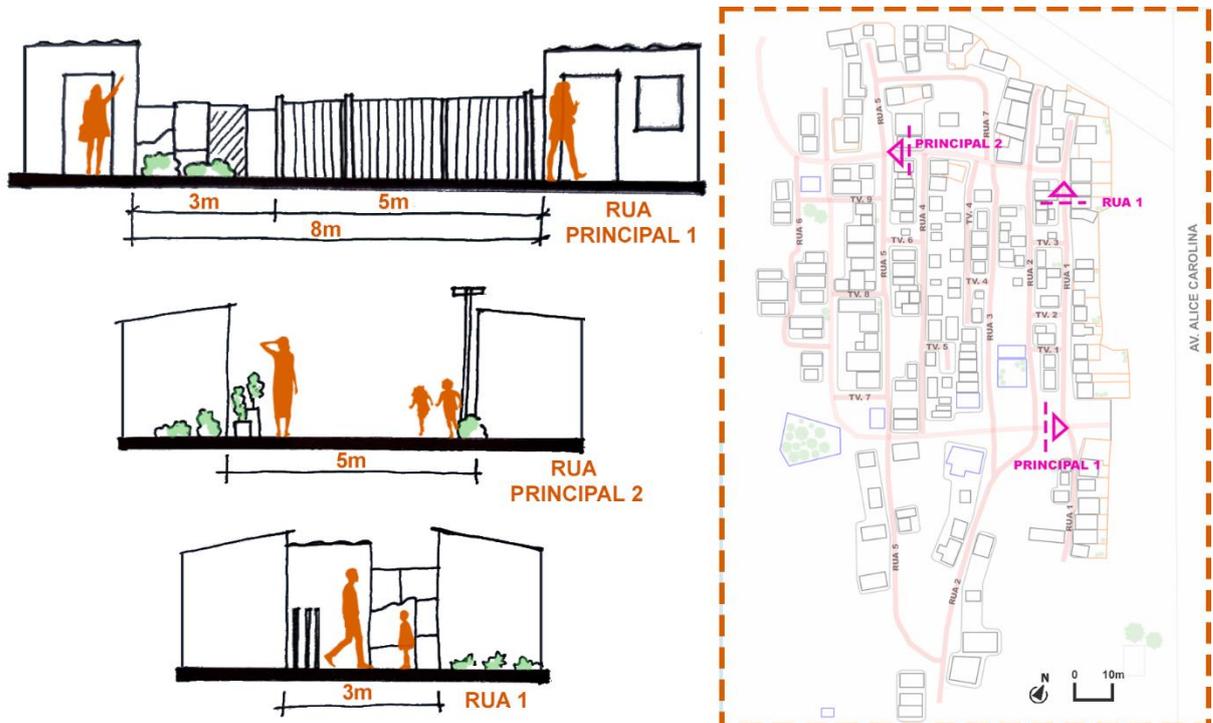
LEGENDA :

- VIAS INTERNAS
- VIA PRINCIPAL 1
- VIA PRINCIPAL 2
- BARREIRA DE EXPANSÃO 1
- BARREIRA DE EXPANSÃO 2
- BARREIRA DE EXPANSÃO 3
- FLUXO DAS ÁGUAS PLUVIAIS
- FLUXO DE PESSOAS
- VALA
- ÁREA NÃO EDIFICADA
- ÁREA ALAGÁVEL
- ÁREAS COMUNS

Fonte: Autora, 2024.

Estas vias se diferenciam pela noção de espaço dos moradores ao caminhar dentro da ocupação e por suas larguras. As vias identificadas como coletoras são mais largas em comparação com as demais e são delimitadas pelos barracos alocados em suas bordas. As travessas são mais curtas em comprimento e largura, ficando nas laterais dos barracos e conectando as pessoas de uma rua a outra. Elas se modificam de acordo com a ocupação e desocupação dos barracos laterais. As demais ruas identificadas possuem uma longa extensão de comprimento, com uma largura de aproximadamente 3 metros, podendo se alargar ou estreitar em alguns trechos. Quanto à nomenclatura das vias, durante as visitas ao local os moradores as classificaram por número, sendo provavelmente atribuído um número conforme são criadas. A Figura 34 traz um esboço dos perfis viários identificados.

**Figura 34** – Perfis viários da ocupação Tereza de Benguela.



Fonte: Autora, 2024.

A ocupação em seu espaço atual possui três barreiras de expansão como identificadas no Mapa de Levantamento 1 (Figura 33), a primeira delimita o avanço frontal com um recuo de 15m em relação à Av. Alice Carolina, que não pode ser edificado, pois abaixo passam tubulações de macrodrenagem. A segunda barreira é uma delimitação feita por uma vala existente criada por órgãos públicos que faz parte desse sistema de macrodrenagem. A terceira barreira é uma delimitação na lateral esquerda, esta foi feita pelo movimento na intenção de preservar o caminho informal que ali já existia (o mesmo caminho em que passei em 2019).

Devido as barreiras de expansão e a tentativa do movimento de trazer mais segurança para os moradores, a implantação da ocupação se volta para o interior da área, os barracos que fazem fronteira com essas delimitações colocam seus quintais de frente a avenida; o acesso a estes e os demais barracos são feitos pelas vias internas criadas.

Moradores me informaram que por meio de denúncias externas ocorreram algumas batidas policiais em 2020 e 2021, o que assustou a população; também houve ataques políticos após alguns posicionamentos que o movimento teve, em que estranhos entraram na ocupação, tiraram fotografias e expuseram os moradores e suas habitações. Assim, foi colocado um portão de madeira na entrada central (Figura 35) e o direcionamento dos barracos para o interior do espaço, o que isola ainda mais a ocupação do entorno e a possibilidade de integração dessas pessoas com os moradores do bairro.

**Figura 35** – Entrada principal da Ocupação Tereza de Benguela.



**Fonte:** Autora, 2024.

O Mapa de Levantamento 1 ainda conta com marcações de fluxos das águas pluviais e de pessoas que andam a pé ou de bicicleta no terreno. O fluxo de águas pluviais foi marcado conforme observado em topografia e por relatos dos moradores da ocupação que indicaram a área localizada atrás dos barracos como propensa a alagamentos, em dias de chuvas intensas são escavadas pequenas valas que ajudam a escoar a água de modo mais rápido, momentos como este podem ser observados em registros nas redes sociais do movimento. A ocupação não conta com sistema de drenagem, são feitas em momentos extremos ações paliativas para redirecionar as águas pluviais, devido a isto e a estrutura das habitações os moradores sofrem com constantes alagamentos e invasão de águas no interior dos barracos. O fluxo de pessoas foi marcado de acordo com observações in loco onde foi possível ver pessoas caminhando a pé e se deslocando de bicicleta no recuo frontal e no caminho preservado na lateral esquerda,

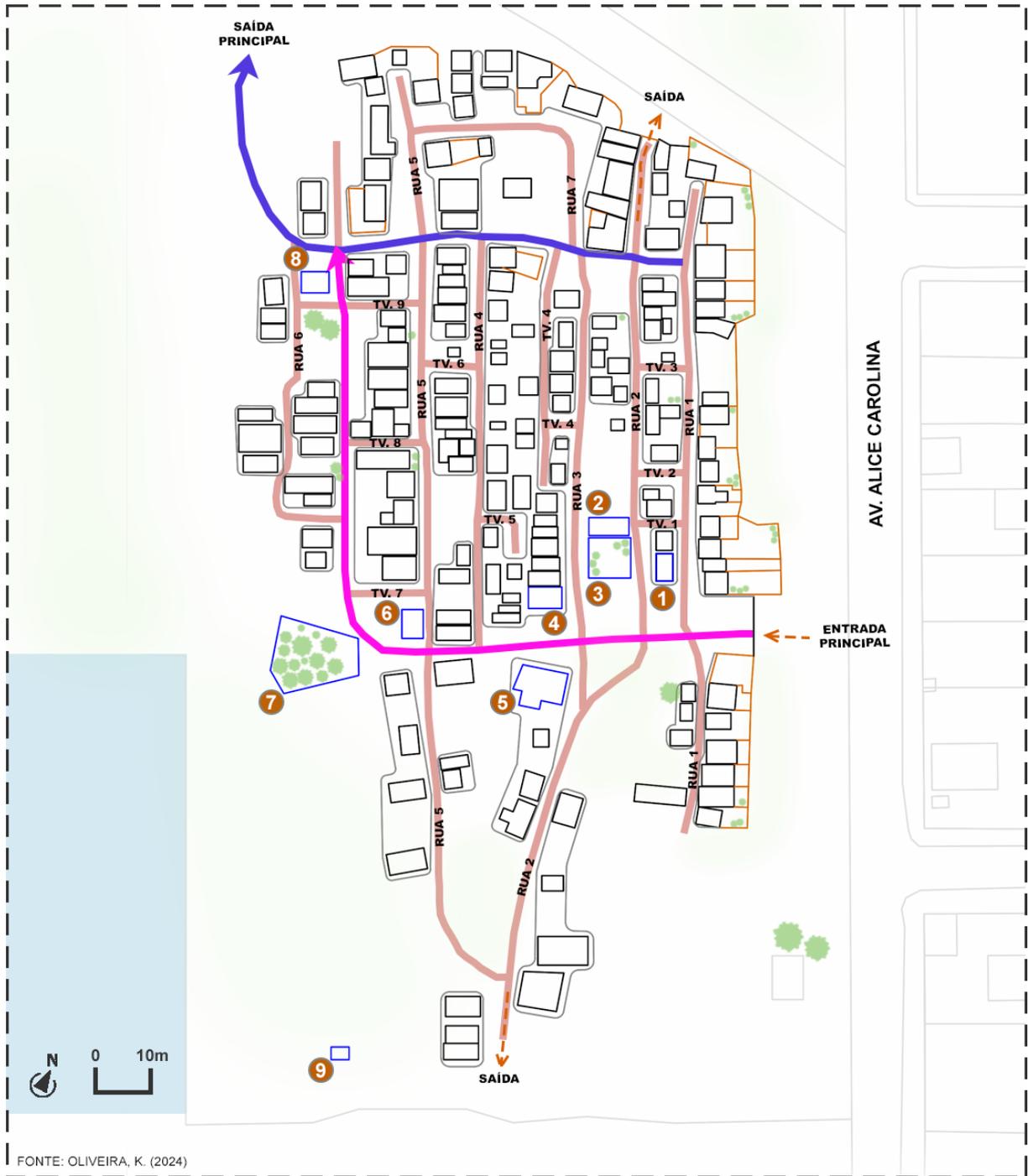
utilizando o espaço pra cortar caminho e acessar os conjuntos vizinhos. Neste mapa é possível visualizar também uma cobertura vegetal na área, com as manchas em verde, são em sua maioria espécies de ruderais de baixo porte e densidade que se intensificam em tempos chuvosos; no interior da ocupação são realizados mutirões de limpeza para o controle e retirada dessa vegetação, restando apenas algumas arvores de baixo porte recém plantadas por moradores.

Após a identificação das vias, barreiras de expansão e outros aspectos da implantação no Mapa de Levantamento 1, foi produzido o Mapa de Levantamento 2 (Figura 36), para destacar os barracos, áreas comuns e acessos. Os barracos com quintais maiores foram destacados no mapa, com suas cercas delimitadas por uma linha laranja. Após essa demarcação, fica clara a barreira formada por eles em frente à Avenida Alice Carolina.

A implantação da ocupação, junto ao posicionamento das vias, cria várias entradas e saídas. A entrada principal é a que possui um portão e está de frente para a avenida. Em cada lateral da ocupação há uma saída ambas na Rua 2, e aos fundos fica a saída principal. Entre os acessos mencionados, apenas a entrada principal possui uma barreira física (portão) que impede o acesso direto dos passantes.

As áreas comuns identificadas foram numeradas de acordo com sua proximidade com a entrada, assim, bem próximo à entrada principal temos a mercearia, plenária e a pracinha, um pouco a frente está a biblioteca e a cozinha solidária, seguindo para o fundo do terreno tem a lavanderia 1 e horta, próximo a saída principal fica a lavanderia 2, e na outra extremidade fica o banheiro. A Figura 36 marca a posição dessas áreas e em seguida temos a descrição desses espaços:

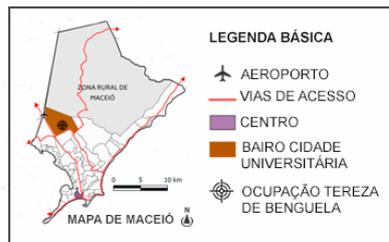
Figura 36 – Mapa de Levantamento 2 da Ocupação Tereza de Benguela.



FONTE: OLIVEIRA, K. (2024)

MAPA DE LEVANTAMENTO 2 :

MARCAÇÕES DE ÁREAS COMUNS, BARRACOS, ACESSOS E COBERTURA VEGETAL.



LEGENDA BÁSICA:

- LOTES, VIAS E QUADRAS
- BARRACOS
- ÁREAS COMUNS
- CERCAS
- ÁREA ALAGÁVEL

LEGENDA TEMÁTICA:

- VIAS INTERNAS
- VIA PRINCIPAL 1
- VIA PRINCIPAL 2
- ENTRADAS/SAÍDAS
- COBERTURA VEGETAL

- 1 MERCEARIA
- 2 PLENÁRIA
- 3 PRAÇA
- 4 BIBLIOTECA
- 5 COZINHA SOLIDÁRIA
- 6 LAVANDERIA 1
- 7 HORTA
- 8 LAVANDERIA 2
- 9 BANHEIRO

Fonte: Autora, 2024.

**Plenária e praça:** é composto por um palco em cimento construído à frente de um muro; é utilizado para as reuniões comunitárias, fica em frente a uma área descoberta em terra batida onde as pessoas colocam suas cadeiras e se reúnem para discutir as pautas. Eliane comentou dos planos futuros de fazer uma cobertura nessa área para um melhor conforto nas reuniões (Figura 37). A praça é um espaço aberto possuindo apenas pequenas árvores e arbustivas plantadas dentro de pneus reutilizados, ela ainda está em desenvolvimento e há alguns mobiliários produzidos com pneus reutilizados no local. Em um evento recente, a parede que divide a praça da plenária ganhou uma arte feita através de colaboração entre artistas locais e crianças da ocupação (Figura 38).

**Figura 37** – Assembleia geral e evento acontecendo na Plenária, respectivamente.



**Fonte:** Rede social do movimento (@MTSTalagoas), coletadas em 2024; Autora, 2024.

**Figura 38** – Praça em dia de evento na ocupação.



**Fonte:** Autora, 2024.

**Biblioteca Paulo Freire:** leva o nome do notório educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, que entre muitas contribuições à nação brasileira, defendia que o papel da educação é formar revolucionários. A biblioteca é um cômodo construído em madeira e telhado de fibrocimento, onde abriga mesas, materiais escolares e livros. Nela são realizadas ações aos sábados envolvendo as crianças da ocupação, no intuito de trazer uma formação política aos sem-tetinhos; nela também são realizados os atendimentos pelos médicos da UDA e rodas de conversas com os moradores.

**Figura 39** – Biblioteca Paulo Freire, sediando eventos.



**Fonte:** Rede social do movimento (@MTSTalagoas), coletadas em 2024.

**Cozinha Tia Marcelina:** em homenagem a Tia Marcelina uma candomblecista Alagoana, que foi espancada e teve seu terreiro destruído na ação criminosa conhecida como “Quebra de Xangô”. A cozinha serve três refeições diárias para todos os ocupantes, sobrevivendo de doações dos moradores e externas, além dos alimentos colhidos na horta comunitária. Possuindo uma pequena varanda na frente e três cômodos; o primeiro é a recepção onde se encontra o “G central”, onde ficam os registros dos moradores, dispendo de uma mesinha e um sofá; a recepção dá acesso ao segundo cômodo é a área de preparo dos alimentos, dispendo de um fogão à lenha, bancadas de preparo, pias e tonéis de água; o terceiro cômodo é o depósito de alimentos, lá armazenam também as comidas prontas que serão distribuídas pela janela na lateral que dá acesso à varanda. Sua estrutura é em madeira e coberta com telha de fibrocimento, o chão da varanda, despensa e do depósito é cimentício, o da área de preparo ainda é em terra batida.

**Figura 40** – Cozinha Tia Marcelina.



**Fonte:** Rede social do movimento (@MTSTalagoas), coletadas em 2024.

**Horta Chico Mendes:** carrega o nome de Francisco Alves Mendes Filho, conhecido por Chico Mendes, foi um seringueiro, sindicalista e ativista brasileiro que lutou a favor dos seringueiros da bacia amazônica e da preservação da floresta. A horta possui área de aproximadamente 160m<sup>2</sup> com plantações de tomate, quiabo, pimentão, coentro e cebolinhas, entre outras espécies que crescem e produzem rápido. O espaço possui também uma pequena estufa gradeada, onde armazenam as mudas e sementes. Em visita no final de dezembro, me foi relatada a dificuldade no plantio pela infertilidade do solo e falta de colaboração para a irrigação; em fevereiro de 2024 ocorreram mutirões para a ampliação da horta.

**Figura 41** – Horta Chico Mendes.



**Fonte:** Rede social do movimento (@MTSTalagoas), coletadas em 2024; Autora, 2024.

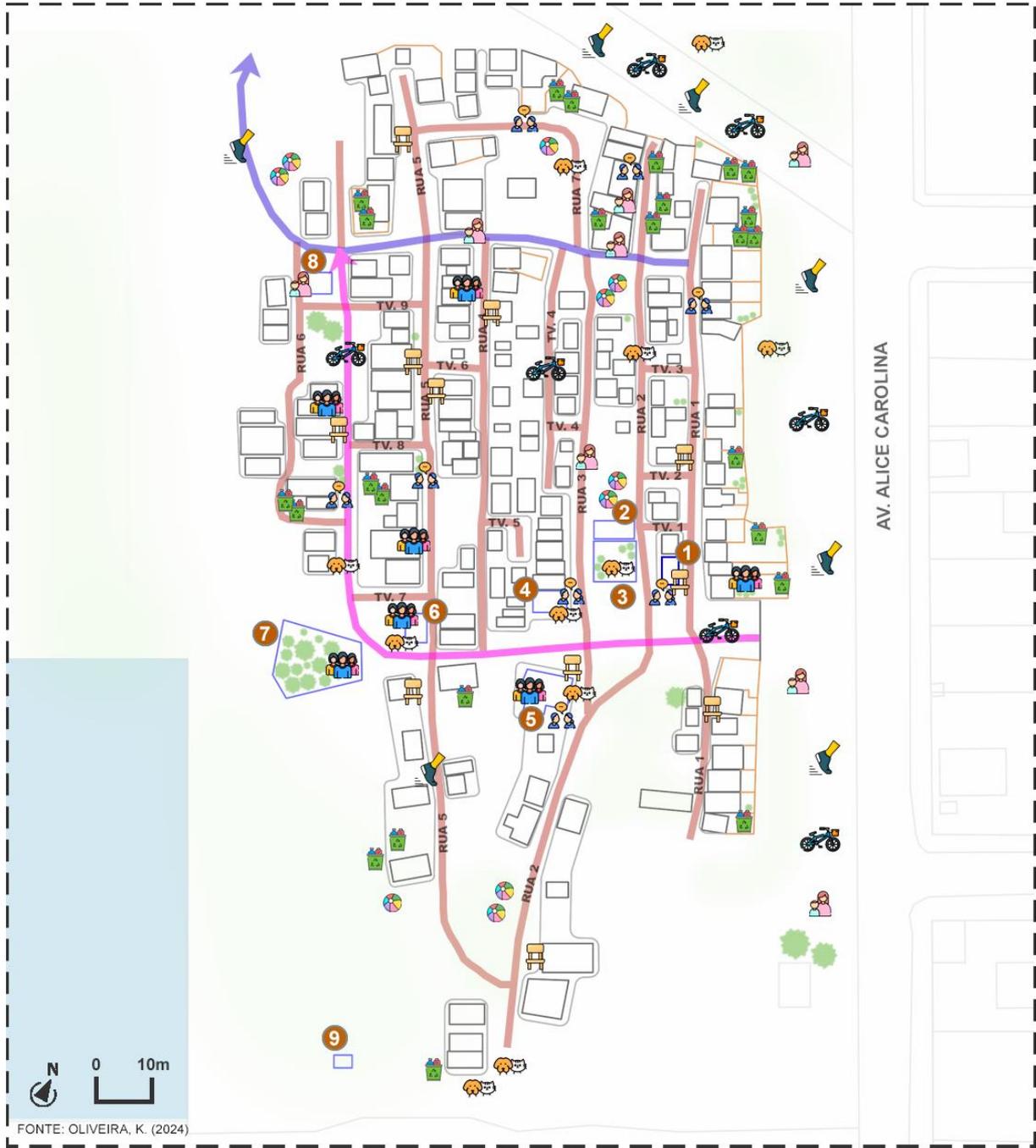
**Lavanderias comunitárias:** A ocupação possui duas lavanderias, ambas são uma área coberta por telha de fibrocimento que são estruturadas por caibros de madeira, neste espaço são dispostos tanques de fibra possuindo água encanada e ao lado destes ficam alguns tonéis de água; João me mostrou durante a visita a instalação elétrica improvisada produzida para que os moradores possam utilizar alguma máquina ou tanque de lavar.

**Figura 42** – Lavanderia comunitária.

**Fonte:** Rede social do movimento (@MTSTalagoas), coletadas em 2024.

Durante as visitas in loco foi observado que muitas pessoas se concentravam próximos as áreas comuns, utilizando-as para realização de serviços de cuidado e como área de convivência. Com base em tais observações, foi elaborado o Mapa de Cotidiano (Figura 43) que ilustra onde e quais atividades são realizadas na ocupação, mostrando um pouco de como se dá a vida cotidiana das pessoas. Vale ressaltar que essa movimentação varia de acordo com dias e horários, as visitas in loco ocorreram em maior parte pelo dia em durante a semana, onde muitos barracos estavam fechados pois seus moradores estavam no trabalho. Além de observações da movimentação de pessoas dentro da ocupação, o mapa contempla a movimentação na parte externa, onde foram visto um fluxo moderado de pessoas se deslocando, a pé e de bicicleta.

Figura 43 – Mapa de Cotidiano da Ocupação Tereza de Benguela.



FONTE: OLIVEIRA, K. (2024)

MAPA DE COTIDIANO



LEGENDA BÁSICA

- AEROPORTO
- VIAS DE ACESSO
- CENTRO
- BAIRO CIDADE UNIVERSITÁRIA
- OCUPAÇÃO TEREZA DE BENGUELA

LEGENDA BÁSICA:

- LOTES, VIAS E QUADRAS
- BARRACOS
- ÁREAS COMUNS
- CERCAS
- ÁREA ALAGÁVEL

- 4 BIBLIOTECA
- 5 COZINHA SOLIDÁRIA
- 6 LAVANDERIA 1
- 7 HORTA
- 8 LAVANDERIA 2
- 9 BANHEIRO

LEGENDA TEMÁTICA:

- VIAS INTERNAS
- VIA PRINCIPAL 1
- VIA PRINCIPAL 2
- COBERTURA VEGETAL
- MULHER COM CRIANÇAS
- MULHERES TRABALHANDO
- PESSOAS CONVERSANDO

- GATOS E CACHORROS
- CRIANÇAS BRINCANDO
- PESSOAS EM BICICLETAS
- PESSOAS CAMINHANDO
- PESSOAS SENTADAS NA PORTA
- ARMAZENAMENTO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Fonte: Autora, 2024.

### 4.3 INFRAESTRUTURA DAS HABITAÇÕES

O tamanho dos barracos acompanha as condições e a disponibilidade que as famílias têm de encontrar ou comprar esses materiais; muitos iniciam com a criação de um único vão e com o passar do tempo expandem para outros ambientes.

A estrutura desses barracos em sua maioria é feita em madeira, utilizada no formato de esteio, caibro, estaca e ripa, é o material mais caro e mais resistente, com ele produzem a forma estrutural principal de parede e coberta que serão preenchidos com os demais materiais.

Para a vedação lateral são utilizados materiais diversos, o mais característico das ocupações em todo o país é a lona preta fina, que pode ser reciclada ou comprada por um valor baixo. Os demais materiais são o MDP (painel de fibras de média densidade) que pode ser obtido no reaproveitamento de móveis antigos; forro de PVC que são encontrados descartados no lixo ou em demolições de casas antigas, é um material leve e de fácil manipulação; a lona grossa que são recicladas de banners ou piscinas infláveis descartadas e é a mais durável contra as intempéries de vento, sol e chuva, porém mais quente, como veremos a seguir. Não há regras quanto aos materiais utilizados na vedação externa e interna dos barracos, todo e qualquer material que oferte sustentação e proteção contra as intempéries são utilizados.

Na cobertura é muito utilizada as telhas de alumínio e fibrocimento pela resistência que ofertam, podem ser encontradas descartadas no lixo ou compradas por um valor mais acessível. Quando o/a morador/a não as encontra e não tem condições de compra-las é utilizada a lona preta, mas nessa função ela não oferta muita segurança e nem durabilidade. Em alguns casos as telhas são empregadas na vedação lateral também.

Matos (2021) em seu estudo sobre a ocupação Dandara faz uma análise sobre a sensação térmica dos materiais utilizados na confecção dos barracos, aferindo a temperatura de superfície dos materiais às 12h, com a incidência solar direta e indireta, com a temperatura média do ar em 27°C, dentre os materiais avaliados a lona preta fina se destaca com o melhor desempenho térmico:

A lona fina, foi um dos materiais com melhor desempenho térmico, se comparados a outros materiais, apresentando uma pequena variação térmica entre as temperaturas aferidas do material com exposição direta do sol e com sombreamento. Entretanto a lona grossa teve o pior resultando entre os materiais, em um dia com temperatura média de 27°C, o material quando exposto ao sol de um dia nublado, chegou à 43,8°C, uma alta temperatura levando em consideração as condições climáticas do dia. (Matos, 2021)

Alerta que este é o aspecto mais crítico nesse tipo de moradia, atestando seu valor de habitação temporária, sendo extremamente desconfortável se manter dentro do barraco em dias quentes como relata abaixo, o mesmo ocorre na Ocupação Tereza de Benguela onde observei muitas pessoas na porta de seus barracos.

Um dos aspectos mais críticos desse tipo de moradia é a sensação térmica no interior dos barracos. Durante as visitas de campo, o autor presenciou diversas situações em que adultos e crianças passaram mal em dias de altas temperaturas. Uma das estratégias que os moradores adotam para amenizar esse problema é a não permanência dentro dos barracos durante o dia. O desconforto térmico está relacionado com a capacidade térmica dos materiais utilizados na confecção dos barracos. (Matos, 2021)

Em uma das visitas in loco na ocupação, Eliane me levou para visitar alguns barracos que ela classificou como simples, mediano e o barraco dos sonhos (chamado assim por possuir uma estrutura almejada pelos ocupantes). Acredito que, seu critério de classificação foi feito de acordo com o acréscimo/número de ambientes e nas melhorias na estrutura física dos barracos. Um objeto de desejo de todos os moradores é a sonhada varanda na frente da casa e o quintal aos fundos. Muitos improvisam esses lugares fazendo uma pequena cobertura na porta principal (que também ajuda a amenizar o calor com a menor incidência solar direta nas paredes) ou delimitando espaços livres privados com estacas de madeira, plantas entre outros materiais; para o quintal é feito um cercado na parte traseira da habitação com uma vedação lateral de diversos materiais.

Muitos moradores da ocupação trabalham com reciclagem, assim o quintal é também um espaço de trabalho e armazenamento; já a varanda é muito utilizada para descanso por ser a área mais ventilada das habitações, em alguns casos os moradores montam pequenos comércios na sala e este espaço vira uma área de atendimento. Quando uma família conquista sua habitação formalmente, o seu barraco é desmontado e seus materiais doados a outras famílias e/ou amigos/as que permanecem na luta. A seguir esbocei as configurações observadas na visita:

**Figura 44** – Esboço do barraco simples, mediano e dos sonhos, respectivamente. <sup>6</sup>



Fonte: Autora, 2024.

#### 4.4 INFRAESTRUTURA URBANA

A ocupação, como existe hoje, não detém infraestrutura urbana como iluminação pública, nem saneamento básico aqui entendido como acesso a água potável, coleta e tratamento de esgoto, coleta de resíduos sólidos, e drenagem urbana. Por essa carência de serviço público e por estarem fora dos padrões urbanísticos, o IBGE classifica esse tipo acampamento como “Favela e Comunidades Urbanas”<sup>7</sup>. Na tentativa de mitigar o acesso a esses serviços essenciais os moradores improvisam as instalações de água, esgoto e iluminação.

A captação de água é feita por conexões ligadas na rede de distribuição de água. Uma longa tubulação leva água para dentro da ocupação; os custos de tal empreitada foram rateados

<sup>6</sup> Estes desenhos representam um esboço esquemático feitos a partir de observações in loco, não possuindo escalas nem medidas.

<sup>7</sup> Termo utilizando a partir de 2022 para substituir o antigo “aglomerado subnormais”.

pelos moradores. Dentro da ocupação são feitas as conexões de água para áreas comuns e para dentro dos barracos de quem consegue custear o valor das tubulações. Aos que não podem pagar são dispostas nas lavanderias torneiras e tonéis de água onde podem ser enchidos baldes para o armazenamento pessoal. Na frente de alguns barracos são dispostos baldes que funcionam como cisternas a fim de captar e reservar água da chuva.

Quanto ao esgotamento sanitário das áreas de convivências são criadas valas que levam as águas cinzas para longe (geralmente para parte posterior do terreno); em relação aos banheiros integrantes do setor de infraestrutura (responsáveis pela criação e manutenção estrutural das áreas comuns) me relataram que grande parte dos barracos possuem seus próprios banheiros, produzidos de maneira artesanal e ligados a fossas rústicas, de baixa profundidade. A ocupação detém de banheiro público alocado no fundo do terreno para a utilização dos moradores que não possuem banheiro em seus barracos, é um pequeno cômodo de madeira, com um vaso e uma área de banho.

Para iluminar os barracos e as áreas comuns na ocupação são feitas instalações por um electricista comunitário, a energia é captada dos postes das ruas vizinhas e conectada aos postes internos (confeccionados em madeira) da ocupação (Figura 45), a conexão da rua para os postes internos foi feita por baixo do solo a fim de garantir a segurança dos moradores; dos postes internos é feita a distribuição para os barracos e áreas comuns. A equipe de infraestrutura atua na função de reparos quando é preciso, a necessidade de energia elétrica faz com que os moradores busquem alternativas, porém, tais ações podem trazer grandes riscos de choques e incêndio tendo em vista os materiais usados na confecção dos barracos.

**Figura 45** – Rede improvisada de iluminação nas ruas da ocupação.



**Fonte:** Autora, 2023; Autora, 2024.

Vê nestas ações a tentativa do movimento em dar condições para que seus moradores/as possam permanecer no acampamento, em ações coletivas que mesmo improvisadas visam o benefício e uma melhoria na vida cotidiana de todos. O conhecimento técnico e empírico de alguns ocupantes se faz necessário e é de suma importância nessas empreitadas.

É importante situar que tanto as condições das habitações e de acesso à infraestrutura são vistas pelos/as ocupantes como uma situação improvisada e temporária, parte da luta pelo direito à moradia adequada.

# CAP 4: PROPOSIÇÕES



## 5 PROPOSIÇÕES

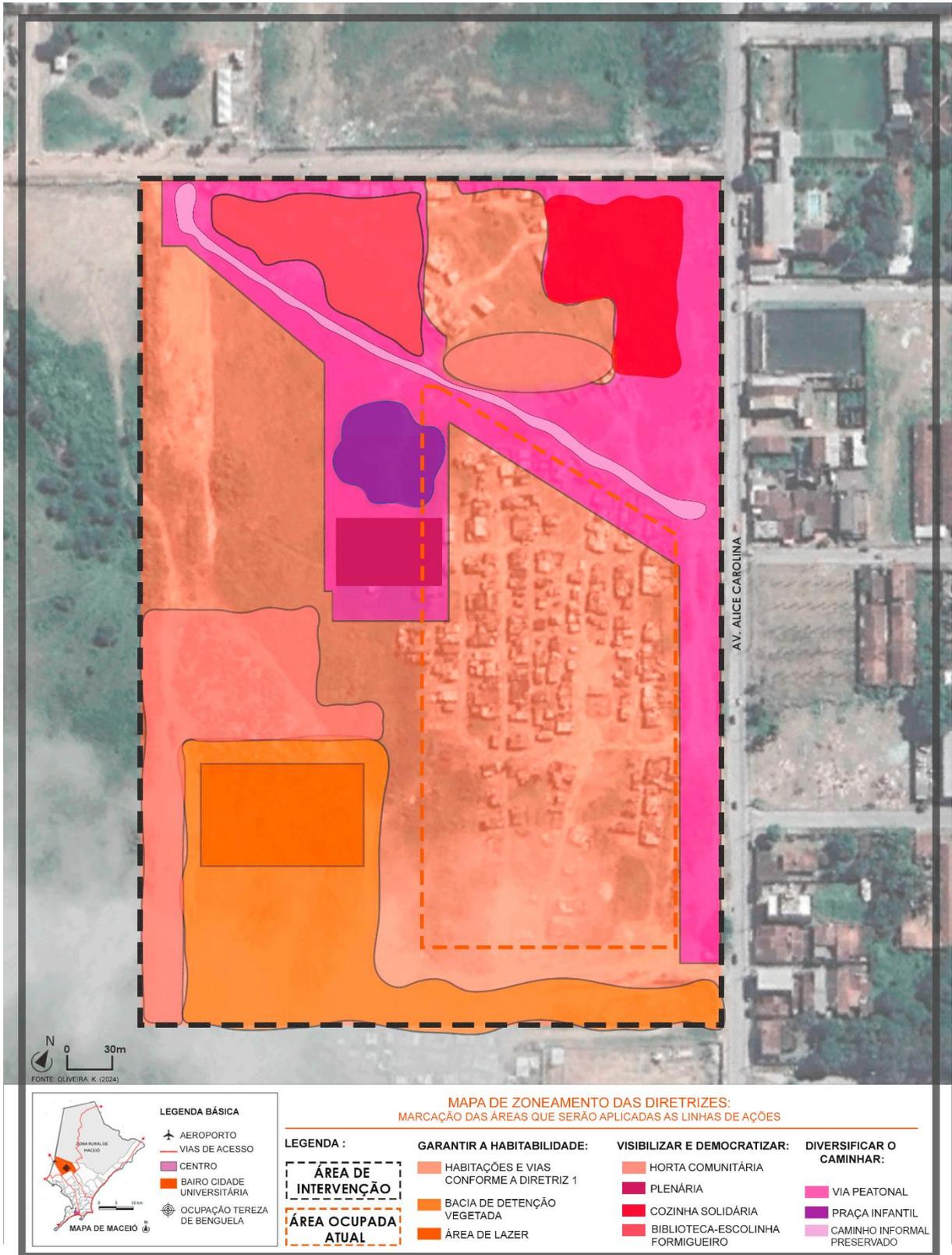
Após as análises do entorno da Ocupação Tereza de Benguela bem como de sua implantação e infraestrutura, foram elaboradas diretrizes urbanísticas para nortear e orientar futuras intervenções na área. Tais diretrizes tem o propósito de solucionar os problemas identificados, como as condições das habitações, vias internas e infraestrutura local; a expansão e melhoria dos ambientes de lazer e cuidado elaborados pelos moradores; a melhoria no trecho de mobilidade utilizada pelos moradores da região, atrelando ao caminhar espaços de lazer e suporte das atividades cotidianas. Deste modo foram determinadas três diretrizes para a Ocupação Tereza de Benguela e a área de futura expansão, para cada uma foram definidas linhas de ações. Assim, visando o melhor entendimento e uso futuro deste documento as propostas estão dispostas em forma de infográfico (Figura 46), mapa de zoneamento das diretrizes (Figura 47), descrição em texto com indicações de projetos inspiradores e em mapa para espacializar e ilustrar onde serão aplicada cada linha de ação. Todas as ações só poderão ser realizadas mediante a devida regularização fundiária do terreno, então partirei do pressuposto de que essa etapa já foi realizada.

Figura 46– Infográfico das diretrizes urbanísticas elaboradas.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 47– Mapa de zoneamento das diretrizes.



Fonte: Autora, 2024.

## 5.1 GARANTIR A HABITABILIDADE:

A primeira diretriz definida foi denominada de **Garantir a Habitabilidade**, visando atender a demanda habitacional dos/as moradores/as da ocupação. Este princípio diz respeito à uma expansão das moradias atrelada a conceito de habitabilidade (conjunto de condições que tornam uma casa habitável, dentre elas se destacam a infraestrutura hidráulica, elétrica e sanitária), com ações conjuntas de pavimentação de vias e drenagem urbana. É fundamental fornecer na expansão da ocupação uma habitação de qualidade que traga a seus moradores a segurança física pelo espaço edificado e emocional por terem o sonhado lar. Ademais, o acesso a habitação adequada possibilita que sejam atendidos por outros equipamentos como os de saúde e ensino (“a moradia é a porta de entrada a todos aos outros direitos” grito de ordem dos movimentos de luta por moradia). Para as mulheres, em específico as chefes de família, significa autonomia para suas vidas e proteção para aqueles que dependem de seus cuidados, como idosos e crianças.

Figura 48 – Linhas de ação para a diretriz Garantir a Habitabilidade.

### 1º GARANTIR A HABITABILIDADE

- **Definição** da implantação, **tipologias** de habitação, **áreas comuns de lazer e cuidado**, através de projeto participativo.
- Marcação de **vias e ruas**.
- Obras de **saneamento básico**, pavimentação, iluminação pública e drenagem urbana.
- Obras de **infraestrutura verde** na área alagável e replicação de menor escala em todo conjunto.
- Demarcação e **construção das habitações** via PMCMV entidades, junto a assistência técnica devida. Incentivar o uso de muros baixos.



Fonte: Autora, 2024.

Assim a primeira linha de ação prevista consiste na elaboração do projeto do conjunto habitacional. Este projeto deve conter a implantação das ruas, áreas comuns e a definição da disposição e tipologias das habitações, em processo participativo que envolva a comunidade e leve em consideração as necessidades levantadas, como a preferências observadas durante o trabalho de campo por casas térreas, contendo varanda e quintal.

Para auxiliar esta futura ação, trago de exemplo o projeto de reassentamento da Comunidade do Piquiá de Baixo, que foi desenvolvido com assessoria técnica do escritório USINA CTAH. A comunidade residente na região de Açailândia-MA sofria com os resíduos tóxicos da indústria de ferro gusa e com a proximidade com uma ferrovia de escala nacional que causava frequentes atropelamentos. Após diversas mobilizações sociais e tramites jurídicos, foi cedida a posse de uma de área desapropriada contendo 38 ha onde foi previsto a construção de 312 unidades habitacionais, bem como a implantação de equipamentos como: Associação de Moradores, Clube das Mães, Mercado, Centro Esportivo, Creche, Escola, Memorial das Lutas do Piquiá, Unidade Básica de Saúde - UBS, Centro de Referência em Assistência Social - CRAS e um Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos, para servir os/as futuros/as moradores/as e aos bairros vizinhos, visando a integração do conjunto com o entorno (Barantto, 2015). A Figura 49 é a implantação do conjunto habitacional com a indicação de uma das áreas comuns dispostas no terreno e um destaque para um conjunto de casas.

**Figura 49** – Implantação do reassentamento comunidade Pequiá de baixo.

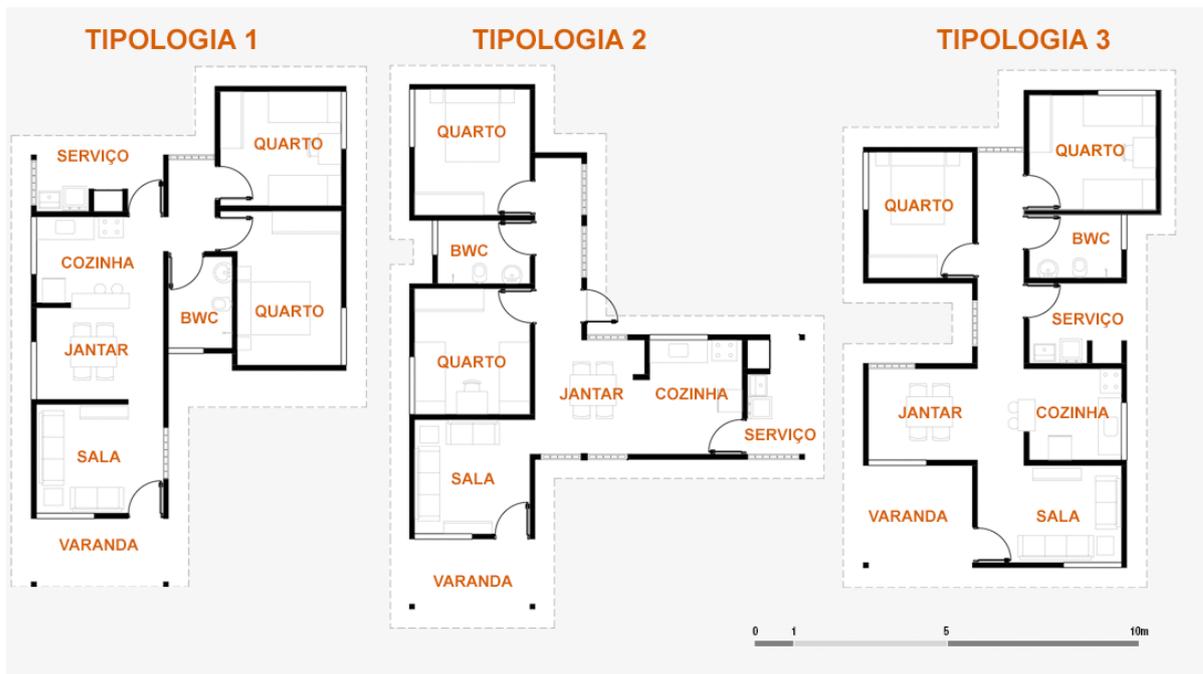


**Fonte:** USINA CTAH, 2013, adaptado pela autora, 2024.

Os métodos participativos utilizados pelo USINA CTAH na elaboração do projeto as unidades habitacionais também podem servir de modelo para a elaboração do futuro projeto habitacional da Ocupação Tereza de Benguela. As tipologias (Figura 50) contêm os requisitos estabelecidos pelos/as ocupantes (casa térrea com varanda e quintal) e estão dispostas de modo

que incentivam o convívio comunitário ao estabelecer pequenas praças nos conjuntos de casas, formando quadras que contém espaços de lazer próximo as residências e seguros para crianças, idosos e animais domésticos. As habitações estão em construção e o andamento da obra pode ser acompanhado pelo site da comunidade (pequiadebaixo.com) (Figura 51). A construção está sendo financiada pelo programa Minha Casa Minha Vida entidades, assim como é de desejo dos ocupantes da Tereza de Benguela.

**Figura 50** – Tipologias desenvolvidas.



**Fonte:** USINA CTAH, 2013, adaptado pela autora 2024.

**Figura 51** – Desenho das habitações e habitações em construção, respectivamente.



**Fonte:** USINA CTAH, 2013; Pequiá de baixo.com, 2023.

O projeto apresentado serve para ilustrar os resultados de um projeto habitacional elaborado por meio de um projeto participativo. Sendo está uma das muitas possibilidades de

arranjo que pode inspirar a população da ocupação durante a execução da primeira linha de ação desta diretriz, que se propõe a pensar e elaborar o projeto pra o terreno de 8hc.

No mapa de cotidiano, foi possível observar que muitas pessoas se reuniam próximo as áreas comuns de lazer e cuidado para conversar e realizar suas atividades cotidianas, Helene et al. (2022) ressalta a importância de priorizar os espaços livres públicos em escalas variadas, principalmente a pequena escala, próxima à escala da casa e dos espaços domésticos e de cuidado (criando uma mescla pulverizada entre espaços públicos e privados) em detrimento de ruas e espaços para circulação de automóveis. Assim, o projeto apresentado ressalta estes espaços de convivência ao destinar pátios nos blocos de habitações, que deverão ser incorporados também no projeto de habitação da ocupação tendo em vista que a população utiliza esses espaços livres diariamente.

Como colocado anteriormente, o terreno da Ocupação Tereza de Benguela não possui infraestrutura básica, então após a definição do projeto e de como se dará a conexão às redes de infraestrutura existente, serão necessárias obras de saneamento, com as devidas ligações de água, luz e esgoto. Obras de pavimentação, drenagem e iluminação pública também deverão ser realizadas. O conjunto destas ações tornarão a área devidamente habitável.

Para a pavimentação o ideal é aplicação de um novo perfil viário, visando a padronização das calçadas, trago de exemplo para ser seguido a cartilha de calçadas elaborada pela SEDET (2020), onde estão as dimensões mínimas que deverão ser seguidas para a criação de uma calçada acessível a todos, a cartilha também conta com as normas e detalhamentos para os diversos formatos de calçada. A Figura 52 traz uma das imagens da cartilha detalhando o perfil da calçada, nela é possível observar uma faixa livre para passeio e uma faixa de serviço, onde seria possível a aplicação de jardins de chuva, que são jardins que captam as águas pluviais, filtram e devolvem ao sistema de drenagem, reduzindo velocidade de água nas vias. A Figura 53 é um esquema de como é feito esse sistema disponibilizado Observatório de Inovação para Cidades Sustentáveis (OICS), medidas como estas estão sendo implantados na cidade de São Paulo (Figura 53).

**Figura 52** – Esquema de calçada com largura menor ou igual a 2m.

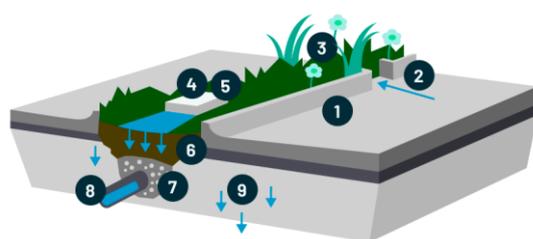
**Calçadas com largura:  $\leq 2,00$  m**

Nas calçadas com largura até 2,00 m (dois metros) deve ser preservada uma faixa livre fixa de 1,20 m (um metro e vinte centímetros), ficando a parte excedente destinada à faixa de serviço.



Fonte: SEDET, 2020.

**Figura 53** – Esquema de jardim de chuva e sua aplicação em calçada, respectivamente.



- |                                     |                    |
|-------------------------------------|--------------------|
| 1- ESCOAMENTO DA ÁGUA PELO MEIO FIO | 7- CAMADA DE PEDRA |
| 2- RECORTE NO MEIO-FIO              | 8- TUBO DRENANTE   |
| 3- VEGETAÇÃO                        | 9- SOLO NATURAL    |
| 4- VERTEDOR                         |                    |
| 5- ÁGUA QUE TRANSBORDA              |                    |
| 6- SOLO DRENANTE                    |                    |



Fonte: Observatório de Inovação para Cidades Sustentáveis, adaptado pela autora; Prefeitura de São Paulo, 2022.

É necessário também aplicar nesse novo perfil viário e em todo terreno uma iluminação pública devida, para que traga mais segurança no caminhar e no uso dos equipamentos propostos. Ações como o programa “Ilumina Pedestre” aplicado em Recife-PE, visa a implantação de postes junto as vias voltadas aos transeuntes (Figura 54), na tentativa de trazer mais segurança na caminhada, assim os postes são mais baixos (em média 3m de altura) e apontados para a calçada (Diário de Pernambuco, 2023). Como foi dito anteriormente, os postes existentes são apontados para a Av. Alice Carolina, são muito altos e a luz que chega as calçadas são insuficientes para trazer segurança na caminhada. Assim, é necessário que haja iluminação de alturas diversas uma para as vias-carros e outra para os transeuntes.

**Figura 54** – Avenida Agamenon, com os postes de pedestres deligados e ligados, respectivamente.

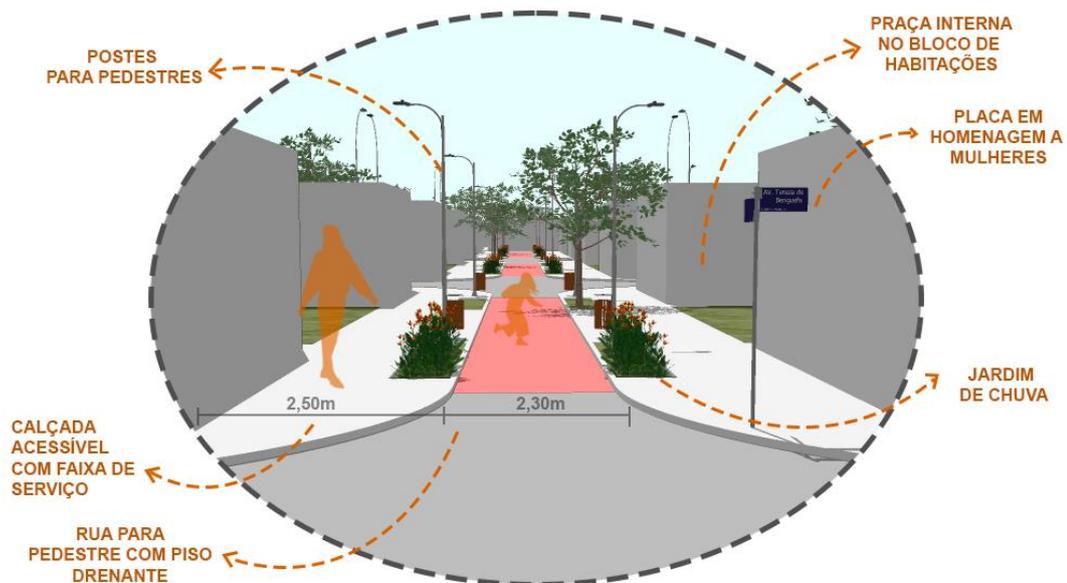


Fonte: Diário de Pernambuco, 2023.

Após as obras de infraestrutura urbana, seriam construídas as habitações via PMVMV entidades, com ações que incentive os futuros moradores a construir muros baixos ou com materiais vazados (cobogó, gradil metálico) para que assim seja preservada a vigilância natural e a sensação de segurança nas ruas.

As Figuras 55 e 56 contemplam um recorte esquemático de como se dariam essas propostas de perfil viário para serem implantadas nos conjuntos de habitação, privilegiando nessas ruas o caminhar do pedestre e o uso de bicicletas para o deslocamento, as novas ruas seriam nomeadas em homenagem a mulheres importantes do Estado de Alagoas e na luta dos direitos humanos, como já é de costume no MTST.

**Figura 55** – Perfil viário 1, proposto para a Ocupação Tereza de Benguela.



Fonte: Autora, 2024.

**Figura 56** – Perfil viário 2, proposto para a Ocupação Tereza de Benguela.



Fonte: Autora, 2024.

As biovaleta fazem parte de um conjunto de ações chamadas de infraestrutura verde, essa linha de projeto deverá ser aplicada em todo o terreno, dando uma atenção maior a área alagável contida atrás da Ocupação. Para esta área trago como exemplo as ações realizadas na comunidade de Eddington em Cambridge-UK, onde foram implantadas valas verdes que canalizam as águas pluviais e as encaminham para lagoas de drenagem (eddington-cambridge.co.uk) (Figura 57). As valas podem conter vegetação e integram sistema de drenagem urbana, áreas permeáveis e cobertura vegetal a paisagem das cidades.

**Figura 57** – Exemplo de vala verde em Eddington.



Fonte: eddington-cambridge.co.uk. 2024.

No caso específico da ocupação, a área alagável recebe um volume maior de água em tempos chuvosos, porém há pontos que mesmo em tempos de estiagem permanecem com água por tempo prolongado, isto ocorre pela característica da área que como já dito está sob a bacia endorreica do Tabuleiro, que por não possuir corpos hídricos direciona as águas de precipitação através da declividade do terreno para os pontos de menor altitude, a manutenção deste espaço é importante para o fomento da bacia. Deste modo partindo da definição apresentada por Benini (2015) essa região pode se tornar um Lago Seco ou Bacia de Detenção que em resumo são depressões vegetadas que recebem e retêm as águas pluviais, retardando a entrada das águas no sistema de drenagem, possibilitando, assim, a infiltração e a recarga de aquíferos. Estes espaços podem ser utilizados como um espaço de lazer e recreação em tempos de estiagem (Figura 58).

Esta tipologia da infraestrutura verde, pode vir a contribuir para a “diminuição do escoamento superficial, que causa enchentes”, sendo que em “tempos secos pode ser usada para lazer, recreação e atividades diversas. Pode ser projetada ao longo de vias, rios, em parques lineares e projetos de paisagismo públicos e privados de loteamentos e condomínios” (Herzog, 2010b, p. 08 et al. Benini, 2015).

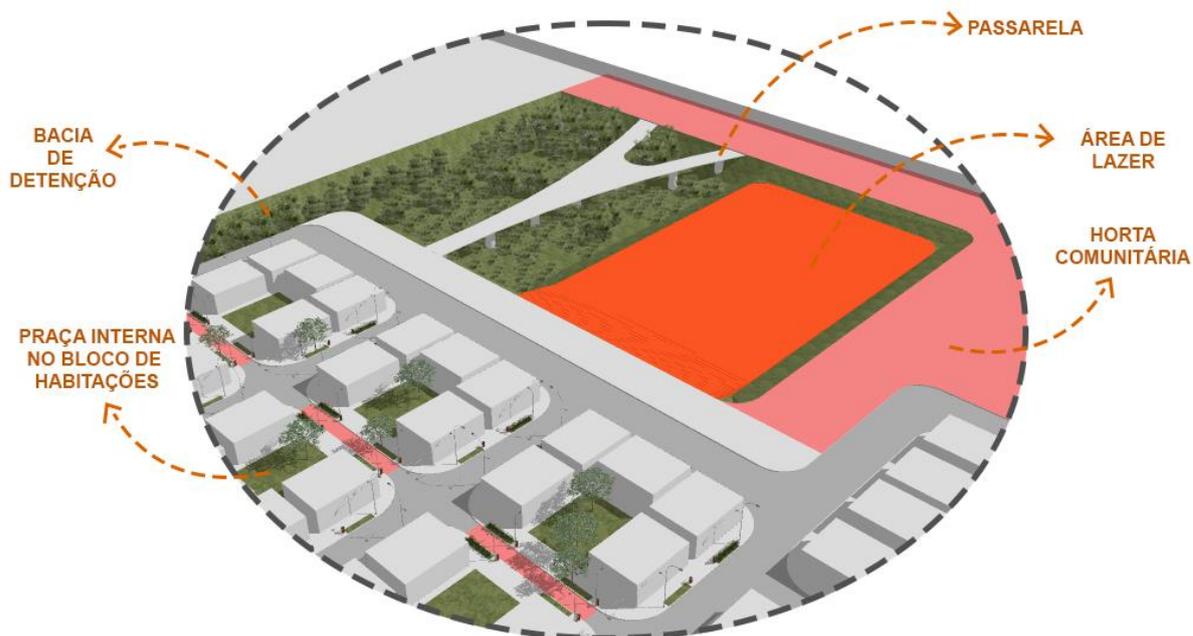
**Figura 58** – Exemplo de lago seco.



Fonte: Benini, 2015.

Afim de esclarecer as proposições foi realizado um desenho esquemático de como estas soluções podem ser aplicadas na área, mesclando uma área de bacia de detenção vegetada contendo uma área de lazer em um nível acima, com um piso drenante que só seria alagada em momentos de chuvas intensas. Junto a estas propostas seriam integradas passarelas para facilitar e encurtar a mobilidade na área, principalmente em dias chuvosos quando a área de lazer estiver alagada (Figura 59).

**Figura 59** – Ilustração de proposta da bacia de detenção vegetada com área de lazer, para a Ocupação Tereza de Benguela.



Fonte: Autora, 2024.

## 5.2 VISIBILIZAR E DEMOCRATIZAR:

A segunda diretriz é intitulada de **Visibilizar e Democratizar**, esta diretriz toca em dois pontos que o MTST levanta, um é a visibilidade da luta, para que suas denúncias sejam vistas não só pelo poder público, mas também pela população. O outro ponto é a intenção do movimento de levar infraestrutura para as periferias por meio das ocupações. Assim, é interessante que seus espaços de convivência sejam democráticos no sentido de tornar popular e colocados ao alcance da comunidade em que a ocupação se insere, abrindo suas portas para dar suporte na vida cotidiana dos moradores do entorno também, fazendo suas lutas e suas conquistas serem vistas e usufruídas por todos.

Figura 60 – Linhas de ação para a diretriz Visibilizar e Democratizar.

## 2º VISIBILIZAR E DEMOCRATIZAR

- **Posicionar horta** comunitária, em área que favoreça a irrigação;
- **Expandir horta**, com um plano de ações que incluam a comunidade do entorno no acesso e cuidado da mesma;
- **Posicionar plenária**, para um lugar que convide a população local a conhecer e participar dos eventos;
- Prever na plenária **local coberto** para atender as demandas de reuniões e eventos.
- **Posicionar cozinha solidária e biblioteca-escolinha formigueiro** para a borda do terreno, uma área de fácil acesso e de maior visibilidade.
- **Expandir** espaço físico da biblioteca-escolinha formigueiro e cozinha solidária, para atender um público maior.



Fonte: Autora, 2024.

A primeira linha de ação prevê o posicionamento da horta comunitária, que deverá ficar próxima a área alagável na tentativa de obter benefício do solo úmido, tendo em vista as características do solo da região, que é seco e pouco fértil. Sua expansão será feita mediante ao projeto de implantação definitivo, para que não seja necessária uma futura realocação, e nele deverá ser previsto uma horta próxima a cozinha solidária e biblioteca-escolinha formigueiro para a produção de alimentos para ambos os espaços. A horta é um elemento fundamental nas ocupações do movimento, é nela que são colhidos alimentos para serem distribuídos a população e utilizados nas cozinhas solidárias, o movimento que luta por infraestrutura nas periferias também quer prover segurança alimentar as suas famílias. A página no Instagram “hortaurbana.mtst”, compartilha diversos relatos das hortas urbanas implantadas nas ocupações da cidade de São Paulo. Lá foi compartilhado o caso do Condomínio Dandara na Zona Leste-SP, um conjunto habitacional conquistado através da luta, que estabeleceu uma horta comunitária a partir da iniciativa dos moradores (Figura 61). Os cuidados com a horta são compartilhados com os moradores assim como os alimentos colhidos, mediante a uma safra farta em 2023 os condôminos doaram os excessos a instituições de caridade.

**Figura 61** – Horta comunitária do Condomínio Dandara.



Fonte: Rede social da horta urbana (@hortaurbana.mtst), 2022.

Outro exemplo de horta urbana em regiões periféricas é a da favela de Manguinhos no Rio de Janeiro, locada em um terreno que antes era tomado pelo tráfico de drogas. Foi considerada em 2021 a maior horta urbana da América Latina com dimensões equivalentes a quatro campos de futebol. Os alimentos cultivados em Manguinhos eram em parte doados a instituições de caridade, a outra parte eram vendidos a população local por um preço acessível, pós pandemia toda a produção começou a ser distribuída de modo gratuito a comunidade. Os cuidados da horta são feitos por uma equipe composta por 23 moradores da região que são remunerados pelo programa Hortas Cariocas (UOU, 2022). Esse projeto é um exemplo de reapropriação de espaços subutilizados e de integração comunitária onde todos da região cuidam do espaço e são beneficiados pelos produtos produzidos nele.

**Figura 62** – Horta comunitária de Manguinhos.



Fonte: UOU.com, 2022.

A cartilha *Hortas Urbanas: moradia urbana com tecnologia social* (2015), elaborada pelo instituto Polís pode servir de guia pra a expansão da horta comunitária da Ocupação Tereza de Benguela. O instituto luta por direito à cidade com ações que visam o desenvolvimento local, na construção de cidades mais justas, sustentáveis e democráticas. Neste intuito foi desenvolvida a cartilha que ilustra as etapas necessárias para a criação e manutenção de uma horta urbana. Nela também são apontados aspectos para o reaproveitamento integral dos alimentos, praticas que podem ser aderidas pela cozinha solidária.

**Figura 63** – Sumário da cartilha *Hortas Urbanas: moradia urbana com tecnologia social*.



Fonte: Cartilha *Hortas Urbanas: moradia urbana com tecnologia social*, 2015.

Esta diretriz engloba linhas de ações que visam o posicionamento da plenária, cozinha solidária e biblioteca em áreas de maior visibilidade. A indicação para a cozinha solidária é de que seja posicionada na borda do terreno que chame a atenção e convide a população local para conhecer e usufruir do projeto que tem o intuito de alimentar a população carente. Deverá ser prevista junto a cozinha um espaço para refeitório e coleta de materiais recicláveis, que poderá contribuir com a manutenção financeira da mesma. Ao fim, o posicionamento desses ambientes na implantação forma uma ligação triangular, onde todos se comunicam (Mapa de Espacialização das Diretrizes).

A biblioteca que aplica conceitos da escolinha formigueiro deverá ser alocada para a borda do terreno pelo mesmo motivo, o de convidar a população e tornar visível os projetos desenvolvidos na luta do movimento. Assim é indicado que esse espaço contemple salas de aula

para além do espaço da biblioteca, para que ambos possam servir de suporte para a educação das crianças e adolescentes do local.

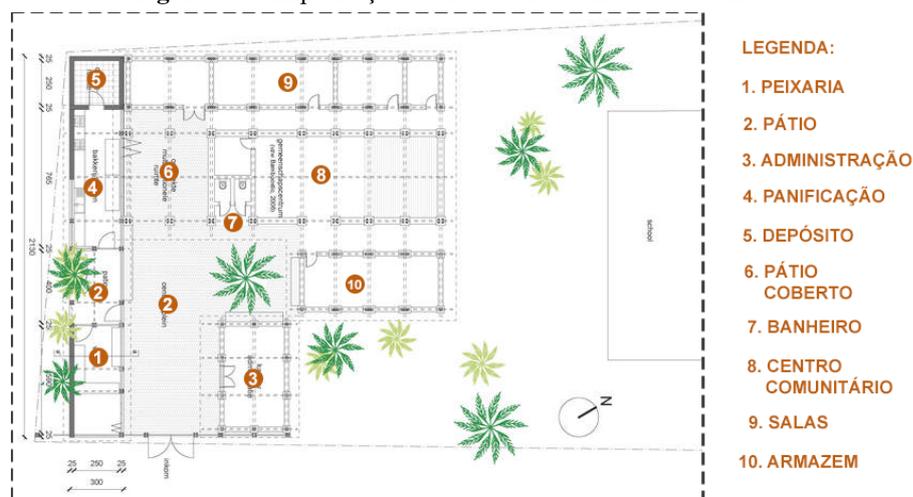
Para a plenária, a indicação é de que seja realocada para uma área do terreno que se conecte com a via peatonal, para que em dias de eventos e reuniões os transeuntes possam ver e se interessar na luta proposta pelo MTST. Este espaço deve conter uma área de reuniões coberta com a inclusão de salas para atendimento médico e eventos similares, bem como salão de festas e eventos.

Afim de trazer clareza as linhas de ações propostas, trago o exemplo do Centro Comunitário Camburi, locado em Cambury uma cidade litorânea próximo a Ubatuba-SP, desenvolvido pelo escritório CRU arquitetos. Empresas imobiliárias e especuladores da região no desenvolver de seus negócios expulsaram habitantes originários os forçando a se deslocarem para áreas de difícil acesso ou para cidades vizinhas. A comunidade é composta por 50 famílias quilombolas e caiçaras que tem como fonte de renda a pesca e o turismo. O centro comunitário vem para solucionar três requisitos principais que foram apresentados pela associação local: fornece um espaço comunitário para manter reuniões, atividades escolares ou outros eventos; formar um centro geográfico no bairro; integrar o edifício dentro da paisagem circundante e a escola existente local (Figura 64) (Archdaily, 2023).

O projeto foi construído com materiais que levam em consideração as raízes históricas da população, que em maioria foi perdida com o tempo e quando utilizada era de maneira inadequada. O centro utiliza estruturas de bambu com fechamentos com taipa de pilão e pau-a-pique (Figura 65). A população local recebeu treinamento junto a uma cooperativa de eco-construção para o aperfeiçoamento da técnica e da mistura que iriam utilizar na construção. Ao fim as oficinas serviram para o desenvolvimento de outros projetos que geram renda pra população, como a produção de pães e de artefatos para serem vendidos aos turistas de passagem.

Os materiais construtivos utilizados, fogem de alvenarias convencionais e ressaltam a arquitetura vernacular, os conhecimentos locais e a construção coletiva, podem inspirar a Ocupação Tereza de Benguela na criação da plenária, biblioteca e cozinha solidária. Bem como os ambientes criados no centro Camburi, a exemplo da junção de um pátio coberto a um pátio aberto, um centro comunitário coberto para reuniões e eventos, uma panificação local que gera renda para a comunidade e manutenção do local entre outros que unem lazer, educação e geração de renda.

**Figura 64 – Implantação do Centro Comunitário de Camburi.**



Fonte: CRU arquitetos, 2018, adaptado pela autora 2024.

**Figura 65 – Perspectiva, centro comunitário, padaria, pátio, respectivamente.**



Fonte: CRU arquitetos, 2018; Nelson Kon, 2023.

O projeto desses espaços deverá ser pensado de uma maneira modular prevendo futuras expansões com o passar do tempo para que comporte um maior número de pessoas e demandas futuras, como um espaço de cooperativa para os moradores que trabalham com a reciclagem, sala de informática pensada para profissionalizar os moradores, entre outros ambientes que possam surgir como demandas durante a elaboração do projeto.

### 5.3 DIVERSIFICAR O CAMINHAR:

A terceira e última diretriz denominada de **Diversificar o caminhar**, se propõe a solucionar as questões de mobilidade urbana observadas no terreno, integradas a linhas de ações que transforme esse espaço de passagem em um facilitador da vida cotidiana, seguro para o caminhar feminino, com espaços de lazer e serviço que sirvam a população local, integrando diversas atividades e mitigando distâncias, principalmente dos afazeres diários das mulheres.

Figura 66 – Linhas de ação para a diretriz Diversificar o Caminhar.

## 3º DIVERSIFICAR O CAMINHAR

- **Criação de via peatonal**, exclusiva ao deslocamento a pé e de veículos não motorizados. Com calçadas padronizadas, ciclofaixa, iluminação pública devida e arborização.
- Incluir na via peatonal **equipamentos facilitadores da vida cotidiana** (comércio, serviços, descanso e lazer)
- Incluir **equipamentos** que promovam o **esporte**, atividade físicas e **lazer** para todas as faixas etárias.
- Criação de **praça no interior do conjunto** para um lazer infantil afastado da avenida, com equipamentos de descanso adulto.



Fonte: Autora, 2024.

A primeira linha de ação é a criação de uma via peatonal, tendo em vista que o terreno em que a ocupação se insere serve como um atalho do caminho. A diagonal que corta o terreno foi notada preservada pelo movimento e deverá ser mantida, é um caminho que serve a todos os moradores (da ocupação e do entorno). Ademais a faixa de recuo frontal que a ocupação deixou serve também como um caminho e deverá ser trabalhada da mesma maneira. Esta via será voltada ao deslocamento a pé e de veículos não motorizados (exceto cadeira rodas motorizadas, bicicletas ou patinetes elétricos), nela deverá ser aplicados as indicações já apresentadas de padronização de vias e iluminação pública.

Seguindo o conceito de diversidade de Jane Jacobs é interessante que esses caminhos sejam dotados de equipamentos facilitadores da vida cotidiana, principalmente da mulher mãe e chefe de família, no intuito de mitigar distâncias entre a casa e os equipamentos urbanos que auxiliam nas tarefas diárias, a exemplo de mercearias, farmácias, equipamentos de lazer, descanso e de lazer infantil. Inspirado nas ideias de Jacobs o arquiteto Carlos Moreno

desenvolveu o conceito da “cidade de 15 minutos” que visa melhorar a qualidade de vida urbana com a hiper proximidade dos equipamentos de serviço, trabalho e lazer, para que possam ser acessados a pé ou de bicicleta, o conceito repensa como as cidades podem ser melhor projetadas de forma a atender às necessidades básicas dos habitantes (Kaley, 2021).

Para que esses conceitos sejam aplicados trago para consulta na elaboração deste projeto o infográfico (Figura 67) “Cidades de 15 minutos: como atender às necessidades de bebês, crianças pequenas e cuidadores.” (ITDP, 2022). O documento aborda cinco áreas de atuação: o básico, mobilidade local, destino nas proximidades, sistema viário local e recreação na vizinhança, todos são dotados de linhas de ações específicas que devem ser incorporadas no projeto da via, a exemplo de ciclovias protegidas, bancos sombreados, criação de mini parques, vias lúdicas e arborização; ter nas proximidades, mercearias, vendedores informais, serviços móveis entre outros.

**Figura 67** – Cidades de 15 minutos: como atender às necessidades de bebês, crianças pequenas e cuidadores.



3 de 4

ITDP Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento

Bernard van Leer FOUNDATION

Fonte: ITDP, 2022.

Para além de espaços de lazer na via peatonal é prevista uma linha de ação que crie uma **praça no interior** do conjunto habitacional, a fim de afastar o espaço de lazer infantil da avenida movimentada por questão de segurança das crianças e proporcionar uma vigilância natural dos moradores que estarão no entorno, por isto é indicado o uso de muros baixos nas

habitações, a fim de mitigar barreiras visuais. Este espaço deve conter equipamentos de lazer e descanso para a população adulta que acompanha estas crianças.

Um exemplo que ilustra esta diretriz é o The Underline, um projeto em Miami que visa revitalizar 16km de uma área sob o metro suspenso. O objetivo deste espaço é transformar uma antiga ciclovia precária em um parque linear, com a criação de uma ciclovia retilínea e segregada, um passeio para pedestres e a construção de espaços públicos separados em estações temáticas, com áreas para atividades físicas, bicicletários, galerias, parquinhos, mobiliário urbano etc. (Gaete, 2016). A Figura 68 traz imagens do antes e colagens das áreas propostas, que podem servir de inspiração para a criação desses espaços na via Peatonal e na praça interna.

**Figura 68** – Antes e proposta do depois para a The Underline.



Fonte: Archdaily, 2016.

Aliada a esta ação é importante se atentar aos elementos do entorno que servem de barreira visual e corroboram para o sentimento de insegurança local; deverão ser evitados vegetação alta, totens publicitários, contêineres de reciclagem ou qualquer elemento que possa

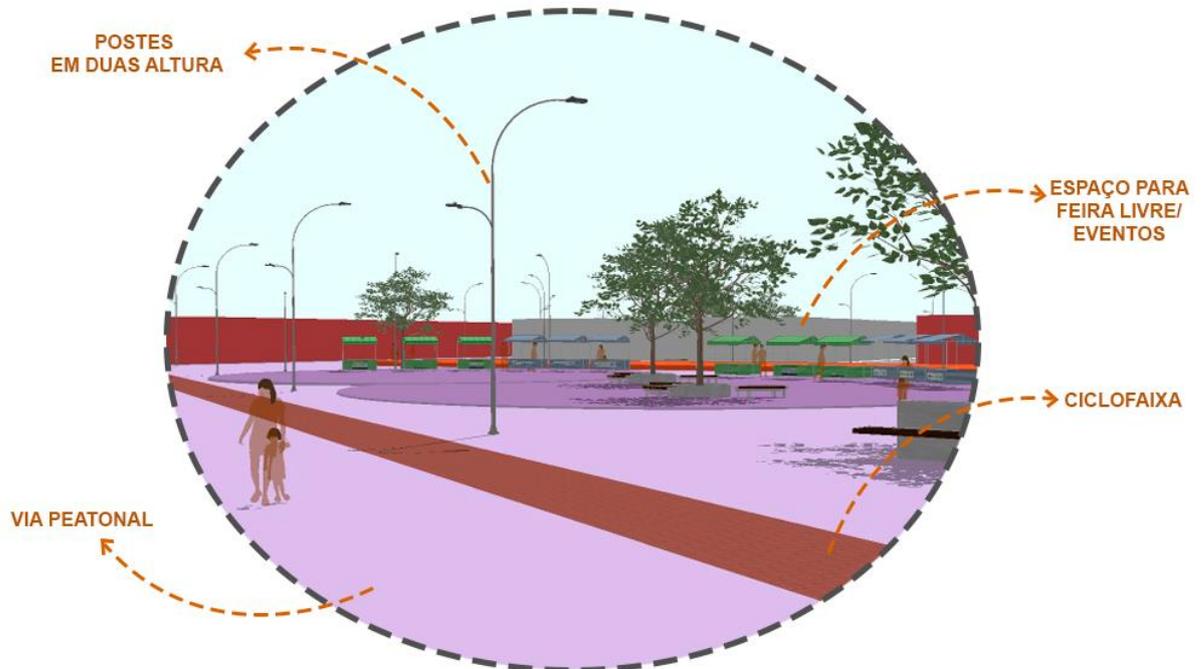
servir de barreira visual. As figuras 69 e 70 esboçam como seria a via peatonal e as linhas de ações aplicadas a ela.

**Figura 69** – Espaços de serviço, lazer, exercício e descanso, na via peatonal, proposto para a Ocupação Tereza de Benguela.



Fonte: Autora, 2024.

**Figura 70** – Detalhe aproximado da via peatonal, proposto para a Ocupação Tereza de Benguela.



Fonte: Autora, 2024.

As soluções apresentadas nos projetos e materiais de apoio expostos acima, não deverão ser replicadas; este material serve para inspirar e nortear o futuro projeto da área. Porém, a fim de espacializar as diretrizes e linhas de ações propostas, foi elaborado o Mapa de Espacialização das Diretrizes, que localiza onde cada ação deverá ser aplicada. O mapa é esboçado a partir dos projetos correlatos apresentados anteriormente, apenas para expor como seria a junção dessas ações, sendo esse um esquema de implantação possível dentre as muitas possibilidades para a área, sem o intuito de que seja realizado do mesmo modo que ilustra o mapa. O projeto de fato deverá ser pensado e elaborado em conjunto com a população, como descrito na primeira linha de ação da diretriz “garantir a habitabilidade”. Ao fim da elaboração, foi possível observar que as diretrizes se sobrepõem e que uma linha de ação soluciona ou colabora no andamento de outra, sendo de suma importância a aplicação de todas, pois estas, isoladas, não solucionam as demandas habitacionais e de lazer diagnosticadas.

# DIRETRIZES URBANÍSTICAS PARA A OCUPAÇÃO TEREZA DE BENGUELA

## 1º GARANTIR A HABITABILIDADE

- Definição de implantação, tipologias de habitação, áreas de lazer e comércio, através de projeto participativo.
- Mapas de área a ser:
- Classe de saneamento básico, pavimentação, iluminação pública e drenagem urbana.
- Classe de infraestrutura verde na área alagável e implantação de menor escala em todo conjunto.
- Demarcação e canalização das habitações via MCMV, entidades, junto à assistência técnica devida. Incentivo o uso de murais locais.



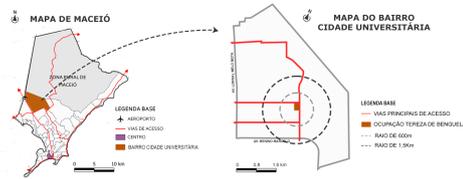
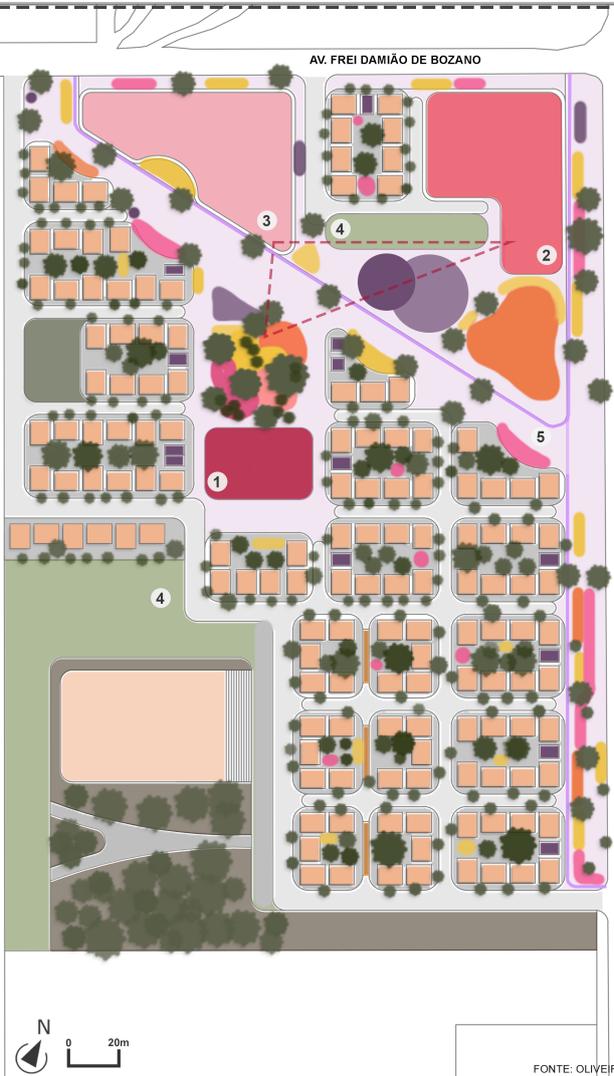
## 2º VISIBILIZAR E DEMOCRATIZAR

- Posicionar horta comunitária, em área que favoreça a irrigação.
- Expandir horta, com um plano de ações que incluem a conversão de estípite no espaço a ser ocupado.
- Posicionar plenária, para um lugar que convide a população local a comparecer e participar das reuniões.
- Prever na plenária local coberto para atender as demandas de reuniões e eventos.
- Posicionar cozinha solidária e biblioteca-escola/formadora para a tarde do tempo, uma área de fácil acesso e de fácil visitação.
- Expandir espaço físico da biblioteca-escola/formadora e cozinha solidária, para atender a população.



## 3º DIVERSIFICAR O CAMINHAR

- Criação de vias pedestres, ciclovias ou desmontando e a de veículos não motorizados. Com calçadas padronizadas, cicloviárias, iluminação pública de baixa e autorizada.
- Trabalhar na vias pedestres equipamentos facilitadores da vida cotidiana (comércio, serviços, descanso e lazer).
- Incluir equipamentos que promovam o esporte, atividade física e lazer para todas as faixas etárias.
- Criação de praças no itinerário de percurso para um lazer infantil alagado da avenida, com equipamentos de descanso e lazer.



## LEGENDA BÁSICA:

- LOTES E EDIFICAÇÕES
- VEGETAÇÃO

## LEGENDA TEMÁTICA:

### GARANTIR A HABITABILIDADE : LINHAS DE AÇÕES:

- NOVAS VIAS INTERNAS
- CALÇADAS
- RUAS PARA PEDESTRES COM PISO DRENANTE
- ÁREA DE LAZER ALGÁVEL
- BACIA DE DETENÇÃO VEGETADA
- HABITAÇÕES, DOTADAS DE INFRAESTRUTURA URBANA.
- PRAÇA INTERNA NO BLOCO DE HABITAÇÕES
- CALÇADAS COM PONTOS DE JARDINS DE CHUVA

### VISIBILIZAR E DEMOCRATIZAR : LINHAS DE AÇÕES:

- 1 PLENÁRIA
- 2 COZINHA SOLIDÁRIA
- 3 BIBLIOTECA-ESCOLINA FORMIGUEIRO
- 4 HORTA COMUNITÁRIA
- LIGAÇÃO DAS ÁREAS COMUNS

### DIVERSIFICAR O CAMINHAR: LINHAS DE AÇÕES:

- 5 VIA PEATONAL
- CICLOFAIXA
- PRAÇA INFANTIL
- ESPAÇO PARA FEIRA LIVRE
- PONTOS COMERCIAIS
- ÁREAS DE DESCANSO
- ÁREAS DE LAZER INFANTIL
- ÁREAS DE ESPORTE-EXERCÍCIOS
- ÁREAS DE COMERCIO-SERVIÇO

# CONSIDERAÇÕES FINAIS



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho apresentado e a pesquisa realizada foi mostrado que o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) busca não apenas a conquista da habitação, mas também a melhoria geral das condições de vida nas periferias urbanas. Ele luta para que os direitos básicos, como lazer, segurança alimentar, saúde e educação, sejam acessíveis a todos. As questões levantadas aqui discutem uma habitação de interesse social com qualidade para uma população que luta diariamente por seu direito à cidade, descrito no art. 2º, inciso I do Estatuto da Cidade como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações. Dessa forma, para os que participam do movimento, a casa é vista como o primeiro passo para alcançar uma vida digna e plena, onde outros direitos fundamentais, a partir de então, podem também ser assegurados.

O diagnóstico urbanístico elaborado durante o desenvolvimento deste trabalho, aponta a falta desses direitos na Ocupação Tereza de Benguela. Apontamentos como o terreno ocupado, incluso em um grande vazio urbano subutilizado, de domínio público, em área urbana, reforça a reivindicação do movimento pela reforma urbana. Sua localização próxima a vias movimentadas que se ligam aos principais eixos viários da cidade de Maceió, bem como a proximidade de equipamentos de lazer, saúde, educação e mobilidade acentuam o desejo da população de ficar na área e ali construir suas habitações. As implicações no acesso aos equipamentos diagnosticados no entorno, deixa clara a necessidade desta população de uma habitação que traga a segurança de um espaço físico edificado e que abra as portas para os demais direitos.

Com os mapas de levantamento elaborados foi possível adentrar na realidade daquela população, tão pouco visibilizada. Foi exposto no capítulo quatro a forma como se organizam no espaço ocupado, suas limitações para expansão, ambientes de lazer e cuidado, bem como as condições das habitações e infraestrutura urbana que eles detém. Ao mapear e analisar esses aspectos, ver se ações coletivas que valorizam os conhecimentos dos moradores, e assim tentam sanar mesmo que de modo temporário a falta de infraestrutura urbana, de saneamento básico, água e iluminação pública. Essas ações coletivas também são vistas na criação dos espaços de lazer e cuidado, em uma tentativa de criar facilitadores para a vida cotidiana, e corroboram para uma luta que é feita por todos. É em cima destas análises que foram elaboradas as diretrizes como um instrumento fundamental na garantia do direito à cidade.

No desenvolver do diagnóstico apresentado, busquei aplicar métodos participativos com os moradores da Ocupação, mesmo com as dificuldades encontradas neste processo percebi que é de suma importância ouvir quem irá usufruir do espaço, pois mais que ninguém eles sabem de suas necessidades, foi um processo extremamente gratificante e que deixa claro que arquitetura não se faz sozinho, principalmente trabalhos urbanos que envolvem vários agentes. Esta dificuldade resulta em um produto final que não conseguiu ser revisto e discutido com a população antes de sua entrega.

Assim, o mapa elaborado para espacializar as diretrizes têm o intuito de ilustrar como seria a aplicação das linhas de ações, na área de estudo, a partir dos projetos correlatos apresentados. Tendo em vista que um produto visual é uma ferramenta que explicita melhor as ideias descritas e possam levar a um entendimento melhor por parte da população da ocupação, à qual se pretende entregar este documento. Deste modo o arranjo apresentado ilustra uma possibilidade de implantação conforme as linhas de ações apresentadas, que deverá ser revisto e refeito pela população e a assistência técnica devida, durante a elaboração do projeto do conjunto habitacional, aplicando nesse processo métodos participativos, como previsto na primeira linha de ação da diretriz “garantir a habitabilidade”.

A elaboração do mapa das diretrizes, bem como os resultados apresentados neste trabalho foi fruto da escuta e consulta aos moradores. Deste modo, fica claro que é imprescindível pensar novos modos de produção de HIS que leve em consideração as necessidades de seus futuros moradores e proporcione benefícios que vão além de ter uma habitação, foram estas as questões apontadas pelos moradores da Ocupação Tereza de Benguela, e assim busquei alternativas que já são aplicadas em projetos correlatos que podem inspirar os moradores e direcionar as futuras atuações na área.

Diante do trabalho exposto, é possível ver o potencial habitacional que um terreno subutilizado em uma área urbana possui, mesmo que esse seja na periferia, que provavelmente ganhará novos usos e demandadas no desenvolver do projeto futuro, tendo em vista que a ocupação é um espaço em constante desenvolvimento e já vem criados novos espaços de lazer e cultura, bem como eventos que convidam as pessoas a conhecerem a suas lutas e os frutos dela.

Para além do objetivo geral de elaborar diretrizes para a Ocupação Tereza de Benguela, o trabalho cumpre a função de ser um instrumento norteador para uma futura intervenção na área, que aconteça na realidade, sendo assim este estudo vai para além de um exercício acadêmico ele é um produto que o movimento terá em mãos para utilizar como desejar.

## REFERÊNCIAS

ALAGOAS 24 HORAS. **Definido local para construção da Vila Olímpica de Maceió.** Setembro de 2006. Disponível em: <[Definido local para construção da Vila Olímpica de Maceió - Alagoas 24 Horas: Líder em Notícias On-line de Alagoas](#)>. Acesso em: 10 de out. 2023.

ALAGOAS 24 HORAS. **Prefeitura inaugura três novos centros de Educação Infantil.** Dezembro de 2015. Disponível em: <[Prefeitura inaugura três novos centros de Educação Infantil \(alagoas24horas.com.br\)](#)>. Acesso em: 15 de nov. 2023.

ALAGOAS DIGITAL. **Atendimento no Hospital Metropolitano de Alagoas.** Disponível em: <[Portal Alagoas Digital](#)>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ARCHDAILY. **"Centro Comunitário Camburi / CRU! Architects"**. Fevereiro de 2023. <<https://www.archdaily.com.br/br/906019/centro-comunitario-camburi-cru-architects>>. Acesso em: 10 de mai. 2024.

BAIROS DE MACEIO. **IBGE divulgou censo realizado e estratificado por bairros em Maceió.** Disponível em: <[Bairros de Maceió :: Um site premiado \(bairrosdemaceio.net\)](#)>. Acesso em: 5 de ago. 2023.

BAIMA, Débora. **Obra do Piquiá da Conquista Alcança 92% de execução.** Novembro de 2023. Disponível em: <[OBRA DE PIQUIÁ DA CONQUISTA ALCANÇA 92% DE EXECUÇÃO | Piquiá De Baixo \(Piquiadebaixo.Com.Br\)](#)>. Acesso em: 10 de mai. 2024.

BARATTO, Romulo. **"USINA 25 anos - Reassentamento da Comunidade do Piquiá de Baixo"** 10 Jun 2015. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/768315/usina-25-anos-reassentamento-da-comunidade-do-piquia-de-baixo>>. Acesso em: 10 mai. 2024.

BARBOM, J.; CHEIBUB I. **Horta gigante complementa refeição de 800 famílias em favela do Rio na pandemia.** Abril de 2021. Disponível em: <[Horta gigante complementa refeição de 800 famílias em favela do Rio na pandemia - 24/04/2021 - Equilíbrio e Saúde - Folha \(uol.com.br\)](#)>. Acesso em: 11 de mai. 2024.

CARVALHO, Lina Martin. **Processo de Urbanização em área de Bacia Endorreica: caracterização dos padrões de ocupação dos espaços construídos e dos espaços livres de construção em Maceió-AL. 2012.** 155 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

COZINHA SOLIDÁRIA. **O projeto.** Disponível em: <[Cozinha Solidária - MTST \(cozinhasolidaria.com\)](#)>. Acessado em: 8 de dez. 2023.

CHAVES, C.; COSTA, C.; NETO, G.; ROMÃO, M. **Hortas urbanas: moradia urbana com tecnologia social**. São Paulo, 2015. Disponível em: <[Hortas urbanas: moradia urbana com tecnologia social - Instituto Pólis \(polis.org.br\)](#)>. Acesso em: 12 mai. 2024.

CRAWFORD, Colin. **A função social da propriedade e o direito à cidade: teoria e prática atual**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro, março de 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7651>>.

CREN AL. **Conheça o CREN**. Disponível em: <[CREN • ALAGOAS | Alimente um sonho. \(cren-al.org.br\)](#)>. Acesso em: 25 out. 2023.

DIÁRIO DE PERNANBUCO. **Ilumina Pedestre: programa foca em pedestres nas vias do Recife**. Setembro de 2023. Disponível em: <[Ilumina Pedestre: programa foca em pedestres nas vias do Recife | Local: Diario de Pernambuco](#)>. Acesso em: 13 mai. 2024.

DOS SANTOS, J. I. As Raízes Históricas do MTST. Revista Espaço Livre, [S.1;], v. 16, n. 31, p. 104-114, 2022. Disponível em: <<https://redelp.net/index.php/rel/article/view/178>>.

EMBRAPA. Latossolo Amarelos. Dezembro de 2021. Disponível em: <[Latossolos Amarelos - Portal Embrapa](#)>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FARIA, Geraldo M. G.; CAVALCANTI, V. R. Sistema de Espaços Livres da Cidade de Maceió. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, n. 26, p. 7–28, 2009.

FONSENCA, A. **Vazios Urbanos Levantamento e soluções na cidade da Guarda**. Orientador: Josef Mathias, Ana Virtrudes. 23-Jul-2014. Número de folhas. Dissertação (Mestrado) – Nome do Curso, FE - DECA - Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, Instituição, Local, Ano de Apresentação.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Deficit Habitacional No Brasil**. Belo Horizonte: FJP, 2022. Disponível em: <[Déficit Habitacional no Brasil | Fundação João Pinheiro - FJP](#)>. Acesso em: 11 mai. 2024.

FAMED. **Sobre a Unidade**. Disponível em: <[Sobre a Unidade — Faculdade de Medicina \(ufal.br\)](#)>. Acesso em: ago. 2023.

G1. **Terminal de ônibus é inaugurado no Village e ganha outra linha de ônibus. Dezembro de 2015**. Disponível em: <[G1 - Terminal de ônibus é inaugurado no Village e ganha outra linha de ônibus - notícias em Alagoas \(globo.com\)](#)>. Acessado em: 4 novembro 2023.

GAETE, Martínez. **"The Underline, o parque linear de 16 km que será construído sob o metrô de Miami"**. Abril de 2016. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/784970/the-underline-o-parque-linear-de-16-km-que-sera-construido-sob-o-metro-de-miami>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e luta por moradia**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

HELENE, Diana. **Mulheres e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia**. In: V ENANPARQ. Salvador, FAU-FBA. 2018.

HELENE, Diana. **A guerra dos lugares nas ocupações de edifícios abandonados do centro São Paulo**. Mestrado. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2009.

HELENE, Diana. **Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia**. Caderno Metrópole, [S. 1.], v. 21, n. 46, p. 951-974, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4612>>.

HELENE, Diana; LEITE, Eduarda; SILVA, Vanessa. **A cidade como extensão da casa: espaços livres e vida cotidiana em habitações de interesse social de Maceió**. In: Lote e quadra, cidade e território: espaços livres, redes ecológicas e direito à paisagem, 3, 2021, Rio de Janeiro. Caderno de resumos. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2021. p. 61.

HELENE, Diana; Lazarini. Kaya; Albinati. Mariana; Alvear, Celso. **"Um ensaio sobre a urbanização capitalista como tecnologia: colonialidade, racialização e cis-hetero-patriarcado"**. In: KLEBA, J; et al; (Org.) Engenharias e outras práticas técnicas engajadas Vol 3: Diálogos interdisciplinares e descoloniais. C. Grande: EDUEPB, 2022 (pp.65-101).

ITDP. **Cidades de 15 minutos: como atender às necessidades de bebês, crianças pequenas e cuidadores**. Junho de 2022. Disponível em: <[Cidades de 15 minutos: como atender às necessidades de bebês, crianças pequenas e cuidadores - ITDP Brasil](#)>. Acessado em: 9 mai. 2024.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Zahar, 2000.

L. M. Carvalho, V. R. Cavalcanti, J. D. N. Silva. **Expansão Urbana Versus Planejamento Em Área De Bacia Endorréica: O Bairro Cidade Universitária, Maceió (AL), Brasil**. In: Pluris, 2010. Portugal, 2010.

LEÃO, T. F.; ABREU, D. A.; LAZZARINI, J. M F.; CHAVES, D. E.; SILVA, V. S. **Movimentos Sociais no Brasil, MST e MTST**. II Colóquio de Nugea. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2016.

MACEIÓ. **Lei municipal nº 5.486 de 30 de dezembro de 2005.** Institui o plano diretor do município de Maceió, estabelece diretrizes gerais de política de desenvolvimento urbano e dá outras providências. Maceió: Câmara Municipal, [2005]. Disponível em: <[https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/Maceio\\_PlanoDiretorAL.pdf](https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/Maceio_PlanoDiretorAL.pdf)>.

MACEIÓ. **Lei Municipal nº 5.593, de 08 de fevereiro de 2007.** Código de Urbanismo e Edificações do Município de Maceió. Disponível em <<http://www.maceio.al.gov.br/wpcontent/uploads/admin/documento/2013/11/Lei-Municipal-5.593-de-08-de-Fevereiro-de-2007-C%C3%93DIGO-DE-URBANISMO-E-EDIFICA%C3%87%C3%95ES-DO-MUNIC%C3%8DPIO-DEMACEI%C3%93.pdf>>.

MATOS, Gustavo. **Diário do Processo Participativo de um Projeto de Habitação, Ocupação Dandara em Maceió/AL.** Trabalho final de graduação. Faculdade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

MACEIO. **Programa Maceió Tem Pressa já pavimentou mais de 50 km de ruas.** Disponível em: <[Prefeitura de Maceió | Programa Maceió Tem Pressa já pavimentou mais... \(maceio.al.gov.br\)](#)>. Acessado em: 5 nov. 2023

MTST. **Após reintegração ilegal e ocupação na praça em frente ao governo, MTST Alagoas conquista terreno.** Março de 2018. Disponível em: <[Após reintegração ilegal e ocupação na praça em frente ao governo, MTST Alagoas conquista terreno - MTST](#)>. Acessado em: 20 out. 2023.

MTST. **Com reintegração marcada, Ocupação Dandara se reúne com poder público e resiste em Alagoas.** Março de 2018. Novembro de 2017. Disponível em: <[Com reintegração marcada, Ocupação Tereza se reúne com poder público e resiste em Alagoas - MTST](#)>. Acessado em: 18 out. 2023

MENEZES, Karina Rossana de Oliveira; LINS, Regina Dulce Barbosa. **O estatuto da cidade e os aspectos da participação na elaboração de planos diretores: a experiência de Maceió.** Oculum Ensaios, [S. l.], n. 7\_8, p. 122–135, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/366>>. Acesso em: 5 mai. 2024.

NASCIMENTO, Nadine. **Tereza de Benguela liderou o maior quilombo do Centro-Oeste do Brasil no século 18.** Folha de São Paulo, julho de 2023. Disponível em: <[Quem foi Tereza de Benguela e qual o seu legado hoje - 25/07/2023 - Cotidiano - Folha \(uol.com.br\)](#)>. Acesso em: 15 out. 2023.

OLIVEIRA, Nathalia. **As mulheres e os movimentos dos sem-teto no Brasil: análise das relações sociais de classes e sexos.** In: V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina. Novembro de 2013.

OVERSTREET, Kaley. "Uma utopia para pedestres: a "cidades de 15 minutos"". Janeiro de 2021. ArchDaily Brasil. (Trad. Bisineli, Rafaella). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/955271/uma-utopia-para-pedestres-a-cidades-de-15-minutos>>. Acessado em: 23 mai. 2024.

PARAHYBA, R. da B. V.; CAVALCANTI, A. C.; LOPES, O. F.; SILVA, F. H. B. B. da; LEITE, A. P.; OLIVEIRA NETO, M. B. de; SANTOS, J. C. P. dos. **Solos do Município de Maceió-AL**. Rio de Janeiro, 2008.

ROLNIK, Raquel. **Plano Diretor Participativo: guia para a elaboração pelos municípios e cidadãos**. Brasília: CONFEA, 2004.

RODRIGUES, N; FERREIRA, S. **Prefeito JHC visita área onde será construído shopping para gerar mais de 1.500 empregos**. Janeiro de 2023. Acessado em: novembro de 2023. Disponível em: <[Prefeitura de Maceió | Prefeito JHC visita área onde será construído... \(maceio.al.gov.br\)](#)>. Acesso em: 3 ago. 2023.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, I. T.; SOUSA, L. T. de; ROCHA, L. G. V. A.; LEÃO, L. G. de S.; SANTOS, V. O.; CARVALHO, Y. J. N.; SANTOS, C. J. S. e. **Ocupação Tereza de Benguela: um território de luta e resistência**. *Diversitas Journal*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1043–1066, 2021. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v6i1-1692. Disponível em: <[https://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal/article/view/1692](https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1692)>.

SANTA FÉ. Características das gramíneas. Disponível em: < [Características das gramíneas | Blog | Sementes Santa Fé \(sementessantafe.com.br\)](#)>. Acesso em: 7 jan. 2024.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

SEDET. **GUIA PRÁTICO CONSTRUÇÃO E REFORMA DE CALÇADAS**. Março de 2020. Disponível em: <[Guia-Prático-Calçadas-rev\\_24mar2020.pdf \(maceio.al.gov.br\)](#)>. Acesso em: 15 mai. 2024.

UFAL. **UFAL inaugura Unidade Docente Assistencial na comunidade do Village II**. Outubro de 2019. Disponível: <[Ufal inaugura Unidade Docente Assistencial na comunidade do Village II — Universidade Federal de Alagoas](#)>. Acesso em: 11 dez. 2023.

UFAL. **Vila Olímpica é inaugurada no terreno doado pela Ufal**. Julho de 2010. Disponível em: <[Vila Olímpica é inaugurada no terreno doado pela Ufal — Universidade Federal de Alagoas](#)>. Acesso em: 8 out. 2023.

APÊNDICE

APÊNDICE A- esboços feitos em observação do lado de fora da Ocupação Tereza de Benguela.

